

Chen Di

O PAPEL DA IMERSÃO NA APRENDIZAGEM DAS FORMAS DE TRATAMENTO EM
PORTUGUÊS EUROPEU POR ALUNOS CHINESES

Dissertação de Mestrado em Português como Língua
Estrangeira e Língua Segunda, orientada pelas Doutoradas Isabel
Poço Lopes e Isabel Pires Pereira, apresentada ao
Departamento de Línguas e Literaturas e Culturas da Faculdade
de Letras da Universidade de Coimbra

2013



Faculdade de Letras

O PAPEL DA IMERSÃO NA APRENDIZAGEM DAS FORMAS DE TRATAMENTO EM PORTUGUÊS EUROPEU POR ALUNOS CHINESES

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	O papel da imersão na aprendizagem das formas de tratamento em português europeu por alunos chineses
Autora	Chen Di
Orientadora	Isabel Poço Lopes
Coorientadora	Isabel Pires Pereira
Júri	1. Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins 2. Doutora Isabel Maria do Poço Lopes 3. Doutor/a Maria da Conceição Carapinha Rodrigues
Identificação do Curso	2º Ciclo em Português Língua Estrangeira e Língua Segunda
Área científica	Língua e Literatura Materna
Especialidade	Linguística Aplicada
Data	29-1-2014
Classificação	15 valores



Índice Geral

Índice de Quadros	5
Índice de Gráficos.....	6
Lista de Abreviaturas.....	7
Resumo.....	8
Abstract	9
Introdução.....	10
Capítulo I – Contextualização teórica	12
1. Conceitos operatórios – aquisição e aprendizagem de LE	12
1.1. Língua Materna e Língua Estrangeira	12
1.2. Transferência linguística.....	14
1.3. Contexto de imersão	15
1.4. <i>Input</i> e <i>output</i>	17
1.5. Competência comunicativa e componente sociolinguística e pragmática	19
2. O sistema das FTs em Português Europeu e em Chinês.....	20
2.1. Formas de Tratamento em Português Europeu	20
2.2. Principais formas de tratamento em chinês e a complexidade do uso	26
2.3. Dificuldades sentidas pelos aprendentes chineses.....	29
2.4. Importância da aquisição das formas de tratamento na aprendizagem de PLE ...	32
Capítulo II – Metodologia.....	33
1. Definição da amostra.....	33
1.1. Perfil dos informantes.....	33
1.2. Os inquéritos	35
1.2.1. Inquérito A.....	36
1.2.2. Inquérito B.....	37
2. Realização da pesquisa e recolha dos dados	41
Capítulo III – Análise e Discussão dos dados.....	43

1. Análise do Inquérito A	43
1.1 Informações fundamentais sobre a experiência de imersão.....	44
1.2 Perceção dos ganhos a nível linguístico	49
2. Análise do Inquérito B.....	51
2.1 Apresentação dos Resultados dos Itens Elaborados no Inquérito B.....	52
2.2 Possíveis efeitos de imersão	78
2.3 Reflexão sobre as dificuldades sentidas por aprendentes chineses na aprendizagem das FTs em português europeu.....	80
Conclusões.....	83
Referências Bibliográficas	86
ANEXOS	I
Inquérito A	II
Inquérito B.....	VI

Índice de Quadros

Quadro 1 - FTs em PE.....	23
Quadro 2 - Dificuldades no uso de FTs em PE por aprendentes chineses.....	30
Quadro 3 – Questões do Inquérito A Parte I: motivo e visão geral da imersão	36
Quadro 4 - Questões do Inquérito A Parte II: efeito de imersão.....	37
Quadro 5 – Classificação dos itens elaborados do Inquérito B conforme a FT em teste	38
Quadro 6 – Classificação dos itens elaborados conforme os fatores determinantes e os tratamentos exigidos nas duas línguas	40
Quadro 7 – Resultados do item 8. do Inquérito A	48
Quadro 8 – Resultados do item 9. do Inquérito A	49
Quadro 9 – Resultados do item 14. do Inquérito A sobre a percepção dos ganhos da imersão a nível linguístico.....	50
Quadro 10 - Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 1. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos.....	53
Quadro 11 - Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 3. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos.....	57
Quadro 12 - Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 5.1. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos	62
Quadro 13 - Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 5.2. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos	63
Quadro 14 - Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 5.3. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos	65
Quadro 15 - Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 5.4. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos	66
Quadro 16 - Fatores decisivos em ambas as línguas no sub-contexto “relação entre os dois professores” do item 6.2. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos.....	72
Quadro 17 - Fatores decisivos em ambas as línguas no sub-contexto “relação entre os professores e os alunos” do item 6.2. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos.....	73
Quadro 18 – Taxa de adequação das respostas em ambos os grupos em contextos distintos de fatores decisivos e FTs exigidas.....	79

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Resultados do item 1. do Inquérito A.....	44
Gráfico 2 – Resultados do item 2. do Inquérito A.....	45
Gráfico 3 – Resultados do item 3. do Inquérito A.....	45
Gráfico 4 – Resultados do item 5. do Inquérito A.....	46
Gráfico 5 – Resultados do item 7. do Inquérito A.....	47
Gráfico 6 – Resultados do item 1. do Inquérito B.....	52
Gráfico 7 – Resultados do item 2. do Inquérito B.....	55
Gráfico 8 – Resultados do item 3. do Inquérito B.....	56
Gráfico 9 – Resultados do item 4.1. do Inquérito B.....	58
Gráfico 10 – Resultados do item 4.2. do Inquérito B.....	60
Gráfico 11 – Resultados do item 5.1. do Inquérito B.....	61
Gráfico 12 – Resultados do item 5.2. do Inquérito B.....	62
Gráfico 13 – Resultados do item 5.3. do Inquérito B.....	64
Gráfico 14 – Resultados do item 5.4. do Inquérito B.....	66
Gráfico 15 – Resultados do item 6.1. do Inquérito B.....	68
Gráfico 16 – Resultados do item 6.2. do Inquérito B.....	71
Gráfico 17 – Resultados do item 7.1. do Inquérito B (vocativo).....	74
Gráfico 18 – Resultados do item 7.1. do Inquérito B (complemento indireto)	75
Gráfico 19 – Resultados do item 7.2. do Inquérito B.....	77

Lista de Abreviaturas

Ap - Apelido

FTs - Formas de tratamento

LA - Língua-alvo

LE - Língua estrangeira

L2 - Língua segunda

LM - Língua materna

Np - Nome próprio

NpAp - Nome próprio + Apelido

NV - Nome vocativo

PE - Português Europeu

Pes. sing. - pessoa do singular

Pes. pl. - pessoa do plural

PLE - Português como língua estrangeira

QECR - Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

SN - Sujeito nulo

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o papel desempenhado pela imersão na aprendizagem da língua portuguesa, mais especificamente das *Formas de Tratamento* em português europeu, por parte de aprendentes chineses.

Para determinar o efeito da imersão, consideraram-se dezanove alunos que estudaram português, durante dois anos, na Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (XISU), tendo alguns deles vindo depois para Portugal continuar esse estudo. Todos os dezanove alunos foram divididos em dois grupos: um grupo de imersão (alunos que viveram e estudaram português, em Portugal, durante dez meses) e um grupo de controlo (alunos que nunca estudaram português em contexto de imersão, isto é, que decidiram não vir para Portugal prosseguir a aprendizagem do português). O primeiro grupo foi submetido a dois inquéritos: um que visava conhecer o motivo pelo qual estes alunos decidiram vir estudar para Portugal, bem como a sua perceção sobre o efeito da imersão na aprendizagem da língua-alvo; outro, a que também foi sujeito o grupo de controlo, que tinha como objetivo avaliar o domínio das formas de tratamento em português europeu por parte dos informantes e, conseqüentemente, identificar possíveis ganhos trazidos pela imersão a que eles se encontraram sujeitos.

O inquérito A permitiu concluir, por um lado, que o principal objetivo dos alunos que integraram o programa de imersão foi aperfeiçoar o seu conhecimento linguístico e cultural do português, e por outro, que a compreensão oral e a expressão oral foram os domínios em que houve mais ganhos. Relativamente ao domínio das formas de tratamento, o Inquérito B mostrou que o grupo de imersão regista em todas as questões uma taxa de acerto mais alta do que o grupo de controlo, sendo essa taxa ainda mais alta nos casos em que não há coincidência entre as formas de tratamento usadas em chinês e em português, embora o(s) fator(es) que determina(m) a sua escolha seja(m) exatamente o(s) mesmo(s). Estes dados levaram-nos a concluir que o contexto de imersão tem uma grande influência no domínio das formas de tratamento em português por parte de aprendentes chineses.

Palavras-chave: aprendizagem de português língua estrangeira; imersão; formas de tratamento

Abstract

This study aims to evaluate the role and effect of immersion in Portuguese language learning, more specifically the Address Forms in European Portuguese, by Chinese learners.

To determine the effect of immersion, nineteen students of the Xi'an International Studies University (XISU), who have studied Portuguese for two years, were divided for our research into two groups: group of immersion (students who were studying in Portugal, during ten months) and control group (students who have never studied Portuguese in the context of immersion). The first group underwent two surveys: one aimed to know why these students decided to join the immersion program, and their perceptions about the effect of immersion in learning the target language, and another, which was also subject the control group, aimed to assess use of the address forms in European Portuguese by these students and consequently identify possible gains brought by immersion of these learners.

The survey A concluded that, the main objective of the students who joined the immersion program was to improve their linguistic and cultural knowledge of Portuguese, and secondly, that the oral comprehension and oral expression were areas where there was more gains. Regarding the address forms, the survey B showed that the immersion group show higher hit rate on all issues than the control group and this rate is even higher in cases where there is no coincidence in address forms between Chinese and Portuguese, although the factor(s) that determine the choice is (are) exactly the same. These data led us to conclude that the immersion context will have a major influence in grasp of Portuguese Address Forms.

Keywords: portuguese foreign language learning; immersion; address forms

Introdução

Tem havido nos últimos anos um grande incremento do ensino de português na China. O Departamento de Português da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (XISU), em particular, tem-se dedicado ao desenvolvimento do ensino da língua de Camões, mas depara-se com a falta de docentes qualificados. Nesse sentido, os alunos de português desta universidade fazem os dois últimos anos de aprendizagem da língua portuguesa em contexto de imersão, inseridos em programas de intercâmbio ou através de uma candidatura individual a universidades portuguesas.

Esta imersão linguística permite aos aprendentes de uma língua estrangeira (LE) a aquisição de aspetos linguísticos, sociais e culturais de forma natural e inconsciente e favorece bastante o progresso na aprendizagem da língua estrangeira num período relativamente curto, dada a quantidade e a qualidade do *input* recebido. As formas de tratamento (FTs), em particular, enquanto porta importante de acesso à convivência e interação sociais, permitindo a apresentação do respeito mútuo e a preservação de faces dos alocutários, constituem um aspeto da língua portuguesa que a imersão pode ajudar a adquirir de forma mais natural e inconsciente.

O presente trabalho tem precisamente como objetivo principal perceber o efeito que a imersão desempenha na aprendizagem do Português Europeu (PE) por parte de aprendentes chineses, mais propriamente na aprendizagem das FTs. Isto é, o trabalho pretende avaliar os ganhos resultantes da imersão no país da língua-alvo (LA).

A escolha desta temática nasceu da necessidade de perceber até que ponto o contexto de imersão é um fator determinante na aprendizagem de um aspeto muito específico da língua portuguesa e também avaliar o plano de estudo do curso de Português que a Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (XISU) leva a cabo anualmente. Na verdade, com os resultados obtidos na nossa pesquisa, teremos a oportunidade de refletir sobre possíveis melhorias que podem ser introduzidas na abordagem das FTs do PE em contexto de ensino formal, na Universidade de Xi'an, a partir do nível elementar.

Partimos para esta pesquisa com um conjunto de hipóteses que pretendemos confirmar ou infirmar, mediante os dados que vamos recolher e analisar:

- a) a imersão desempenha um papel muito importante na aquisição/aprendizagem das FTs, desde logo porque este aspeto da língua é determinado por muitos fatores, sobretudo de natureza cultural, que apenas podem ser cabalmente

apreendidos na interação social diária, isto é, em situações reais de comunicação;

- b) o efeito de imersão varia de acordo com o nível de proficiência que um determinado falante tem da LA;
- c) os aprendentes chineses de PE, na aprendizagem das FTs, tendem a fazer transferência negativa na construção do sistema interlinguístico, dado que a sua língua materna e a LA são línguas distantes.

Em termos metodológicos, foi constituída uma amostra de dezanove alunos da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (XISU) que estudaram português durante dois anos, na mesma turma e com níveis de proficiência semelhantes. Estes alunos foram divididos em dois grupos: o grupo de imersão (constituído pelos alunos que estiveram a estudar em Portugal durante dez meses) e o grupo de controlo (constituído pelos alunos que nunca estudaram português fora do seu país).

Elaborámos dois inquéritos com os objetivos de: i) perceber o motivo pelo qual os alunos do primeiro grupo decidiram integrar o programa de imersão; ii) saber que perceção tinham sobre qual seria o efeito da imersão na aprendizagem da LA; iii) avaliar o domínio das FTs em PE por parte dos dois grupos e, conseqüentemente, identificar possíveis ganhos trazidos pela imersão a que os informantes do primeiro grupo se encontraram sujeitos.

Os dados recolhidos a partir dos inquéritos foram analisados de forma estatística, tendo em conta os diferentes tipos de questões presentes nos inquéritos, recorrendo-se a quadros e gráficos para facilitar a leitura dos resultados.

O trabalho estrutura-se em três capítulos. No capítulo I definem-se conceitos operatórios fundamentais, ligados ao domínio da aquisição e aprendizagem de uma língua não materna e que fundamentam teoricamente a nossa pesquisa. Neste capítulo descreve-se ainda os sistemas das formas tratamento do PE e do chinês, realçando as principais diferenças entre eles, e elencam-se as principais dificuldades sentidas pelos aprendentes chineses na aprendizagem das FTs do PE.

O Capítulo II descreve de forma pormenorizada toda a metodologia: a descrição do perfil dos informantes; a apresentação dos inquéritos e justificação das questões que os compõem; a descrição dos métodos de recolha das respostas.

Finalmente, no Capítulo III, apresentam-se os resultados recolhidos e analisam-se e discutem-se os dados.

Capítulo I – Contextualização teórica

Neste capítulo, apresentam-se os conceitos que nos permitirão fundamentar teoricamente o nosso trabalho. Tendo em conta que a nossa pesquisa, como já referimos na Introdução, pretende avaliar o papel do contexto de imersão no processo de aprendizagem das FTs em PE, por parte de falantes chineses, definiremos o conceito de Língua Estrangeira (LE), por oposição ao de língua materna (LM); apresentamos o que entendemos por transferência linguística, contexto de imersão, *input* e *output*; e, finalmente, apresentamos uma síntese do sistema de FTs em português e em chinês e, conseqüentemente, damos conta das principais dificuldades que os nossos informantes chineses sentem no processo de aprendizagem do sistema das FTs em PE.

1. Conceitos operatórios – aquisição e aprendizagem de LE

1.1. Língua Materna e Língua Estrangeira

Língua Materna, por muitas vezes designada por *Primeira Língua* ou *Língua Nativa* (Gass & Selinker, 2008: 7), é a primeira língua que se aprende na infância e aquela em que se atinge melhor proficiência, podendo não corresponder à língua oficial do país onde o falante se insere. É a língua que se ouve e se usa desde o nascimento de um indivíduo e se adquire ao longo do crescimento. É a língua que “se fala em torno de uma criança durante os primeiros anos de vida e através da qual adquire o uso da língua” (Mateus, 2006: 98), também descrita “como forma de construção da pessoa e de comunicação quotidiana do indivíduo” (Mateus, 2002: 2).

A aquisição da LM realiza-se paulatinamente, de forma natural e inconsciente, ou melhor, não objetivamente, no seio do ambiente familiar e de interações pessoais. Segundo Revuz, “muito tempo antes de poder falar, a criança é falada intensamente pelo seu ambiente, e não há uma palavra que não seja, a um só tempo, designação de um conceito e discurso sobre o valor atribuído a esse conceito pelo ambiente” (1998: 219). Além disso, o que se adquire não se restringe à língua propriamente dita, mas também à cultura do meio envolvente. Ao longo da aquisição da LM, adquirem-se conhecimentos a nível linguístico, sócio-cultural e cognitivo.

O nível de proficiência da LM pode ser aperfeiçoado pela educação escolar/instrução formal. Aliás, a formação das componentes linguísticas da LM constitui uma base fundamental para a aprendizagem de outras línguas, e ao mesmo tempo, influenciam-na.

No caso dos nossos informantes, falamos de **Língua Estrangeira**, pois estamos a falar de aprendentes chineses que aprendem a língua portuguesa que, na China, “não tem qualquer estatuto sociopolítico” (Leiria, 2004: 1), servindo apenas como “referência sócio-política e cultural” (Mateus 2002: 2). É uma língua de outra nação, desconhecida e estranha.

A aprendizagem de uma LE só é possível após se ter acesso à linguagem através da LM, ou seja, dependendo das habilidades linguísticas adquiridas na LM. É consciente e objetiva, ao contrário da aquisição da LM. Durante a aprendizagem de uma LE, não se estabelecem tantas interações pessoais, o que dificulta a prática linguística, quer a “prática de expressão” quer “a corporal”, como afirma Revuz: “temos aí uma das pistas que permitem compreender por que é tão difícil aprender uma língua estrangeira” (1998: 217). Consideramos a falta de *input* (conceito que definiremos mais adiante) como o fator essencial que menos facilita a aprendizagem de uma LE.

Aprende-se uma LE, muitas vezes, mediante a instrução escolar, caracterizada pelos seguintes aspetos:

- Possui um plano de estudo especificamente elaborado, com fins culturais, literários, económicos e políticos, entre outros; e bem estruturado, dedicando-se a desenvolver competências comunicativas de maneira artificial, através de prática nas áreas de compreensão oral, expressão oral, expressão escrita, entre outras;
- Muitas vezes, os docentes que lecionam as aulas da LE não são falantes-nativos, apesar de ser muitas vezes exigido o uso da LE como língua corrente nas aulas;
- Utilizam-se materiais criativos e “textos adaptados”, por falta de recursos autênticos; aprende-se como se pode usar corretamente a LA, lendo textos literários e científicos.

Em suma, podemos dizer que a LM é a primeira língua que se aprende na infância e a LE pode ser a segunda, no caso de um indivíduo de LM única (como o chinês), excluindo casos de falantes bilingues e multilingue.

De igual modo, LM e LE têm maneiras bem distintas de serem aprendidas, mas mantêm relações estreitas uma com a outra:

- Aprende-se uma LE com habilidades linguísticas e cognitivas adquiridas na LM; o falante tem tendência a reutilizar métodos usados na aprendizagem da LM na aprendizagem da LE;
- A distância linguística entre LM e LE influencia a velocidade de aprendizagem da LE; essa velocidade é determinada pela maior ou menor proximidade estrutural e semântica dos sistemas das duas línguas;

- Pode haver transferência positiva e transferência negativa em vários aspectos da aprendizagem da LE.

1.2. Transferência linguística

Resultante das relações estreitas entre a aquisição da LM e a aprendizagem de uma LE e da maior ou menor proximidade das estruturas entre a LM e a LE, pode dar-se “**transferência linguística**”, “termo que identifica a transposição de formas e significados de uma língua para outra” (SILVA, 2005: 105).

A transferência linguística corresponde a um dos processos que atuam na construção da interlíngua de que fala Selinker (1972), isto é, “a separate linguistic system based on the observable output which results from a learner’s attempted production of a TL norm” que tem como elementos fundamentais “(1) utterances in the learner’s native language (NL) produced by the learner; (2) IL utterances produced by the learner; and (3) TL utterances produced by native speakers of that TL” (Selinker 1972: 214).

Grosso modo, a transferência diz respeito à presença de informação linguística da LM nos enunciados produzidos em LE, isto é, “the influence resulting from the similarities and differences between the target language and any other language that has been previously (and perhaps imperfectly) acquired” (Odlin, 1989: 27). Podemos simplesmente dizer, na linha de Corder (1993) *transferência* quer dizer “influência da língua materna”. Essa influência pode ser de nível léxico, fonológico e sintático, entre outros.

De acordo com Gass (1979), no processo de aquisição de uma língua, ocorre certamente a transferência linguística. Porém, é importante acrescentar que alguns aspectos linguísticos parecem ser transferidos com mais facilidade do que outros. Na verdade, de uma forma geral, não se transfere a morfologia inteira da LM (Weinreich, 1953); a transferência da sintaxe, por exemplo, acontece com mais frequência. Assim, podemos dizer que os aprendentes pretendem transferir formas e significados e a sua distribuição da LM para uma segunda língua, ou seja, conhecimentos linguísticos anteriores. Do ponto de vista das teorias behavioristas, os aprendentes, além de transferirem conhecimentos linguísticos anteriores, reutilizam hábitos antigos na aquisição/aprendizagem de uma outra língua.

A partir da designação comumente aceita (influência da LM), e tendo em consideração a maior ou menor distância estrutural e semântica entre a LM e a LA, pode-se falar de *transferência positiva* e *transferência negativa*, também designada por *interferência*. Ambos os termos são tratados e descritos por Ellis (2000: 300), sob um ponto de vista behaviorista:

- Transferência positiva: a grande semelhança entre a LM e a LE permite aos aprendentes uma aquisição/aprendizagem mais fácil;
- Transferência negativa: quando existe maior diferença entre as duas línguas, aumenta a dificuldade de aquisição/aprendizagem e vão aparecer erros. Tais erros e “maus hábitos” são considerados como prejuízos numa aquisição/aprendizagem com sucesso, por impedir a formação dos hábitos corretos da segunda língua.

Os fatores que determinam a transferência são vários e de oriundos de áreas distintas (linguística, psicolinguística e sócio-linguística) (Ellis, 2000: 315):

1. Language level (phonology, lexis, grammar, and discourse);
2. Social factors (the effect of the address and of different learning contexts on transfer);
3. Markedness (the extent to which specific linguistic features are ‘special’ in some way);
4. Prototypicality (the extent to which specific meaning of a word is considered ‘core’ or ‘basic’ in relation to other meanings of the same word);
5. Language distance and psychotypology (the perceptions that speakers have regarding the similarity and difference between languages);
6. Developmental factors (constraints relating to the natural processes of interlanguage development).

A transferência linguística que um falante chinês faz da sua LM na aprendizagem do português é uma transferência negativa, o que é determinado pela diferença enorme entre os sistemas das duas línguas, desde a ordem dos elementos da frase, a ordem dos elementos da frase, a regência verbal, e, concretamente as próprias FTs.

1.3. Contexto de imersão

O contexto social e linguístico em que os aprendentes de LE se encontram inseridos tem um papel fundamental na aprendizagem da LA e pode influenciar a proficiência linguística dos aprendentes. Trata-se do que vulgarmente designamos *contexto de imersão*, conceito fundamental para a nossa pesquisa.

O termo “imersão” foi utilizado inicialmente para *Canadian French Immersion Programmes*. Neste programa, os falantes-nativos de inglês, língua maioritária, eram educados em francês, língua minoritária. Para Cummins (1988), o termo “imersão” pode referir-se também a vários programas para aprendentes minoritários e distingue vários programas de

imersão: “L2 monolingual immersion programs for minority students”, “L1 bilingual immersion programs for minority students” e “L2 bilingual immersion programs for minority students” (cit. por Ellis 2000: 226).

Ellis considera que é comumente aceite que os programas de imersão são importantes na promoção do desenvolvimento de uma língua segunda num contexto educacional. Há, aliás, estudos que concluem que os estudantes em imersão adquirem a proficiência normal da língua inglesa e mostram o mesmo ou melhor nível do desenvolvimento académico general. Para além disso, revelam menos estereótipos em relação à comunidade da LA e dão mais valor e importância ao contacto inter-étnico (Ellis 2000: 226). Refere, além disso, as razões do sucesso destes programas de imersão, tais como “immersion settings ensure a plentiful supply of input that has been tailored to the learners’ level and is therefore comprehensible” e “the learners’ L1 and their ethnic identity is not threatened, so it is easy for the learners’ adjust to the immersion setting” (Ellis 2000: 226).

Ellis sub-divide ainda o contexto de imersão em dois grupos: o contexto natural (*natural settings*) e o contexto educacional (*educational settings*). Segundo Ellis, o primeiro diz respeito ao ambiente em que se utiliza a segunda língua na comunicação do dia-a-dia (como na rua) e o segundo, aquele em que tem lugar o ensino e aprendizagem da segunda língua (como escolas). Uma vez que a língua é aprendida através da comunicação que tem lugar em situações sociais, de forma natural, a aprendizagem de LE em contexto natural é bem diferente da aprendizagem que tem lugar com ajuda e orientação de materiais didáticos ou em sala de aula (contexto educacional) (Ellis 2000: 12).

Distingue-se o contexto natural de acordo com o papel desempenhado da segunda língua, isto é, a segunda língua serve como a LM da maioria, ou como a língua oficial, quando a maioria fala outras línguas, ou é usada por grupos linguisticamente heterogéneos num contexto internacional. No caso de contexto educacional, podemos falar de: segregação, manutenção da LM, submersão, imersão e curso de LE. Há diferenças entre os termos submersão e imersão; no primeiro, os aprendentes da segunda língua são ensinados numa classe onde os falantes-nativos são dominantes, enquanto no segundo, aprendentes cuja LM tem elevado estatuto são educados na segunda língua, e muitas vezes por professor bilingue.

Para Klein (1986), a aquisição em contexto institucional é guiada, em que os aprendentes se concentram em certo aspeto do sistema linguístico da LA, ao passo que a aquisição em contexto natural é espontânea. No entanto, de acordo com Ellis (2000), talvez seja errado pressupor que a aprendizagem natural é subconsciente e a aprendizagem institucional consciente. Aliás, saber se o processo de aquisição em contexto natural e em sala de aula é igual ou diferente continua a ser uma questão em aberto.

No contexto deste trabalho, entendemos o conceito de contexto de imersão como o ambiente social e linguístico onde os aprendentes de uma LE se inserem, considerando o contexto natural e o contexto educacional. A influência que deriva do facto de os aprendentes viverem no país onde se fala a LA, onde podem receber *input* autêntico e onde recebem instrução formal da LA, é aquilo a que chamamos o **efeito de imersão**.

O grau desse efeito dependerá naturalmente de vários fatores, nomeadamente o nível de proficiência de partida, a distância tipológica que existe entre a LA e a LM (o que é muito visível no caso específico das FTs em português e em chinês), e eventualmente outras línguas que os aprendentes conheçam.

Como ficará claro pelos dados que recolhemos, a opção em vir estudar para Portugal, por parte dos informantes do grupo de imersão foi muito determinada pelo reconhecimento dos benefícios da exposição à LA no seu verdadeiro contexto social (cf. Cap. III). No caso específico das FTs o benefício é ainda maior porque, recebendo *input em* contexto instrucional e em contexto natural os aprendentes terão mais probabilidade de experienciar situações de formalidades distintas (a interação com falantes de idades diferentes, por exemplo; interações em situação de maior formalidade), o que lhes permitirá tomar consciência da adequação das FTs a contextos sociais e conversacionais diferentes.

1.4. Input e output

A imersão é, como acabámos de dizer, um dos fatores determinantes para adquirir o *input* fundamental à aquisição/aprendizagem da LA. O *input* corresponde aos materiais linguísticos a que o aprendente está exposto, no âmbito das interações em que participa de forma mais orientada e controlada, em contexto instrucional, ou mais espontânea, em contexto natural. O *input*, pela sua quantidade e qualidade, manipula portanto a proficiência linguística e acelera a aquisição e aprendizagem da LA. Contactar com a comunidade linguística da LA é pois uma das melhores formas de aprender os seus hábitos linguísticos, que o mesmo é dizer, de aprender a língua falada por essa comunidade.

Esse *input* tem de ser no entanto compreensível: “humans acquire language in only one way – by understanding messages, or by receiving ‘comprehensible input’” (Krashen, 1985: 2). Desta forma, a aquisição de uma segunda língua assemelha-se à aquisição da LM, adquirida de forma natural. No caso da LE, a aquisição depende, portanto, do “*input* compreensível”, o *input* do ambiente em que o aprendente está inserido deve ser compreensível. Isso constitui a condição fundamental para a aquisição; dos conhecimentos já adquiridos; e dos conhecimentos ligeiramente difíceis. Isto significa que se adquirem competências linguísticas a

partir do nível de uma língua já conhecida, enfrentando novos conhecimentos ligeiramente difíceis, ou seja, de um nível mais elevado, com a finalidade de adquirir natural e progressivamente a LA e avançar passo a passo. Os novos conhecimentos devem ser ligeiramente difíceis, evitando, o maior possível, o *input* inválido, incompreensível ou pouco desafiante, isto é, o *input* que não permite o progresso.

Ao contrário da aquisição natural, a aprendizagem exige mais consciência e esforço do aprendente, ou melhor, mais atenção a certos elementos linguísticos. Segundo Schmidt, o aprendente deve prestar atenção mais focada em determinado domínio de língua, por exemplo, na fonologia, no vocabulário, na sintaxe, para alcançar novos conhecimentos nestas áreas e uma proficiência mais próxima dos falantes-nativos.

Em suma, o *input* desempenha um papel determinante na aquisição e aprendizagem de línguas porque serve de fonte ou modelo que pode ser imitado e aprendido, quer na LM quer na LE; e ajuda a formar e organizar elementos gramaticais e cognitivos: no caso da aquisição da LM, o *input* serve como matéria-prima, enquanto na aprendizagem de uma LE, exerce a função de corretor, fazendo com que os aprendentes realizem um reforço ou correção/recuperação possível dos conhecimentos já dispostos e orientando-os a falar de forma mais próxima dos falantes-nativos.

No âmbito do nosso trabalho, como veremos, o *input* é um elemento fundamental para os aprendentes chineses terem consciência do uso adequado das FTs em PE, já aprendidas em contexto educacional, mas sem contexto natural associado.

Da mesma forma, o *intake* «restricted to the type of input that serves the purpose of language acquisition, i.e. the portion of L2 input which is assimilated and fed into the interlanguage system» (Trosborg, 1995: 68), é igualmente importante. Quando o *input* se transforma em *intake* dá-se então a aprendizagem e o aprendente falar, produzir enunciados na LA. Na verdade, para além do *input*, o *output* é também um fator que contribui para a aprendizagem bem-sucedida de uma língua.

Swain concluiu, a partir das pesquisas feitas junto de aprendentes em imersão no Canadá, que, mesmo que o *input* desempenhe um papel importante na aquisição de uma língua, não permite um nível de proficiência semelhante ao dos falantes-nativos. No entanto, pode ser recuperado pela produção e utilização da LA, isto é, o *output*. Skehan (1998), baseando nas funções do *output* na aquisição de Swain (1995) desenvolve seis funções do *output*:

1. “it serves to generate better input through the feedback that learners’ efforts at production elicit;
2. it forces syntactic processing (i.e. obliges learners to pay attention to grammar);

3. it allows learners to test out hypotheses about the target language grammar;
4. it helps to automatize existing knowledge;
5. it provides opportunities for learners to develop discourse skills, for example by producing 'long turns';
6. it is important for helping learners to develop a 'personal voice' by steering conversation on to topics they are interested in contributing to".

Ellis (2003) acrescenta uma outra função do *output*: "it provides the learner with 'auto-input' (i.e. learners can attend to the 'input' provided by their own productions)".

Com tudo isto, podemos concluir que o *input* proporciona elementos relativos à semântica pelo foco na compreensão, enquanto o *output* exige mais a organização da sintaxe e reflete o domínio da língua, procurando então a melhor forma linguística de se exprimir a semântica. Ao realizar produções orais e escritas, reforçam-se os conhecimentos existentes, desenvolvem-se a habilidade do discurso e a organização da sintaxe. Por outro lado, o *output* pode ainda ser avaliado, quer em contexto natural (por falantes nativos ou outros aprendentes com o nível mais elevado de proficiência) quer em contexto institucional/educacional (pelo professor). O *feedback* ajuda o aprendente a conhecer dificuldades e problemas no seu processo de aprendizagem.

1.5. Competência comunicativa e componente sociolinguística e pragmática

Segundo o QEER, os aprendentes de uma LNM são *atores sociais* que desenvolvem várias competências a fim de conseguirem atingir determinadas finalidades, nomeadamente, e em última instância, comunicar eficazmente nessa língua. Nessas competências inclui-se a **competência comunicativa** em língua, aquela que «consists of grammatical competence and knowledge of the sociocultural rules of appropriate language use» (Barron 2003: 8).

A competência comunicativa integra uma componente linguística, que corresponde ao conhecimento da gramática da língua (aspectos fonológicos, morfológicos sintáticos, semânticos e lexicais), e que tem uma relação estreita com "a extensão e a qualidade dos conhecimentos", "a organização cognitiva e o modo como este conhecimento é armazenado" e "a sua acessibilidade"; uma componente sociolinguística, que envolve as condições socioculturais do uso da língua; e, por fim, uma componente pragmática (QEER, 2001: 34-35). São todas essas componentes que entram em ação cada vez que o aprendente tem de ser atuar em contextos comunicativos específicos, isto é, são elas que lhe permitem falar, ouvir, ler e escrever.

É na componente sociolinguística – conjunto de capacidades que permitem lidar com a dimensão social do uso da língua – que se incluem os marcadores linguísticos de relações sociais como as FTs, tema da nossa investigação. Estas formas têm também uma função pragmática na interação social. Por um lado, pertencem aos marcadores linguísticos de relações sociais, dentro das competências sociolinguísticas; por outro, têm relações estreitas com as regras de delicadeza e o princípio de cortesia, o que ajuda a facilitar o contacto com outros e a evitar mal-entendidos na comunicação interpessoal.

Apesar de ser no nível A2 (Elementar), segundo o QECR (2001: 61), “que se encontra a maioria dos descritores que indicam relações sociais (*utiliza fórmulas de delicadeza e formas de tratamento simples do quotidiano*)”, o domínio das FTs constitui para um aprendente chinês uma área problemática e de difícil aquisição, dado, desde logo, a diferença existente entre os dois sistemas de FTs no PE e no chinês. Esses dois sistemas serão descritos nos pontos seguintes (pontos 2.1. e 2.2..)

2. O sistema das FTs em Português Europeu e em Chinês

2.1. Formas de Tratamento em Português Europeu

As FTs surgem da necessidade de tratar outros de forma adequada, reduzindo a tensão comunicativa e facilitando a comunicação social e interpessoal. Têm a função de ligação e acesso ao comportamento comunicativo entre pessoas e fazem parte do Princípio de Cortesia, o que se exige pelo ato de falar e se reforça pela Pragmática. Numa sociedade altamente hierarquizada, as FTs apresentam igualmente uma hierarquia elevada, tendo em conta diferentes estatutos sociais que cada um desempenha. Ao longo do tempo, desenvolvidas juntamente com a evolução social, as FTs alteraram-se gradualmente, aduzindo-se o seu valor histórico, social e linguístico e satisfazendo as necessidades de criar novas formas a partir das existentes ou recuperar o uso das mesmas. No caso de PE, segundo Rodrigues (2003: 342), certas FTs têm a sua utilização restringida a certas zonas e camadas sociais – *vós, vossa senhoria e vossa excelência* – e outras recuperam o uso – *você e senhor*.

As FTs em português manifestam uma grande variedade, riqueza e complexidade semântico-pragmática, e os seus valores pragmáticos dependem, fundamentalmente, dos valores semântico-lexicais e, além disso, dos estatutos dos interlocutores, das relações interpessoais de mais ou menos distância entre eles e do contexto onde tem lugar a interação verbal.

Medeiros (1985) considera na sua dissertação de doutoramento que o uso individual das FTs por parte de cada interlocutor depende sempre de vários fatores, que dizem respeito

não só ao que a autora designa «to considerations of respect, intimacy, solidarity and relative age and/or status (educational, professional or social)», mas também a «the protocol of the situation, the way the hearer wishes to be addressed, the way the hearer is known, a change in mood or environment, the presence of certain other people, a desire to modify the behavior of the hearer or to renegotiate the address form relationship, current fads, a desire for reciprocity and a speaker's reaction to the hearer's efforts to renegotiate the relationship» (cit. por Rodrigues, 2003: 304).

De todos estes fatores, a investigadora presta mais atenção à preservação da «positive publicimage» e «self-concept» do locutor e também do alocutário, e aos fatores de «poder» e «solidariedade». Os últimos dois fatores, propostos por Brown & Gilman, são «insufficient to account for all address form choices» (cit. por Rodrigues, 2003: 305).

Na mesma linha de pensamento, Marques afirma que «a situação, a interação e as regras sociais, tanto quanto as restrições linguísticas, determinam escolhas entre modos de ação e estratégias discursivas culturalmente aceites, embora sempre de acordo com determinada intenção de comunicação, por parte do sujeito enunciativo» e que «qualquer escolha decorrerá sempre, e diretamente, da situação e das relações estabelecidas entre os interlocutores». Destaca os fatores de «fator situação: / formal / não formal / informal», «fator estatuto condicionado por / idade / família / profissão / sexo /...» e «fator marginalidade ou sentido de “out-groupness” [...], em relação a situação(ões) e grupo(s)». (Marques, 1995: 134, cit. por Rodrigues, 2003: 312)

Tal como os dois autores anteriores, Carreira (1995) refere também que existem vários fatores que decidem o uso e a escolha das FTs, dos quais destaca a **hierarquização sócio-profissional**. A autora faz uma ordenação dos fatores decisivos na escolha das FTs, manifestando que a ordem social e as suas hierarquias, as funções de familiaridade, as diferenças de idade e de sexo são, por ordem decrescente, os fatores que, mais diretamente, influenciam a escolha dos tratamentos.

Todos os fatores referidos pelos autores citados, que determinam a escolha que os falantes nativos do PE fazem das FTs nos diferentes contextos discursivos, vão-nos permitir perceber muitas das dificuldades que um falante chinês tem quando usam as FTs na LA. Porém, antes de nos ocuparmos dessas dificuldades, vamos descrever as FTs em português, partindo de vários autores.

Cintra faz uma classificação morfossintática das FTs do PE, dividindo-as em pronominais, nominais e verbais – como Duarte (2010: 135) – e classifica-as segundo critérios pragmáticos em:

Com base em Rodrigues e Duarte, elaborámos um quadro-síntese das FTs em PE. Destacámos a **negrito** as sub-categorias que serão ditas em maior consideração no nosso estudo e que aparecerão nos inquéritos usados para a recolha dos dados relativos ao uso das FTs pelos aprendentes chineses em imersão.

Pronominais	Tu	Você	Vossa Excelência	Vós	Vocês
Verbais	2ª pes. sing.	3ª pes. sing.		2ª pes. pl.	3ª pes. pl.
Nominais	Nome próprio (Np) e/ou Nome próprio + Apelido (NpAp) Nome de parentesco Nome de profissão	Senhor/a e/ou dona Título académico Título nobiliárquico Títulos honoríficos			Nomes de relação especial Nome de afeto Insultos

Quadro 1 – FTs em PE

Passamos de seguida a uma descrição/análise mais pormenorizada de cada uma das FTs referidas.

Tu é a forma de tratamento que se relaciona diretamente com proximidade e/ou intimidade, sendo usada, a nível hierárquico, entre pessoas com o mesmo estatuto e entre as quais há uma relação de grande familiaridade/intimidade. Por norma, o uso desta forma não é aceitável em situações formais, nem entre pessoas de relação afastada, embora atualmente “tenda a ser empregue não só entre íntimos e próximos, mas também entre desconhecidos (jovens) e mesmo de filhos para pais” (Rodrigues, 2003: 343). O uso de *tu*, como veremos, corresponde *grosso modo* ao uso do seu correspondente em chinês (*ni*).

Por seu lado, **você** é a FT usada entre iguais ou desiguais, de superior para inferior ou vice-versa (Rodrigues, 2003: 352). De acordo com Cunha e Cintra, numa obra antiga:

“É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que você possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar você de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia” (Cunha e Cintra, 1984: 294).

Ainda hoje, “os falantes de português padrão altamente escolarizados não chegam facilmente a um consenso relativamente à definição e descrição dos contextos de uso de *você*

e das variáveis sociais a eles associados” (Gouveia, 2008: 94). Aliás, encontramos situações em que a utilização de *você* pode gerar incômodo, nomeadamente a pessoas de idade e hierarquia superior. Neste caso, usa-se preferencialmente o verbo na 3ª pes. sing., com sujeito nulo (SN)⁴, isto é, sem o sujeito explícito.

A forma de tratamento **Vossa Excelência** é um tratamento de alto respeito e atualmente é de uso reduzido. Utiliza-se *Vossa Excelência* em determinadas áreas e situações formais, na escrita sob a forma de abreviatura *V. Ex^a*. Por isso mesmo, não consideramos para o nosso estudo.

Vocês e **vós** manifestam uma identidade semântica (são ambos plural de 2ª pes. pl.) enquanto divergência morfológica (que pedem conjugação diferente), o que dificulta, no caso dos aprendentes chineses, a distinção do uso dos seus singulares, *você* e *tu*, já que a LM destes aprendentes (o chinês), não tem o mesmo sistema de conjugação verbal.

No que toca às FTs nominais, a forma **o(a) senhor(a)** alargou bastante o seu uso, sendo utilizado entre desconhecidos (por exemplo, pessoas idosas ou hierarquicamente superiores), a par de *você*; e também entre conhecidos, mas de menor proximidade. A forma **o(a) senhor/a** pode ser utilizada isolada ou acompanhada de outros elementos. Segundo o QECR (2001: 169), faz parte das FTs formais e pode ser seguida de vários elementos, como nomes, título académico e nome de profissão, entre outros:

“O senhor, a senhora, a menina (+ forma verbal da 3ª. pessoa do singular);

(o) Senhor (+ nome de família – por vezes nome próprio + 3ª. pessoa do singular)

(a) Senhora/Dona/Senhora Dona (+ nome próprio – por vezes + nome de família – + 3ª pessoa do singular);

o Senhor, a Senhora – por vezes opcionais – + título académico – Dr./Dr^a ., Arq^o ./Arq^a ., Eng^o ./Eng^a., Professor(a) + nome próprio + nome de família; por vezes, para homens, só nome próprio, para mulheres raramente só nome de família + 3ª. pessoa do singular;

o/a Senhor/Senhora + nome de profissão ou de função – + 3ª . pessoa do singular: o Senhor deseja...; a (Senhora) Dona Teresa quer...; a (Sr^a) Dr^a. Ana (Almeida) gostaria...; o/a Senhor(a) jornalista faria o favor...;”

De acordo com Rodrigues (2003), não é cortês misturar um tratamento de distância (*senhor*) com outro de proximidade (*nome próprio*), quando o conhecimento não ocorre bilateralmente, ou bilateralmente sim, mas com mistura de níveis diferentes de relações pessoais.

⁴ Como sabemos, o português é uma língua que permite construções com o SN, em que esta é subentendido através das marcas morfológicas, sendo por isso, permitir a sua omissão.

No que toca à escolha de formas nominais de voceamento, o *Np* – representa mais familiaridade e proximidade, em comparação com o *Ap* – ou o *NpAp*. Em relação aos casos em que *Np* aparece acompanhado por *o/a senhor/a*, Rodrigues (2003: 333) acrescenta: “no caso de adultos do sexo feminino, por **a dona**, ou de **a senhora dona**, o grau de familiaridade diminui, aumentando, correlativamente, o de distância”.

A FT **dona**, numa visão geral, possui a função de elevar o nível de consideração ou de respeito de pessoas a quem nos dirigimos. Podemos dizer que é de bom-tom utilizar **Dona** ou **Senhora Dona** antes do nome próprio para tratar pessoas do sexo feminino. Cintra considerava, em 1972, que **a senhora Maria** é uma fórmula que se associa à condição social inferior enquanto **a Senhora D. Maria** à superior, mesmo que hoje em dia haja tendência para suprimir a diferença (Cintra, 1972: 41). Além disso, segundo Rodrigues (2003: 283), em português, “ainda não é usual indivíduos do sexo feminino serem tratados apenas pelo *Np*”, o que corresponde à representação do QECR “para mulheres raramente só nome de família”.

Oliveira analisa as FTs usadas sobretudo por informantes residentes em Évora. Com base no estudo que a investigadora fez, prova-se que um mesmo destinatário pode ser tratado, por diferentes FTs por um (em contextos de diferente grau de formalidade) ou vários locutores, ou por a mesma FT por diferentes locutores, conforme diferentes estatutos pessoais, contextos e relações existentes.

Além disso, a interpretação das FTs pelo locutor pode trazer diferentes valores semânticos e «there is no one-to-one correspondence between form and meaning.» (cit. por Rodrigues, 2003: 301). Conforme o exemplo que a investigadora apresenta, a FT *senhor*, quando utilizada para dirigir-se a um indivíduo que habitualmente tratado por *senhor + título*, pode manifestar os valores semânticos de [+ Intimidade] e [- Respeito]; também pode ser dirigida para alguém que não possua títulos, com os valores de [- Confiança] e [+ Afastamento]; até para tratar alguém que seja tratado normalmente por *menino/Np*, com os valores de [+ Irritação] e [+ Afastamento]. Esses valores semânticos que as FTs transmitem baseiam-se na relação interpessoal e no contexto de comunicação.

Descobre-se ainda que, por razões variáveis – em termos de desconhecimento do estatuto do alocutário, evitação de ofender o alocutário, envolvimento em contexto não habitual, etc. – muitos informantes referiram a necessidade de pensar na escolha das FTs antes de se dirigirem a alguém.

2.2. Principais formas de tratamento em chinês e a complexidade do uso

As FTs em chinês dividem-se, segundo Zuoyingjuan (2007: 5), em “kinship terms and social address forms”. Por sua vez, as FTs sociais subdividem-se em títulos, nomes, pronomes, tratamento de uso comum, tratamento zero e tratamento de intimidade especial, como refere Litian (2012:4), na sua tese de mestrado *The Difference of Address Forms and Cultural Factors*.

Os **títulos (profissionais ou académicos)** utilizam-se para nos dirigirmos a indivíduos que possuem uma hierarquia social relativamente elevada, de acordo com a profissão ou o grau académico. Por seu lado, os **nomes** utilizam-se entre indivíduos da mesma faixa etária (colegas de trabalho, colegas de turma, amigos e pessoas que se acabam de conhecer) e normalmente são usados depois do apelido (*ApNp*), ao contrário do que acontece no português. Noutras situações selecionam-se **pronomes** como FTs (*ni* e *nin*), para tratar interlocutores que estão presentes e com os quais mantemos uma relação de maior ou menor familiaridade, respetivamente.

Em chinês também existe um **tratamento de uso comum**. Trata-se de formas que não manifestam informações acerca do alocutário: nem sobre idade, nem sobre profissão nem estatuto social, etc. Estas formas correspondem a certos tratamentos de parentesco, usadas para nos dirigirmos a pessoas com as quais não temos qualquer tipo de relação de parentesco, mas que são usadas para reduzir a distância interpessoal, como por exemplo *Shushu* (*tio*) e *Ayi* (*tia*). Dentro das formas de uso comum, temos ainda certos tratamentos sociais, tais como *Tongzhi* (camarada), *Shifu* (*mestre*), *Laoshi*⁵ (*professor*), *Xiansheng* (*senhor*), *Xiaojie* (*senhora*), etc. (Zhengjinglan, 2009:5-6)

Há ainda a considerar o **tratamento zero**, que se traduz em certas interjeições ou expressões de chamamento como *Wei!* (*Hi!* em inglês), *Ai! Nashei!* e *Laojia* (*Excuse me*). Este tipo de FTs não é muito usado porque não têm associado a elas um valor de cortesia.

Por fim, encontramos ainda em chinês uma forma que traduz um **tratamento de intimidade especial**, aquele que se usa para tratar, de forma carinhosa, o cônjuge, os filhos ou amigos íntimos, como por exemplo, *qin'ai de*⁶, com o sentido próximo de *honey* em inglês.

A escolha de todas estas FTs, tal como acontece em português, é determinada por vários fatores, nomeadamente o contexto comunicativo, a hierarquia social, a relação interpessoal e a idade (Litian, 2012: 4). De seguida abordaremos cada um dos fatores e o grau de importância que têm na escolha e no uso das FTs em chinês.

⁵ Segundo a mesma autora, *Laoshi*, como tratamento de uso comum, pode ser usado para nos dirigirmos a qualquer pessoa que se assemelhe a um sábio e mesmo que não exerça a profissão de professor/a.

⁶ Dependendo das regiões, existem outras formas de intimidade especial.

O **contexto** formal e informal exige diferentes FTs. Por exemplo, usamos as fórmulas *ApNp* e *Ap + título*, num contexto formal, enquanto num contexto informal, para criar proximidade, utilizamos as FTs de parentesco que não traduzem qualquer tipo de relação familiar.

A **hierarquia social** é outro fator que determina a escolha das FTs. Em princípio, qualquer tratamento de inferior para superior pressupõe o uso de FTs que contenham o título académico ou profissional do locutor superior na hierarquia, ao passo que o tratamento de superior para inferior exige o uso de *ApNp* ou simplesmente nome de afeto. Sempre que não existe diferenciação social ou etária, numa situação informal, as pessoas não usam FTs de respeito.

O fator de **idade** influencia a escolha das FTs, exatamente como hierarquia social. Os mais velhos dirigem-se aos mais novos usando *ApNp*, *Np*, nome de bebé⁷ ou *Xiao (zinho) + Ap*; os mais novos usam FTs tratamentos de parentesco, *Ap + tratamentos de parentesco*, *Ap + título*, entre outros.

Do que foi dito, podemos concluir que o sistema de FTs em chinês traduz relações de poder e de solidariedade – “power and solidary relations can be found in Chinese address system” (Zuoyingjuan, 2007:19). A relação de poder fica evidente nas FTs *Ap + título* (para marcar a hierarquia social), no uso do prefixo *Lao* (“velho” em português, para marcar a hierarquia etária) e nos tratamentos de uso comum; por seu lado, a relação de solidariedade materializa-se no uso das FTs de parentesco – “a typical one is to address non-relatives by kinship terms” (Zuoyingjuan, 2007:20).

A forma como está organizado as FTs em chinês é determinada por fatores culturais. O peso relativo de cada um dos fatores mencionados acima é diferente. *Litian*, assim como muitos outros autores, salienta que, na história e tradição chinesa, a hierarquia (tanto social como etária) desempenha um papel fundamental na vida e no pensamento dos chineses. Para Zuoyingjuan (2007: 36), “the process of address selection is also one of measurement of power and solidarity. Before one person address others, the first question he considers is ‘am I superior or inferior to the other’”. Songzhiping e Zhangshuwu (1997: 21) salientam o cuidado a ter no tratamento dos superiores (de trabalho) e dos mais velhos.

A hierarquia social e a hierarquia etária são, como vimos, fatores decisivos na escolha das FTs em chinês, o que se pode explicar pelo facto de a sociedade chinesa ser muito hierarquizada e em que as pessoas mais velhas são muito respeitadas.

⁷ Nome pelo qual uma pessoa é tratada enquanto criança no seio da família.

Quando os interlocutores fazem parte do mesmo grupo profissional, a escolha das FTs baseia-se, quer de inferior para superior quer de superior para inferior, na hierarquia social. Há, no entanto, algumas exceções. Quando alguém, inferior na hierarquia social, é mais velho, é tratado pelo seu superior mais novo pela fórmula *ApNp* ou nome de afeto, ou ainda *Lao + Ap*, isto é, o superior na hierarquia social recorre à **estratégia de “baixar o seu estatuto para elevar o do outro**, porque a idade assume, nesta situação, uma importância maior do que a hierarquia social. Ao invés, quando os interlocutores não fazem parte do mesmo grupo social, por exemplo, um professor de escola e um vendedor de frutas, na China contemporânea, não se pode dizer que o professor está num nível superior na hierarquia social, sendo neste caso a idade a determinar a escolha das FTs.

Pelo que acabamos de dizer acerca das FTs em português e em chinês, podemos concluir que entre os sistemas das FTs do português e do chinês há mais diferenças do que semelhanças. Podemos ver semelhanças no uso de *ni* em chinês e de *tu* em português. Ambas as formas expressam proximidade e são utilizadas entre iguais e íntimos, e de superior para inferior; não exigem que o locutor e o alocutário se conheçam; há a tendência generalizada para o tratamento de *ni* e *tu* dos filhos em relação aos pais.

Por outro lado, as grandes diferenças residem no uso de *nin* e *você*, e no uso dos títulos, do nome e dos tratamentos de parentesco sem que haja relação familiar envolvida. Usa-se *nin* no Norte da China, para nos dirigirmos aos superiores quer do ponto de vista hierárquico quer do ponto de vista da idade. Nos serviços públicos, todos os clientes, exceto as crianças, são tratados por *nin*, o que permite colocá-los num lugar ilustre. *Nin* pode ser utilizado isoladamente, ou acompanhado por vários elementos. O que o diferencia do português é que, para reforçar o respeito, é obrigatório o aparecimento de *nin* explícito, porque num sistema linguístico que não tem conjugação verbal é sempre o sujeito que indica o grau de proximidade entre o locutor e alocutário; além disso, pode ser usado junto com outras FTs nominais, como *xiansheng* (*senhor*) / *xiaojie* (*menina*) / *nvshi* (*senhora/dona*), título académico, nome de profissão, entre outras.

Os títulos em chinês podem ser dirigidos a pessoas que realmente exercem o cargo e também àquelas que não exercem, com o sentido de elevar o estatuto do alocutário e expressar respeito e consideração. É do uso comum a forma *Ap + título*, não se diferenciando no sexo.

O uso de nomes (completos ou próprios) limitam-se à hierarquia etária e só se usa entre pessoas da mesma faixa etária ou de superior a inferior. De inferior a superior (na hierarquia etária) é proibido tratar por nomes, em vez disso, tratam-se por (*Ap +*) *título*, *Ap + Lao* ou *Lao + Ap*.

Destaca-se também o uso dos tratamentos de parentesco, eventualmente + *Ap* (*Ap* + tratamentos de parentesco) para tratar pessoas sem relação de parentesco para criar proximidade, podendo acrescentar o *Ap* ou não.

2.3. Dificuldades sentidas pelos aprendentes chineses

Tendo em conta a apresentação dos pontos anteriores acerca das FTs em PE e em chinês e, sobretudo, os fatores que determinam a sua escolha, podemos concluir que os falantes das duas línguas seguem diferentes critérios para a escolha e utilização das FTs em diferentes contextos. Em português, de acordo com Carreira (1995), a ordem social e as suas hierarquias, a maior ou menor familiaridade, a idade e o sexo são, por ordem decrescente, os fatores que, mais diretamente, influenciam a escolha das FTs. Em chinês, segue-se principalmente a ordem de hierarquia social e etária, seguida pelo critério de proximidade. Esta é uma constatação que não foi ainda comprovada por estudos na área de linguística mas que todos os chineses reconhecem. Podemos dizer que, num contexto em que os locutores e os interlocutores estão no mesmo nível da hierarquia social, no português se escolhem as FTs tendo em consideração a proximidade da relação pessoal que mantêm entre si, enquanto no chinês se valoriza a idade. Por isso mesmo, é muito difícil para um aprendente chinês de PE considerar as FTs que traduzem proximidade a alguém etariamente superior dele, como por exemplo, o uso da FT verbal na 2ª pes. sing. seguida pelo *Np*.

De uma forma geral, as dificuldades sentidas pelos aprendentes chineses resultam da transferência negativa (cf. Cap. I, ponto 2.) da LM. Essa transferência, embora seja linguística, tem um fundamento cultural, sendo precisamente esse fundamento cultural que faz com que a transferência seja negativa. *Liyi*ng, na sua tese de mestrado *Análise do Uso das FTs em Chinês por Aprendentes de Língua Estrangeira e Sugestões para o Ensino*, confirma as dificuldades que mencionamos, bem como as suas razões.

Através do inquérito que a autora elaborou e administrou para conhecer o uso das FTs em chinês por parte de falantes estrangeiros, ficou clara a importância desse aspeto cultural e que se traduz no facto de os chineses valorizar bastante a hierarquia etária e social, o que não permite a utilização do *Np* ou do *NpAp* quando o alocutário se situa na hierarquia social e etária num nível superior ao locutor (2011:24). Por outro lado, o reconhecimento do grau de formalidade dos contextos também é visto de maneira diferente para um chinês e para um português. Ora se esse é o primeiro critério que influencia a escolha das FTs, isso significa que desta diferença vão nascer as dificuldades, que muitas vezes se traduzem por erros, ou em usos inadequados.

Essas diferenças culturais que se traduzem na transferência negativa da LM influenciarão tanto mais a aprendizagem das FTs da LE quanto menor for o domínio dessa língua. No caso do português e do chinês isso é evidente.

Baseando-nos no que acabamos a dizer e na nossa própria experiência de aprendizagem e ensino do PE como LE a aprendentes chineses, elencamos de seguida as principais dificuldades que este tipo de aprendentes tem no uso das FTs em português. Tentaremos discutir as possíveis razões que podem explicar essas dificuldades.

Dificuldades	Razões possíveis
Reconhecimento do uso de «3ª. pes. sing. (com SN)», como FT de respeito	Transferência negativa da LM; Influência da variedade brasileira.
Uso da fórmula <i>o Np</i> + 3ª. pes. sing.	Inexistência na LM.
Uso de <i>a senhora/dona/senhora dona + Np</i> e uso de <i>o senhor + Ap</i> (assim como a sua combinação com títulos)	Transferência negativa da LM.
Uso de <i>senhor/senhora</i> quando se desconhece o interlocutor	Transferência negativa da LM.

Quadro 2 – Dificuldades no uso de FTs em PE por aprendentes chineses

Os aprendentes chineses costumam usar a forma “*você* + 3ª pes. sing.” para marcar o respeito e a formalidade, porque *você* é, desde o início da aprendizagem do português, traduzido literalmente por *nin*, sendo *nin* em chinês a forma usada para um tratamento formal (muito mais formal que *tu*). Como para um chinês é difícil reconhecer o SN⁸, em situações de formalidade, é usado o *você* como sujeito explícito simultaneamente como marca de respeito, característica de *nin*, que é a forma que corresponde pragmaticamente a *você*. Tal facto leva os aprendentes chineses a manifestarem uso inadequado (*você* + 3ª pes. sing.) em contextos em

⁸ A língua chinesa permite o SN, mas em casos muito restritos. Na maioria absoluta dos casos, exige-se o sujeito explícito. Por isso mesmo, desde o início da aprendizagem do português, os aprendentes chineses são habituados a conjugar os verbos em português seguidos do seu sujeito respetivo, criando o hábito de usar “sujeito + verbo”, como forma de memorizar a conjugação verbal.

que se deveriam utilizar a FT 3ª pes. sing. com SN. Esta dificuldade mantém-se durante o período de aprendizagem, podendo a distinção nunca ser adquirida.

No caso concreto dos informantes da nossa pesquisa poderá haver ainda outro fator a considerar, que pode ditar o uso recorrente de *você* em situações sem que em PE teríamos SN + 3ª pes. sing. Na verdade, estes falantes tiveram no início da aprendizagem um professor brasileiro de conversação, e por isso, habituaram-se ao uso frequente de *você* (como *input* recebido), que no português do Brasil traduz um tratamento informal (semelhante ao tratamento por *tu* no PE). O convívio (*input*) com a variante do português do Brasil pode ter influenciado portanto também o uso inadequado de *você* por parte dos aprendentes chineses.

Além da dificuldade enunciada acima, para um aprendente chinês é também difícil aceitar a fórmula “o *Np*+ 3ª. pes. sing.” para se dirigir a um alocutário que se encontra presente no contexto de comunicação interpessoal, já que, para um falante chinês, esta FT parece indicar que a pessoa a quem nos dirigimos está ausente. Por isso mesmo, poucos alunos chineses conhecem esta forma de tratamento e muito menos o seu uso. Em chinês, quando é necessário dirigirmo-nos a alguém que está presente na conversa, utilizamos *ni* ou *nin*, de acordo com a maior ou menor proximidade entre o locutor e alocutário.

Também o uso de *a senhora/dona/senhora dona + Np* e *o senhor + Ap*, motivado pela diferença entre sexos em português, constitui uma dificuldade para os aprendentes chineses, já que em chinês a distinção entre FTs é determinada não pelo sexo, mas pela maior ou menor proximidade. Isto é, aceita-se *Np* para ambos os sexos numa situação de maior proximidade entre o locutor e alocutário e *Ap+ senhor/senhora/títulos* para ambos os sexos numa situação de menor proximidade. Por exemplo, uma pessoa que em português seja tratada por *Senhora Elsa* vai ser tratada em chinês por *Ap + nvshi (senhora/dona)*; o *Senhor Silva* em português será tratado em chinês por *Silva + xiansheng (senhor)*.

As combinações apresentadas + títulos não são possíveis em chinês, isto é, não há correspondência para tratamentos como *o Senhor Doutor Silva*. Se o alocutário possuir vários títulos, os chineses vão tratá-lo pelo título de maior grau. Portanto, uma combinação como *o Senhor Doutor Silva* oferece muitas dificuldades a um aprendente chinês.

Finalmente, a dificuldade no uso de *senhor/senhora*, quando se desconhece os interlocutores, provém, mais uma vez, a nosso ver, da transferência da LM. Com efeito, quando os chineses não têm muita informação acerca do alocutário, ou não têm certeza da FT mais adequada, preferem os tratamentos de uso comum (cf. ponto 2.2.), nomeadamente os tratamentos de parentesco recorridos, e o tratamento zero (cf. ponto 2.2.), nomeadamente *Laojia (Excuse me)*, acompanhados de *nin*. Talvez por isso, numa situação em que o chinês

desconhece o interlocutor, use *você*, que é, como vimos acima, uma FT que o aprendente chinês interioriza como sinónimo de *nin*.

De tudo que dissemos, parece poder-se concluir que as dificuldades que os aprendentes chineses sentem na aprendizagem das FTs em português se explicam sobretudo pela transferência negativa da sua LM. Interessa perceber então de que forma a imersão linguística pode facilitar a aprendizagem das FTs em PE.

2.4. Importância da aquisição das formas de tratamento na aprendizagem de PLE

Ao longo da aprendizagem do PLE, as FTs desempenham um papel fundamental e de grande importância, tendo em conta a sua função pragmática na interação social. Por um lado, pertencem aos marcadores linguísticos de relações sociais, dentro das competências sociolinguísticas; por outro, têm relações estreitas com as regras de delicadeza e o princípio de cortesia, o que ajuda a facilitar o contacto com outros e a evitar mal-entendidos na comunicação interpessoal.

Duarte (2010) define as FTs como um “item de reconhecida dificuldade”, relativamente não só à sua tradução para outras línguas, mas também ao seu ensino. Exprime também alguns pontos que consideramos como funções das FTs:

“Por regularem as relações intersubjectivas, as formas de tratamento permitem perceber a subjectividade enunciativa, e através delas se valoriza positiva ou negativamente o alocutário. São atravessadas pela atitude subjectiva do locutor, o respeito pelas convenções sociais, os sentimentos em relação àquele com quem se fala e o lugar que se lhe atribui” (Duarte, 2010: 135).

e outros como fatores que precisam de ter em conta:

“O locutor tem de ter em conta, ao dirigir-se ao alocutário, as diferenças sociais, de **idade, a proximidade ou adistância da relação, a formalidade ou informalidade da situação discursiva**, isto é, o conjunto dos papéis sociocomunicativos de um dado acontecimento interacional” (Duarte, 2010: 134 - 135).

Por tudo isto, podemos dizer que as FTs, enquanto porta de acesso a uma LE no âmbito sociolinguístico e pragmático (cf. Cap. I, ponto 5.), constituem uma peça de bastante importância na aprendizagem de LE, em particular no caso dos aprendentes cuja LM e cultura são distinta da LA.

Capítulo II – Metodologia

Neste capítulo, apresentam-se os objetivos e a amostra que serviu de base à pesquisa, bem como os procedimentos para recolher e tratar os dados.

Consideraram-se alunos chineses da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an em novembro de 2012 e recolheram-se os dados através de dois questionários e uma ficha de identificação, contendo perguntas de resposta fechada e aberta. O objetivo era perceber o efeito da imersão na aprendizagem das FTs em PE por alunos chineses, assim como a sua atitude relativamente ao papel da imersão no seu processo de aprendizagem da língua.

Com base nas teorias expostas no início da tese, elaborou-se um inquérito destinado a aferir o uso das FTs por aprendentes chineses, com a perspetiva de comparar o uso destas por dois grupos de alunos, um que acabava de completar o programa de imersão e o outro que nunca tinha estudado fora do país, para assim poder aferir quais os ganhos da imersão.

1. Definição da amostra

1.1. Perfil dos informantes

O conjunto de informantes deste trabalho é constituído por dezoito alunos chineses da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an, universidade onde tenho trabalhado desde 2007. Estes alunos começaram a estudar português em 2009, estando portanto, neste momento, no quarto ano (também o último) do curso de licenciatura. No ano anterior, nomeadamente no ano letivo 2011-2012, doze alunos frequentaram cursos de português em Portugal, alguns em Lisboa e a grande maioria em Coimbra. Este número é bastante significativo, pois corresponde a mais de um terço dos alunos da turma. Por isso mesmo se torna relevante observar o efeito do estudo em imersão, para discutir o plano escolar atualmente executado no curso de Português na Universidade de Xi'an.

A escolha dos informantes foi ditada por várias razões que indicamos de seguida:~

- São nossos alunos: conhecemo-los relativamente bem, quer o nível de proficiência em português, quer ao nível das suas características e capacidades pessoais;
- O número dos alunos em imersão e o número dos que nunca tinham estudado fora da China é relativamente apropriado para o estudo;
- Os alunos em imersão terminaram o seu período de estudos em Portugal há pouco tempo: passaram quatro meses desde a saída de Portugal quando fizeram os inquéritos.

Assim, o grupo é constituído por doze alunos que estudaram em imersão e sete que não têm experiência deste tipo. São todos de nacionalidade chinesa e têm o chinês como LM. Vivem habitualmente na China, cuja língua oficial é unicamente o chinês. No entanto, um dos alunos do grupo de imersão não completou os inquéritos, portanto não foi incluído no trabalho, isto é, consideraram-se as suas informações inválidas.

Então, servem como informantes para o presente estudo, no total, dezoito alunos chineses. Dividimo-los nos dois grupos seguintes:

- O grupo de experimentação (ou grupo em imersão), constituído por onze alunos que frequentaram o Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, da Universidade de Coimbra (nove alunos) e o Curso Anual de Português para Estrangeiros, da Universidade de Lisboa (dois alunos) no ano letivo 2011-2012 durante dez meses;
- O grupo de controlo, constituído por sete alunos que nunca estudaram o português fora da China (apenas três alunas estudaram português em Macau, no Curso de Verão de Língua e Cultura Portuguesas).

Utilizamos essa metodologia de distribuição, porque o principal objetivo deste trabalho é discutir o efeito ou a contribuição da imersão na aprendizagem de uma LE. Temos então o grupo de imersão, constituído pelos alunos que acabam o curso de português em imersão, e o grupo de controlo, constituído pelos alunos que não entraram no programa de imersão, mas que pertenceram à mesma turma dos alunos em imersão e que têm o mesmo tempo de aprendizagem do PLE. A constituição deste segundo grupo permitirá comparações que podem ser relevantes e que ajudarão decerto a definir o papel da imersão na aprendizagem das FTs em português.

Os nossos informantes têm o inglês, o português e o japonês como línguas estrangeiras, de acordo com as especificidades que apresentamos de seguida:

- Estudam o inglês desde pequenos, visto que o ensino desta língua é exigido pela política educativa chinesa, apenas variando, de cidade para cidade, o ano escolar do seu começo. A maioria dos informantes começou a aprender o inglês a partir da escola secundária e os restantes começaram na escola primária, continuando todos o seu estudo ao longo da universidade. Além da formação escolar, estudam em escolas de línguas e praticam-no por vários meios, como por exemplo, na Internet, através de filmes e durante viagens, com falantes nativos de inglês;

- No que diz respeito ao português, começaram todos a aprender na universidade sem nenhum conhecimento anterior. Estudam o PE e também o do Brasil, tendo simultaneamente leitores nativos dos dois países. Fora das aulas, praticam-no com alunos brasileiros de programas de intercâmbio da universidade e com poucos portugueses, já que quase não se encontram portugueses na cidade onde estudam;
- Dois alunos referem que aprendem o japonês informalmente e que falam um pouco.

Como referimos acima, estes alunos estudam português há mais de três anos, essencialmente na Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an. Nos primeiros dois anos de estudo, tiveram maioritariamente leitores brasileiros e duas professoras que falavam PE; a professora principal que os ensinou domina também o português do Brasil. Assim podemos dizer que estes alunos, desde o início da aprendizagem, vieram sendo confrontados com normas diferentes, manifestando maior motivação para o português brasileiro.

Convém acrescentar que cinco alunos do grupo de imersão e três do grupo de controlo tinham já estudado português em Macau durante um mês, no Curso de Verão. No terceiro ano de estudos, nove alunos frequentaram o Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, na Universidade de Coimbra, e dois o Curso Anual de Português para Estrangeiros, na Universidade de Lisboa, no ano letivo 2011-2012. Relativamente ao nível linguístico destes onze alunos, dos nove de Coimbra, três frequentaram o nível B2+, dois o nível B2 e quatro o nível B1+, enquanto as duas alunas de Lisboa frequentaram o nível C1⁹.

1.2. Os inquéritos

Como já dissemos, para recolher dados junto dos informantes, elaborámos dois inquéritos: o **Inquérito A** – «Motivo e Efeito da Imersão em Portugal por Aprendentes Chineses» – e o **Inquérito B** – «Uso das Formas de Tratamento de PLE por Aprendentes Chineses». Pretende-se conhecer, mediante o primeiro: (i) a motivação dos informantes selecionados para a imersão (ii) o contexto de imersão (natural e educacional) e (iii) a perceção dos informantes sobre os ganhos, geralmente linguísticos e culturais. Quanto ao segundo inquérito, foca-se no uso das FTs em determinadas situações criadas.

O grupo de controlo não respondeu ao Inquérito A, nem a nenhum de natureza semelhante, para saber quais as razões por que eles não integraram um programa de estudo em imersão. Essas razões podem ser variadas, mas não são relevantes para o objetivo

⁹ Nota-se a possibilidade de os critérios de exigências para a colocação em níveis nas duas universidades serem diferentes.

essencial do nosso trabalho: recolher informações sobre a experiência de imersão dos alunos, para discutir o seu papel na aprendizagem de PLE.

1.2.1. Inquérito A

Tendo como objetivo conhecer os motivos e efeito da imersão por aprendentes chineses, nasce o Inquérito A – «Motivo e Efeito da Imersão em Portugal por Aprendentes Chineses». Divide-se em duas partes: Motivo e Visão Geral da Imersão vs. Efeito da Imersão, enquanto a primeira destina-se ao motivo e à atitude sobre o estudo de português em imersão e a segunda aos ganhos.

Objetivos	nº de questão
Motivação de imersão e escolha do destino	1., 2. e 3.
Candidatura e o período de imersão	4. a 7.
Contexto de imersão	8.
Línguas faladas durante a imersão	9.

Quadro 3 – Questões do Inquérito A Parte I: motivo e visão geral da imersão

A primeira parte do Inquérito A é composta por nove questões, de escolha múltipla e resposta livre, através das quais se pretende saber o motivo da imersão dos informantes, a razão por que escolhem o país e a universidade destinatária, o meio de candidatura, o período de imersão, as pessoas moram e as línguas faladas durante a imersão.

Para conhecer a motivação de imersão e os fatores da escolha do destino, elaboramos as questões 1., 2. e 3. Pretende-se perceber a motivação principal para ajudar a análise dos dados, por ter em consideração a influência da motivação no processo da aprendizagem de uma LE.

As quatro questões seguintes (4., 5., 6. e 7.) surgem da necessidade de completar as informações em relação à imersão, nomeadamente o modo de candidatura ao curso e o período da imersão e as suas causas respetivas. A questão 8. focaliza-se no contexto de viver, designadamente a nacionalidade das pessoas com quem vive, tendo na visão o efeito do *input*. É evidente que se diferenciam casos em que os informantes moram com falantes nativos dos que convivem com chineses.

Finalmente, a questão 9. refere-se à frequência do uso da LM, da LA e da primeira LE (o inglês) durante o período de imersão, quer no contexto natural quer no contexto educacional. Devido número de alunos chineses no Curso Anual para Estrangeiros, deduzimos

que haja uma forte possibilidade de os alunos comunicarem com outros alunos chineses na sua LM.

Objetivos	Nº de questão
Aspetos em que obtêm ganhos	10. a 15.
Atitude da importância das FTs	16. e 17.

Quadro 4 - Questões do Inquérito A Parte II: efeito de imersão

Em relação à segunda parte, o efeito da imersão, recorre-se a questões de escolha múltipla, ordenação e resposta livre, com a finalidade de entender quais os aspetos nos quais os informantes obtêm mais e menos ganhos. Neste inquérito pede-se ainda aos informantes que indiquem as disciplinas que frequentaram e o uso das FTs ao longo da imersão. Com essa intenção, oferecem-se vários aspetos linguísticos e culturais para escolher e ordenar. São nomeadamente sete escolhas relativas a linguística, incluindo gramática, expressão oral, expressão escrita, expressão oral, cultura, fonologia e pragmática.

As questões 16. e 17. testam a atitude face ao uso das FTs durante a imersão, ajudando-nos a perceber, de forma geral, a atenção e a atitude dos informantes em termos das FTs, incluindo a alternativa “ensinam-se (as FTs) nas aulas” – serve como fator significativo do domínio das FTs no contexto educacional.

O Inquérito A foi realizado pelos informantes em chinês e depois traduzido para português. Tentou-se evitar assim a possibilidade de ocorrência de respostas inválidas causadas pela má compreensão das questões.

1.2.2. Inquérito B

O Inquérito B – «Uso das Formas de Tratamento de PLE por Aprendentes Chineses» – foi elaborado especificamente para testar o uso das FTs em PE. O inquérito contém, no total, sete itens, com várias perguntas, que variam em termos de tipologia de respostas, para não tornar o inquérito monótono: há questões de escolha múltipla, de ordenação e de resposta aberta orientada, sendo que há questões que visam testar quer o nível de reconhecimento, quer o uso concreto das FTs.

Assim, o Inquérito B tem como objetivo conhecer o efeito de imersão e a influência da transferência da LM em termos da escolha das FTs, a partir dos fatores determinantes diferentes nas duas línguas.

Para testar o reconhecimento e o uso das FTs por parte dos nossos informantes foram elaborados, no total, sete itens, com a seguinte distribuição:

A. Itens de reconhecimento:

- Quatro itens de escolha múltipla, em que se pede aos informantes para escolher a resposta mais apropriada;
- Um item de ordenação por grau de formalidade, com justificação de uma das duas questões.

B. Itens de produção:

- Dois itens de resposta orientada, exigindo uma resposta breve em termos das FTs.

Os itens de reconhecimento funcionam para refletir o domínio de certas FTs cujo uso é relativamente simples (como as FTs pronominais e algumas FTs nominais) e a precisão do uso destas, através de lidar com expressões dadas nos itens.

Os itens de produção, por seu lado, dão-nos mais informações sobre os ganhos, para além do uso das próprias FTs, assim como o reconhecimento das situações em que se utilizam; a combinação entre as FTs nominais, por exemplo, *a senhor + Np*; até a construção de frases, combinando vários elementos como saudação, tratamentos (pro)nominal e verbal.

Categoria	Itens nº	FTs em teste
Itens de reconhecimento	1. e 3.	Tratamento a jovem desconhecida e colega de meia-idade (mistura de fatores de idade e proximidade)
	2.	Tratamento de filho aos pais
	4.	Ordenação pelo grau de formalidade
	5.	<i>Np</i> e <i>Ap</i> e as suas combinações com outros tratamentos
Itens de produção	6.	a 2ª e a 3ª pes. sing. em contextos diferentes
	7.	Título académico

Quadro 5 – Classificação dos itens elaborados do Inquérito B conforme a FT em teste

Dos sete itens elaborados, os itens 1. a 5. são de reconhecimento enquanto os 6. e 7. são itens de produção. Nos primeiros utiliza-se um tipo de item de escolha múltipla e de ordenação; já nos segundos solicita-se a construção de frases e FT nominal, a partir do reconhecimento das FTs.

No item 1. pede-se aos alunos para escolher o modo mais adequado para pedir instruções em relação a um caminho a uma jovem desconhecida, uma situação bem comum no dia-a-dia. Não se exige os alunos que apresentem todas as respostas possíveis, pois a finalidade é perceber qual é a seleção das FTs pelos alunos perante os fatores de idade e proximidade. Foi colocada uma alternativa em que aparece *você* com 3ª pes. sing., para confundir os alunos e, assim, ver o efeito da imersão. Prevemos que os nossos informantes darão menos opção da FT *a menina* porque esta lhes parece um tratamento cujo uso não conheceram durante a aprendizagem anterior.

O item 3. tem a mesma função que o 1., diferenciando-se apenas nos fatores envolvidos: grande proximidade com mais idade. É um caso cuja escolha não é fácil nem simples para aprendentes chineses, devido à grande distinção que se verifica nas FTs quando está em causa o tratamento em relação a pessoas mais velhas. São elaboradas também quatro respostas, sendo a primeira é a mais apropriada; a segunda seria possivelmente a escolha feita por mais alunos, em virtude da diferença cultural.

No que concerne ao tratamento de filho aos pais, pensamos que, durante a imersão, não será fácil conhecer muitos tratamentos de parentesco. Nesse sentido, selecionamos a relação pais-filho para saber a tendência do uso de *tu*, *você* e SN. Assim surge o item 2., com uma questão de escolha múltipla com três alternativas, pressupondo uma opção de interferência devido ao aparecimento de *você*. Aliás, temos a previsão de que os informantes farão a escolha independentemente do uso das FTs em português, seguindo a regra da sua LM, semelhante à do português.

O item 4. é composto por dois itens, testando o conhecimento do grau de formalidade de certas FTs pela ordenação. A questão 4.1. destina-se a testar o reconhecimento do uso apropriado de *tu*, *você* e *o Np*, através de uma ordenação por grau de formalidade das três frases dadas. Para os informantes de nível B1+, não parece difícil a ordenação: de *tu* a *o Np* + 3ª pes. sing., do mais informal ao mais formal. Não se coloca neste item uma alternativa com o aparecimento de *você*, visto que não se considera como uso apropriado e não se deve, neste sentido, servir como itens para ordenar. O item 4.2. focaliza-se no uso de *senhora* e *dona*, e tal como o 4.1., exige a ordenação, por grau de formalidade, dos quatro tratamentos usados. Em si próprio, o item 4.2. não apresenta, a nosso ver, grande dificuldade, no que diz respeito à ordenação, do mais ao menos formal, enquanto a ordenação dos dois no meio, isto é, o grau de *senhora +Np* e *dona +Np* leva mais tempo aos informantes.

O item 5. foi feito especificamente para testar o uso de “nome próprio e apelido e a combinação com outros tratamentos”. É um item composto por quatro questões de escolha múltipla, com o objetivo de tentar conhecer o domínio das FTs em termos de *Np* e *NpAp* –

umas das FTs «formais» referidas pelo QEER (cf. ponto 3.1 do Cap. I). Presta-se mais atenção na utilização de dirigir-se aos homens pelo *Ap* e ao sexo feminino pelo *Ap*. Neste item os alunos encontram várias pessoas de idade e classe social diferente e, para se dirigirem a eles de forma delicada têm que tomar em consideração os fatores de idade, proximidade e o cargo social, presentes nas informações pessoais dadas no item.

De entre as quatro questões do item 5., consideramos que a questão 5.2. terá menos resposta adequada, pelo facto de os informantes não terem oportunidade de ser inseridos numa situação como esta a tratar o presidente da câmara municipal. Em outras palavras, mesmo que esteja o grupo de imersão no país de LA, devido às situações restritas e com pouca frequência em que eles costumam viver, não podem conhecer as FTs em todas as situações, manifestam o que realmente sabem e recorrem à transferência linguística quanto ao que não tiveram acesso.

Em termos de itens de produção, o item 6. exige, tal como o 7., a construção de frases para testar o uso (in)adequado das FTs, incluindo elementos de saudação e tratamento (pronominal, verbal e nominal nas duas situações elaboradas). Constitui-se o item 6. por dois contextos diferentes e tenta verificar o uso das FTs em contextos diferentes para ver o papel que o contexto desempenha na escolha das FTs e diferenças a nível cultural.

O item 7. diz respeito ao uso do título académico e inclui duas situações. Baseando-nos na divergência entre a LM e a LA no âmbito de título académico, elaborou-se o item 7. Neste item diferencia-se o uso em dois casos: um simples (tratamento do diretor da faculdade por professores) e outro mais difícil (tratamento do mesmo na apresentação num seminário). A dificuldade deriva, em nosso entender, da formação e ordem do tratamento no segundo caso; os informantes precisam de organizar vários elementos, incluindo o + nome completo, título de profissão e título académico.

Com base nos fatores determinantes na escolha das FTs nas duas línguas, os itens poderão ser classificados de seguinte forma:

Fatores e Tratamentos	Itens
Fatores decisivos iguais e tratamentos exigidos iguais	2. e 6.1
Fatores decisivos iguais e tratamentos exigidos diferentes	1., 5.2, 5.3, 6.2, 7.1 e 7.2
Fatores decisivos diferentes e tratamentos exigidos diferentes	3. e 5.1
Fatores decisivos diferentes e tratamentos exigidos iguais	5.4

Quadro 6 – Classificação dos itens elaborados conforme os fatores determinantes e os tratamentos exigidos nas duas línguas

Tal classificação ajuda-nos a conhecer o efeito de imersão e a influência pela LM. No nosso entender, quanto mais coincidência manifestam as duas línguas, mais dificulta a verificação do efeito de imersão; e ao contrário, mais ajuda a conhecer e discutir esse efeito.

2. Realização da pesquisa e recolha dos dados

Os inquéritos foram administrados aos dezanove alunos, no gabinete dos professores de português da XISU, no início de novembro de 2012, em dois grupos separadamente. Para garantir a fiabilidade dos dados recolhidos, exigiu-se a presença dos informantes e o preenchimento individual dos inquéritos. Também foram marcados horários com cada grupo de informantes, por forma a evitar a hipótese de algum deles saber com antecedência as questões. Imprimiram-se os inquéritos para preencher, sob a supervisão da pesquisadora. Houve ainda a necessidade de recolher os dados de três informantes por via eletrónica (dois informantes encontravam-se noutras cidades a concorrer a empregos e uma estava em Portugal a continuar o estudo do ano letivo seguinte). Neste caso, marcou-se um horário, e os três informantes tiveram de responder aos inquéritos no prazo de uma hora (devidamente controlada).

Assim, recolhemos, no total, dezasseis inquéritos em papel e três por via eletrónicos. No entanto, um aluno de imersão não completou os inquéritos, como já referimos, fez apenas questões de escolha múltipla, portanto, não foi considerado.

Os dados recolhidos foram analisados de forma estatística e distinta de acordo com diferentes tipos de questões. Em relação às questões de escolha múltipla, calculámos o número de cada escolha feita pelos informantes, para saber a proporção de cada alternativa, facilitando a análise e discussão dos dados. Entretanto, certas questões pertencem à questão de resposta múltipla, assim, adquirimos as respostas que ocupam proporção significativa e não damos muita atenção às minorias. Apresentam-se os dados na forma textual e numérica, com a finalidade de esclarecer o máximo possível a proporção de certas respostas e a relação entre vários fatores. Basta acrescentar mais um ponto que, alguns alunos, quando fizeram a escolha, escolheram mais de uma resposta que consideraram adequada nos exercícios de resposta única, nesse caso, calculamos o número total de cada resposta, quer dizer, certo exercício poderá ter doze respostas feitas por onze informantes; além disso, também há exercícios em que um informante deu duas respostas, uma adequada e outra contrária, nesse caso, foi considerado como resposta inválida e não se contém no resultado.

No que diz respeito às questões de ordenação, listámos todos os tipos de resposta (ordem) para depois calcular o número e a proporção, tal como o que fizemos às de escolha múltipla.

Quanto aos itens de resposta orientada e livre, resumimos as respostas dos informantes e classificamo-las em certas categorias para comparar e analisar. Usa-se com bastante frequência essa metodologia de recolher dados no Inquérito B, nomeadamente nos itens 6. e 7., e no Inquérito A, apenas para os itens 7., 15. e 17., quando se exige a indicação de razões.

Especificamente no Inquérito B, os dados recolhidos serão apresentados em dois grupos separadamente, seguindo as categorias elaboradas com base na teoria das FTs em PE e rigorosamente conforme os objetivos do Inquérito B.

Recorremos aos quadros e gráficos para mostrar o resultado com mais nitidez. Em geral, os quadros contêm dados em números e os gráficos, com a função de dar uma visão genérico e intuitivo, apresentam os dados de acordo com a sua proporção. Dentro de cada categoria, coloca-se logo no início um quadro com número de respostas adequadas e inadequadas de ambos os grupos, seguido por o respetivo gráfico. Tal acontece a cada item.

Capítulo III – Análise e Discussão dos dados

Neste capítulo, apresenta-se o resultado dos dois inquéritos e a sua análise. Os resultados do Inquérito A dizem respeito à atitude e à percepção dos informantes sobre os ganhos de imersão e refletem o que eles pensam sobre a aprendizagem em imersão, enquanto o Inquérito B pretende avaliar os ganhos da imersão, em termos do domínio das FTs em PE. A partir dos resultados dos dois inquéritos, tentamos analisar o papel da imersão sobre a aprendizagem das FTs, considerando os vários fatores que a favorecem ou impedem.

O tratamento do Inquérito A foi feito da forma seguinte:

- Em relação aos itens de escolha múltipla, foram calculados o número total e a percentagem de cada possibilidade de resposta em cada item do Inquérito;
- Quanto ao item 14, por haver muita diversidade de respostas, optou-se por contabilizá-las de acordo com a seguinte escala: muito, pouco, quase nada;
- Para os itens de resposta aberta orientada, foram recolhidas todas as respostas dos informantes e agrupadas de acordo com opiniões semelhantes.

Quanto ao tratamento e análise do Inquérito B:

- Apresentam-se as respostas dadas pelos informantes item por item, recorrendo a quadros e gráficos, com análise e discussão da adequação das respostas;
- faz-se a comparação do resultado dos informantes de ambos os grupos para descobrir os diferentes níveis no domínio das FTs, de forma a poder discutir o papel da imersão;
- analisam-se, no final da apresentação do resultado de cada item, os fatores que determinam a escolha das FTs em português e em chinês, discutindo, a partir da coincidência ou não-coincidência desses fatores qual poderá ser o efeito de imersão e o da transferência linguística.

1. Análise do Inquérito A

O Inquérito A foi elaborado com a finalidade de conhecer a percepção dos informantes relativamente aos ganhos da imersão. Para trabalhar sobre o papel da imersão, é importante para nós sabermos a opinião dos próprios aprendentes acerca dessa experiência. A motivação para a imersão e a percepção dos ganhos são significativas para o nosso trabalho, porque as informações básicas ajudam-nos a conhecer a atitude dos informantes relativamente à sua experiência e em que contexto se realizou a imersão, enquanto a informação sobre o que os

informantes julgam ser os ganhos da sua experiência nos oferece uma previsão de ganhos de imersão (que poderá verificar-se ou não), essencialmente a nível da proficiência linguística.

Nesse sentido, divide-se a apresentação dos resultados do Inquérito A em duas partes: informações fundamentais sobre a experiência de imersão, por um lado, e, por outro, percepção sobre os ganhos da experiência de imersão a nível linguístico.

1.1 Informações fundamentais sobre a experiência de imersão

O Inquérito A ajuda-nos a perceber as motivações dos alunos para as suas escolhas e a conhecer as condições em que se realizou a imersão. Para apresentar o resultado de cada questão, recorreremos a gráficos, em que apresentamos os valores totais para cada possibilidade de resposta.

O Gráfico 1 apresenta os resultados relativos ao item 1, motivação para o estudo em imersão.

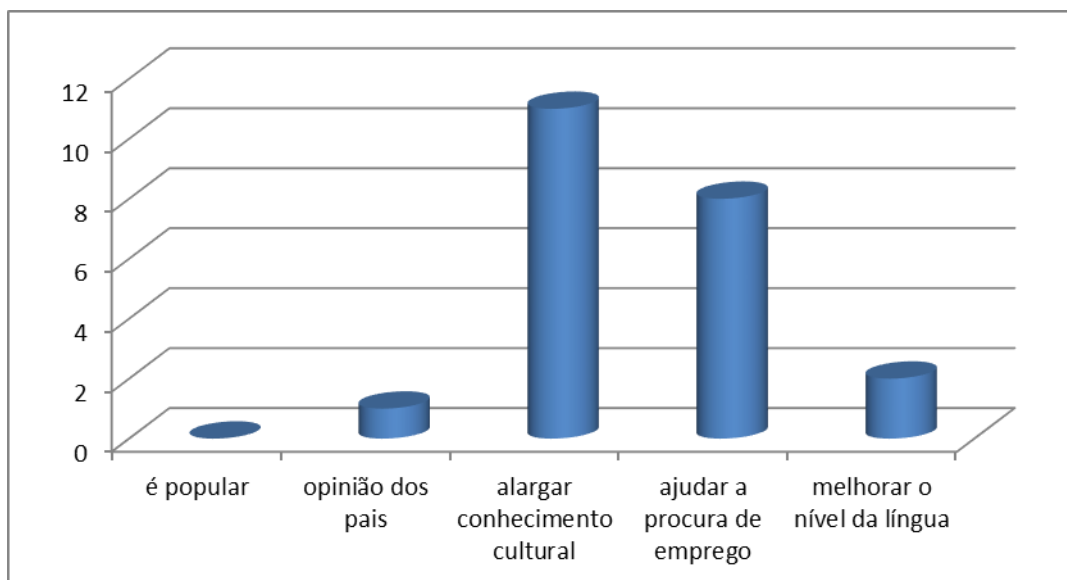


Gráfico 1 – Resultados do item 1. do Inquérito A

Considerando estes resultados, verificamos que todos os onze informantes aprenderam o português em imersão durante dez meses, com a intenção de alargar conhecimentos ao nível da cultura do país de imersão, motivo comum aos aprendentes chineses de LE. Oito dos alunos, tendo em consideração a realidade de competição na procura do emprego, acrescentam que esta experiência poderá ajudá-los a atingir esse objetivo. Dois julgam que ela os favorece no aperfeiçoamento do português e um segue a opinião dos pais.

O Gráfico 2 mostra os resultados do item 2, que inquiri sobre a razão da escolha de Portugal como país de destino. Das quatro opções apresentadas, três não apresentam ligação com a aprendizagem, dizendo respeito ao país de destino e condições de estudo e de vida que

propicia. A quinta opção, “outros”, em que os informantes tinham liberdade para indicar razões de todo o tipo, conta com seis respostas que referem a paixão pelo país e pela língua.

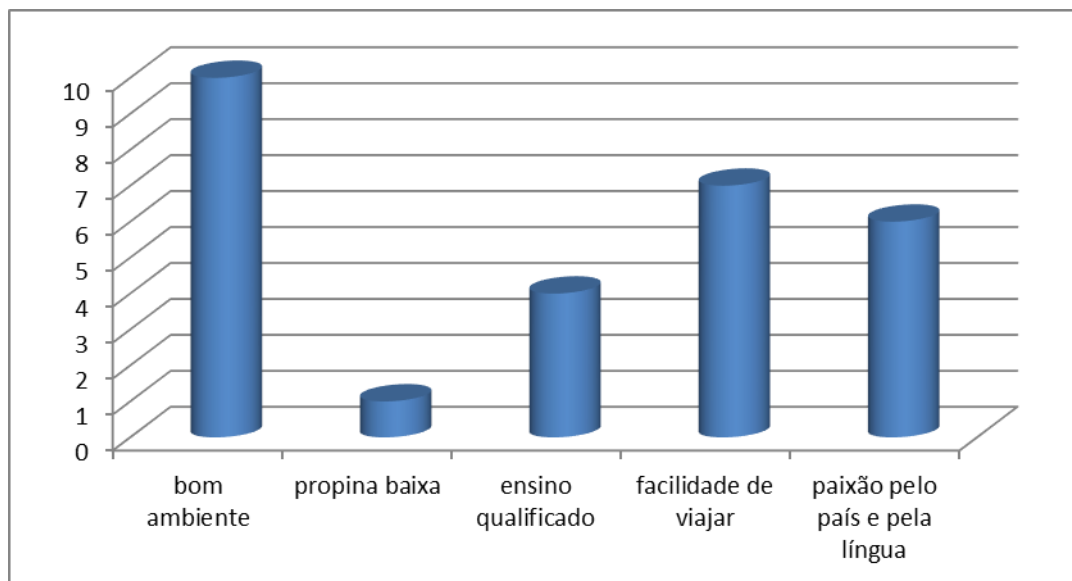


Gráfico 2 – Resultados do item 2. do Inquérito A

Como mostra o gráfico acima, dez dos informantes mencionam que o país dispõe de um bom ambiente social, em particular, a segurança social, e boas condições de vida, o que não é surpreendente, se compararmos Portugal com os outros membros da lusofonia. Sete alunos valorizam bastante a facilidade de viajar na Europa, sendo Portugal um ponto de partida.

O gráfico seguinte apresenta as razões que levaram os informantes à escolha da Universidade, registando os resultados globais obtidos nas quatro opções de resposta propostas no item 3, três das quais concernem a própria Universidade, enquanto a outra incide sobre o próprio informante.

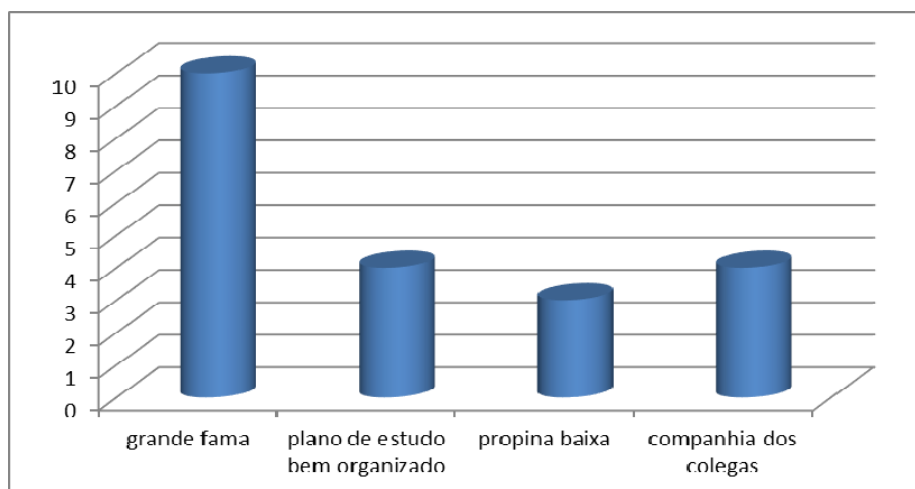


Gráfico 3 – Resultados do item 3. do Inquérito A

Em relação ao item 3, a grande maioria dos informantes valoriza bastante a fama da instituição e o seu ensino qualificado. Além disso, há alguns alunos que escolheram a mesma universidade para acompanhar os colegas, o que os leva a morarem uns com os outros, em vez de o fazerem com falantes nativos, para reforçar o contacto com a língua e a cultura.

As respostas aos itens 4. a 7. dão-nos informações relevantes sobre as opções práticas relativas à forma de candidatura e ao momento de realização do período de estudos no estrangeiro. Através dos itens 4. e 6., sabe-se que os informantes realizam o estudo em imersão no terceiro ano de licenciatura, por solicitação particular.

Os gráficos 4 e 5 apresentam-nos os resultados dos itens 5. e 7., que incidem, respetivamente, sobre a razão que levou os informantes à solicitação particular e a razão para efetuarem o estudo em imersão no terceiro ano. O Gráfico 4 contém os resultados globais de todas as opções de resposta propostas no item 5.

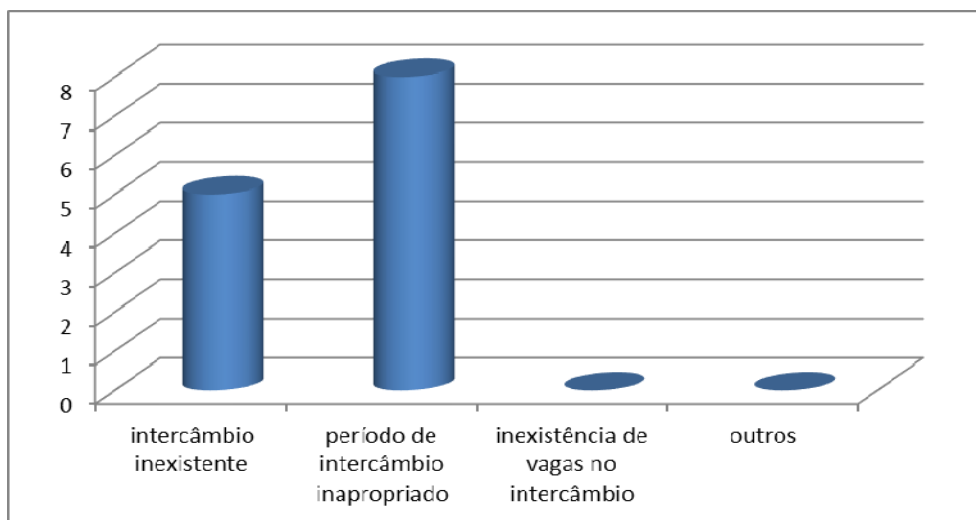


Gráfico 4 – Resultados do item 5. do Inquérito A

Devido à natureza do item 7, de resposta aberta orientada, as diferentes respostas obtidas foram categorizadas em dois grupos, representados, com os respetivos resultados globais, no Gráfico 5.

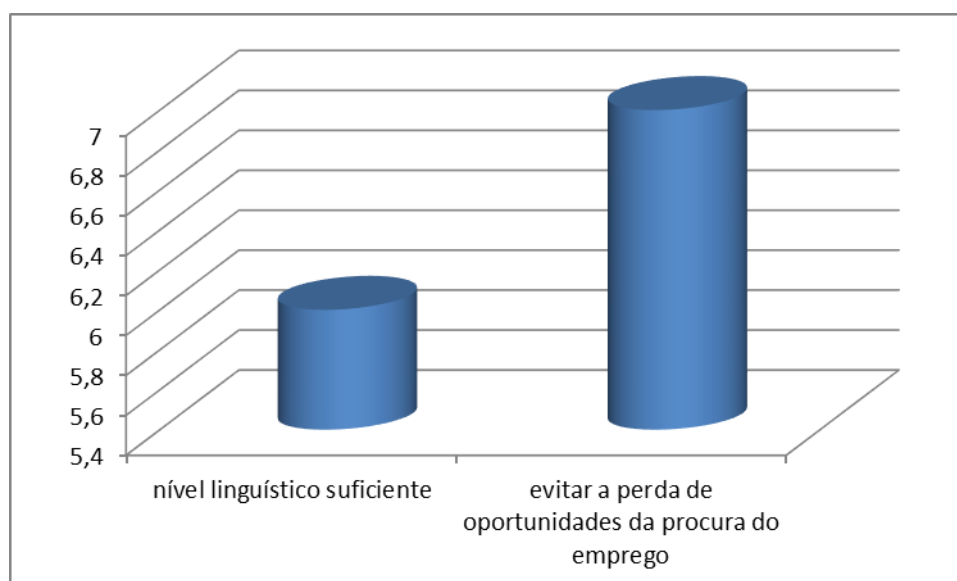


Gráfico 5 – Resultados do item 7. do Inquérito A

Todos os informantes realizaram o estudo em imersão no terceiro ano de licenciatura e através de candidatura particular, i.e., fora de programas de intercâmbio. A XISU, a universidade onde estudam, estabelece intercâmbios com determinadas instituições de ensino superior de Portugal e do Brasil e envia, em geral, os seus alunos para programas de intercâmbio a partir do quarto ano, período que os alunos valorizam bastante porque é quando iniciam a procura de emprego. Assim, não é difícil compreender por que é que muitos alunos preferem estudar fora, através da solicitação individual, no terceiro ano, mas não no quarto, seguindo programas de intercâmbio. Pretendem apenas evitar a perda de oportunidades de emprego. Na opinião dos informantes, o terceiro ano é, sem dúvida nenhuma, o melhor período para realizar estudos em imersão, não só por causa de já se ter alcançado um nível suficiente de domínio de língua, mas também porque nesse momento começa a preocupação em procurar emprego.

As respostas aos itens 8. e 9. ajudam-nos a conhecer o contexto em que os informantes viveram o seu período de imersão.

O Quadro 7 contém a informação sobre a nacionalidade das pessoas com quem moraram os informantes durante a imersão. Com base nas cinco opções propostas no item 8, definimos duas categorias gerais: “morar com chineses” (opções a, b, c e d) e “morar sem chineses” (opção e).

	Com chineses				Sem chineses
	Apenas chineses	Chineses e portugueses	Chineses e estrangeiros, sem portugueses	Chineses, portugueses e outros estrangeiros	Em famílias locais
Nº de respostas	3	2	3	1	2
Total	9				2

Quadro 7 – Resultados do item 8. do Inquérito A

No que respeita à partilha de casa, os informantes moraram com pessoas de nacionalidades diferentes. Dentro do grupo de Coimbra, três estudantes moraram apenas com chineses, dois moraram com chineses e portugueses, três com chineses e estrangeiros de outras nacionalidades, mas nenhum português, e um com chineses, portugueses e estrangeiros de outras nacionalidades. Neste sentido, consideramos que esta situação não configura um contexto de imersão pura, porque, em qualquer contexto de vivência exposto acima, os informantes convivem, sem exceção, com compatriotas, o que vai influenciar o efeito da imersão. No grupo de Lisboa, ambas as alunas moraram com famílias locais, o que lhes permitiu aproveitar plenamente a sua experiência de imersão.

Julgamos que apenas o contexto das duas informantes da Universidade de Lisboa pode ser considerado como um contexto de imersão ideal, pelo contacto direto e completo com falantes nativos e o acesso direto e permanente à LA, resultante desse convívio. Os restantes informantes dispõem de condições um pouco menos propícias à aprendizagem da LA de forma natural, perdendo-se parcialmente a eficácia que o contexto natural pode proporcionar. No caso dos três informantes que vivem apenas com compatriotas, o efeito de imersão será muito mitigado, pois trata-se de uma recriação da vida no país de origem, com alteração da localização geográfica.

O Quadro 8 apresenta-nos os resultados do item 9., que incide sobre a frequência de utilização da LM, da LA e de outra(s) língua(s) estrangeira(s) durante a imersão.

No contexto de imersão considerámos duas situações específicas: contexto natural e contexto educacional. O primeiro refere-se ao ambiente em que se utiliza a LE na comunicação do dia-a-dia; o segundo corresponde ao contexto formal de ensino e aprendizagem da LE, como os cursos de português que os nossos informantes frequentaram.

Frequência	Contexto educacional			Contexto natural		
	LM	Português	Inglês	LM	Português	Inglês
Baixa ¹⁰	82%	---	91%	9%	18%	64%
Média	---	9%	9%	9%	55%	9%
Alta	18%	91%	---	82%	27%	27%

Quadro 8 – Resultados do item 9. do Inquérito A

Assim, no contexto educacional, destaca-se a baixa frequência da LM e do inglês, o que decerto não é difícil de entender, dado que a LA é o objeto da aprendizagem. Quanto ao contexto natural, o inglês é utilizado com baixa frequência pela maioria dos informantes, o português é utilizado com frequência média e a grande maioria dos informantes em imersão falava a LM fora das aulas, o que está em consonância com o seu contexto de habitação.

1.2 Perceção dos ganhos a nível linguístico

Os itens 10. a 17. dizem respeito à perceção dos ganhos a nível linguístico. De acordo com o resultado dos itens 10., 11. e 12., sete informantes consideram que a área em que obtiveram mais ganhos foi o estudo de língua (64%), três acham que beneficiaram principalmente no conhecimento cultural (27%) e um seleciona como área mais beneficiada as paisagens naturais e culturais (9%). Com esses resultados, podemos ver que os informantes têm a perceção de que obtiveram mais ganhos a nível linguístico, sendo também nesta área que o tema do nosso trabalho assenta.

Para avaliar de forma mais aprofundada a perceção dos informantes relativamente aos ganhos com a sua experiência de imersão, consideraram-se sete aspetos linguístico-culturais diferentes. No Quadro 9 apresentam-se os dados recolhidos:

¹⁰ No item 9. do inquérito A, propõem-se cinco graus de frequência: a. quase não, b. poucas vezes, c. às vezes, d. muitas vezes, e. sempre. No tratamento e na apresentação dos dados, juntam-se “quase não” e “poucas vezes” numa única categoria - “baixa frequência”; “muitas vezes” e “sempre” são integrados na categoria “alta frequência”, ficando “às vezes” na categoria “média frequência”.

Ganhos	Gramática	Comp. oral	Exp. escrita	Fonét.	Exp. oral	História/cultura	Pragmática
Muito ¹¹	0	8	0	6	4	3	1
Pouco	2	3	5	4	7	6	6
Quase Nada	9	0	6	1	0	2	4

Quadro 9 – Resultados do item 14. do Inquérito A sobre a percepção dos ganhos da imersão a nível linguístico

Os dados mostram que os alunos consideram que alcançaram mais ganhos na compreensão oral e na fonética, elementos significativos na imersão linguística, e menos ganhos na gramática. Não nos surpreendemos com o facto de os informantes considerarem que obtêm menos ganhos no âmbito da gramática, uma vez que o estudo desenvolvido no país de origem dá grande relevo a esta competência. Por outro lado, é natural que os informantes manifestem grande evolução a nível da oralidade, uma vez que estão expostos a grande quantidade de *input* de qualidade e, além disso, têm também de interagir na LA.

No que concerne a importância atribuída às disciplinas que cursaram (item 15.), os informantes da Universidade de Coimbra referem que Laboratório, Conversação e Composição foram as mais proveitosas, o que corresponde, aproximadamente, às respostas relativas às diferentes competências linguístico-culturais referidas no item 14. Por seu lado, as disciplinas de Arte Portuguesa, História de Portugal e Terra Portuguesa interessaram menos aos aprendentes, o que pode ser explicado através dos seus interesses individuais.

A disciplina de Língua Portuguesa, no entanto, é aquela que apresenta resultados aparentemente mais paradoxais. Esta disciplina é referida como uma das “disciplinas mais úteis” por três informantes e como uma das “menos interessantes” por dois informantes. Os outros informantes não se referem à importância desta disciplina. Este dado deve ser relacionado, naturalmente, com o facto de os informantes afirmarem ter menos ganhos no estudo da gramática. Não é difícil perceber a hesitação dos aprendentes relativamente à utilidade da disciplina de gramática. De facto, antes da aprendizagem em imersão, estes alunos já estudaram a gramática da língua portuguesa ao longo dos primeiros dois anos letivos e, além disso, obtiveram informação sistematizada e intensiva sobre a gramática no segundo semestre do segundo ano, o último semestre antes da saída da China, no qual, no Curso de Português da XISU, se leciona a disciplina de Gramática da Língua Portuguesa com o objetivo

¹¹ No item 14. do Inquérito A, solicitou-se a ordenação decrescente da importância dos ganhos relativamente a sete aspetos linguístico-culturais. Para tratamento dos dados, convertimos essa ordenação em três graus de ganhos (muito, pouco, quase nada). Em “muito” incluem-se os aspetos linguístico-culturais indicados em primeiro e segundo lugar pelos informantes; em “pouco”, os indicados em terceiro, quarto e quinto lugares, enquanto em “quase nada” se incluem os aspetos indicados em sexto e sétimo.

de aprofundar os conhecimentos nesta área e de preparar para uma possível aprendizagem em imersão pouco tempo depois.

Em comparação com o grupo de Coimbra, as duas alunas de Lisboa apresentam opiniões diferentes. Uma delas valoriza bastante a audição de noticiários em português e menos a gramática, enquanto a outra indica ter mais ganhos na gramática e pragmática.

Os itens 16. e 17. dizem respeito à atenção particular dos informantes relativamente às FTs e à sua importância na comunicação social. De acordo com os dados recolhidos, sete informantes deram muita atenção às FTs na vida quotidiana, e a mesma quantidade de alunos seleciona a alternativa «ensinam-se as FTs nas aulas». Estes dados são importantes para a comparação com os alunos que nunca estudaram em contexto de imersão.

No que respeita à importância das FTs, oito informantes consideram que as FTs desempenham um papel de alta importância socialmente, na comunicação interpessoal, referindo que elas manifestam o respeito pelos outros e facilitam a comunicação com os outros, enquanto três acham que as FTs não são importantes, com a justificação de que não é necessário ter cuidado excessivo com as FTs porque não são elas que impedem a compreensão na comunicação interpessoal.

Em síntese, a maioria dos informantes tem a perceção de que tem mais ganhos no estudo de língua, essencialmente na compreensão e expressão oral. No que diz respeito à aprendizagem e ao uso das FTs, muitos informantes reconhecem a sua importância e o seu papel fundamental na comunicação interpessoal e aprendem o seu uso principalmente através da formação escolar e têm cuidado na sua escolha para se dirigir a outros.

2. Análise do Inquérito B

Nesta secção, apresentamos os resultados do Inquérito B, com que se pretende avaliar o domínio das FTs por parte dos informantes do grupo de imersão e do grupo de controlo, analisar e discutir a adequação do seu uso por ambos os grupos e, a partir desses dados, verificar que papel a imersão pode ter na aprendizagem e uso das FTs por estes aprendentes de PE.

A apresentação e análise dos resultados são feitas item por item, com gráficos e discussão, e, para certos itens de produção, faz-se uma lista de todas as possibilidades de resposta dos informantes e classificam-se, para ter uma visão geral. Os gráficos manifestam a proporção de cada resposta dada pelos informantes, comparando os grupos de imersão e de controlo.

2.1 Apresentação dos Resultados dos Itens Elaborados no Inquérito B

O item 1. testa o tratamento a uma jovem desconhecida numa situação comum no dia-a-dia, misturando os fatores de idade e proximidade, tratando-se, neste caso concreto, de uma pessoa da mesma idade do informante e sem relações de proximidade. O gráfico seguinte mostra os resultados deste item, com a proporção de cada opção feita por informantes dos grupos de imersão e de controlo.

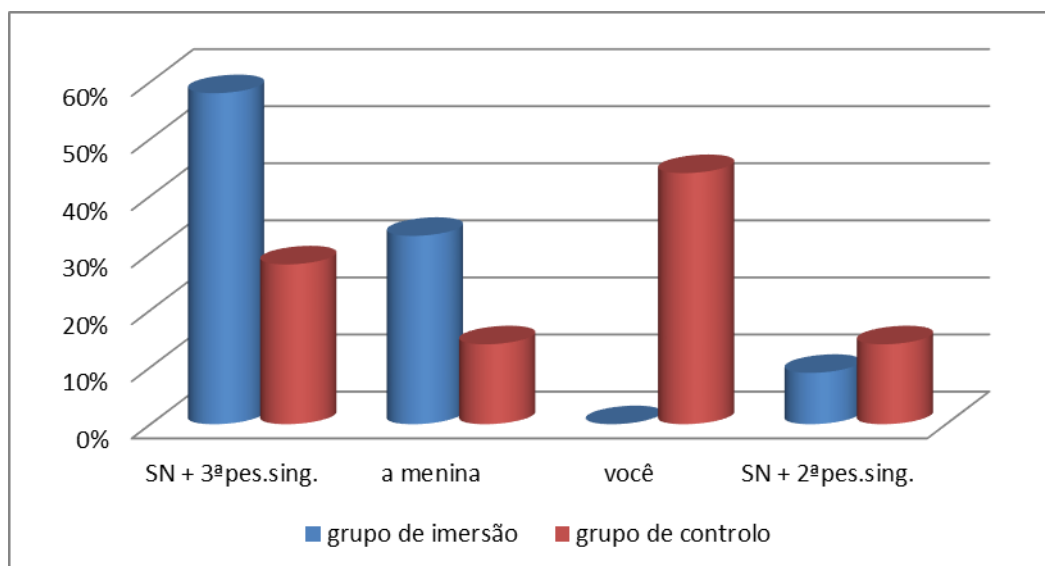


Gráfico 6 – Resultados do item 1. do Inquérito B

Numa situação como a do item 1., são consideradas adequadas as opções de “SN + 3ª pes. sing.”, “a menina” e “SN + 2ª pes. sing.”, pelo facto de serem tratamentos possíveis: a) para uma pessoa desconhecida, que exige uma FT de menos proximidade (SN + 3ª pes. sing., a menina); b) para uma jovem de idade próxima da dos nossos informantes, o que diminui a distância interpessoal (SN + 2ª pes. sing.).

No item 1., o grupo de imersão apresenta apenas respostas adequadas; o grupo de controlo apresenta três inadequadas (43%). Além disso, ambos os grupos, numa situação complexa, em que são considerados os fatores de idade e de proximidade entre os interlocutores, inclinam-se para o fator de menor proximidade, fazendo assim a seleção das FTs correspondentes, que neste item são os casos de “SN + 3ª pes. sing.” e “a menina”.

Considerando cada uma das respostas, destacam-se os resultados de “SN + 3ª pes. sing.”, usado preferencialmente pelo grupo de imersão, e de *você*, o preferido pelo grupo de controlo. Estes resultados coincidem com a nossa previsão, sobretudo o uso excessivo de *você* pelo grupo de controlo. Como já foi referido, o grupo de controlo, por influência do português brasileiro, costuma utilizar *você*, a FT popular e usada amplamente no Brasil para se dirigir a

qualquer indivíduo, cuja utilização ocorre em mais situações do que o tu em PE. Isso não quer dizer que nenhum aluno desse grupo conheça o uso de outras FTs para tratar um desconhecido, como nos mostram os resultados das outras três opções.

No grupo de imersão, não há nenhum caso da utilização de *você*; em vez disso, sobressai a escolha “SN + 3ª pes. sing.”, que talvez seja usado para superar o possível incómodo causado pela utilização de *você*. Um dos informantes em imersão deu duas respostas adequadas e aceitáveis e achou que “SN + 3ª pes. sing.” e *a menina* são ambos tratamentos possíveis.

A FT *menina* não aparece nos materiais didáticos usados no ensino de português a universitários na China e, nas aulas de português, pouco se menciona o seu uso. Mesmo assim, durante a imersão, é bastante comum encontrar situações em que se trata jovens, no seio dos nossos informantes, por *menino/menina*, quer no contexto educacional, quer no social. Nesse sentido, não é estranho que essa seja a segunda forma de tratamento mais escolhida pelo grupo de imersão. Tal facto relaciona-se provavelmente com a grande frequência dessa expressão no *input*. A mesma forma de tratamento é, pelo contrário, uma das duas menos escolhidas pelo grupo de controlo, facto que pode ser atribuído ao contexto de aprendizagem do PLE.

Em relação à pouca seleção de “SN + 2ª pes. sing.”, deduzimos que os informantes tenham uma forte consciência de que esta FT se usa muito mais com pessoas de mais proximidade, daí ser menos escolhida.

Das respostas adequadas apresentadas, no total, o grupo de imersão regista 58% na resposta a., 33% na b. e 9% na d.; quanto ao grupo de controlo, a proporção passa a ser 28%, 14% e 14% respetivamente. Tendo como objetivo tentar discutir os fatores decisivos na escolha destas FTs, elabora-se o quadro seguinte, com base nos pontos 6.1. e 6.3. do Capítulo I. Está a negrito o fator mais decisivo no contexto descrito no próprio item.

Fatores decisivos em PE	Hierarquia social (=)	Proximidade (-)	Idade (igual)
Respostas adequadas		a. e b.	d.
Proporção da escolha		G. de imersão (a. 58% b. 33%) G. de controlo (a. 28% b. 14%)	G. de imersão 9% G. de controlo 14%
Fatores decisivos em chinês	Hierarquia social (=)	Proximidade (-)	Idade (igual)
Respostas possíveis		a.	
Proporção da escolha		G. de imersão (58%) G. de controlo (28%)	

Quadro 10 – Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 1. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos

Como já dissemos nos pontos 6.1. e 6.3. do Capítulo I, o fator mais decisivo na escolha das FTs em português é a hierarquia social/profissional, enquanto em chinês, para além da hierarquia social, ainda se considera bastante a hierarquia etária. No caso concreto do item 1., presume-se que, na hierarquia social, os interlocutores tenham o mesmo estatuto, deixando o fator mais decisivo passar a ser, em PE, a proximidade (segundo Carreira, cit. por Rodrigues 2003: 333). Em chinês, o fator decisivo será o mesmo, pela estratégia de “baixar o estatuto do próprio e elevar o de outros” (veja-se no ponto 2.2.).

Voltamos a observar as respostas adequadas em português. As respostas a. e b. parecem ser determinadas pelo fator de proximidade (menos) e a opção d. pelo fator idade (igual). Em chinês, tal contexto de comunicação exige, de preferência, um tratamento de uso comum ou tratamento zero, portanto nenhuma das opções propostas se adequa, só que a resposta a., pelo seu valor de respeito, poderá ser uma possibilidade mais adequada.

Os dados recolhidos oferecem-nos o seguinte resultado: a resposta a. é a resposta preferida dos nossos informantes, de ambos os grupos. O grupo de imersão manifesta uma correspondência evidente entre as escolhas das respostas e a importância, por ordem decrescente, dos fatores decisivos: para o fator mais decisivo, proximidade (-), regista 58% de respostas a. e 33% de respostas b.; quanto ao menos decisivo, idade (igual), regista 9% de respostas d.. No grupo de controlo as proporções não são tão marcadas (28% da resposta a., 14% de b. e 14% de d. Por outro lado, considerando que, em chinês, o fator decisivo para a escolha da FT é idêntico ao português, a transferência da LM pode justificar a opção preferencial pela resposta a.

Com tudo o que acima foi referido, julgamos que, no item 1., contexto em que o fator de proximidade (-) predomina e determina a escolha das FTs em ambas as línguas, a diferença de resultados entre os dois grupos pode, embora não seja muito relevante, pode atribuir-se ao efeito de imersão, pela adequação total das respostas e conhecimento dos fatores decisivos na escolha das FTs em português, por parte do grupo de imersão. Não se pode, no entanto, negar a possibilidade de transferência da LM.

O item 2. pretende testar o uso do nome de parentesco, nomeadamente no tratamento de filho para pais. O Gráfico 7 apresenta os resultados deste item, com todas as opções e as respetivas proporções, distinguindo-se também os dois grupos.

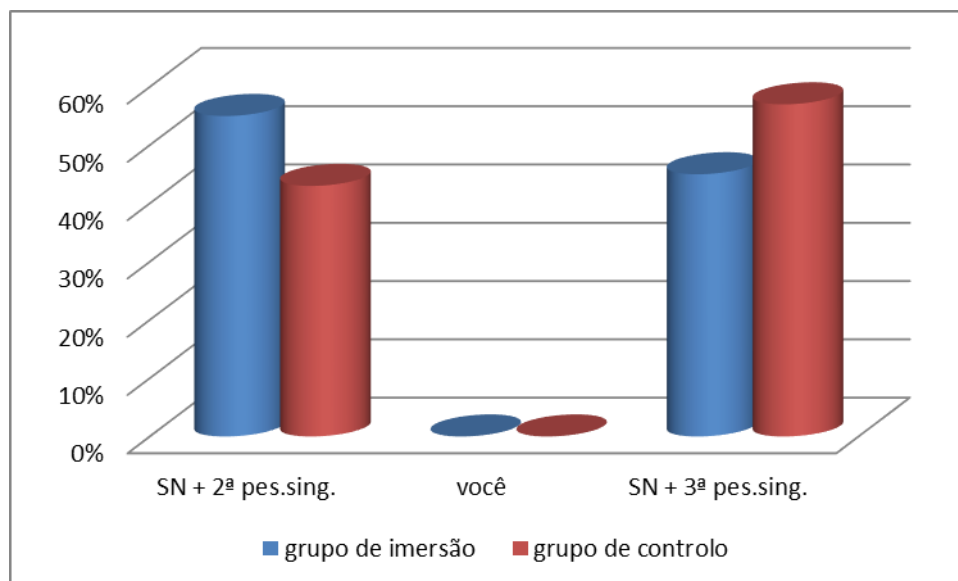


Gráfico 7 – Resultados do item 2. do Inquérito B

No que concerne ao tratamento de filho para pais, tanto “SN + 2ª pes. sing.” como “SN + 3ª pes. sing.” são apropriados. De acordo com o resultado exposto no gráfico, não se regista nenhuma resposta inadequada, o que corresponde à nossa previsão referida no ponto 1.2.2., segunda a qual a semelhança entre o chinês e o português no uso das FTs nesta categoria facilita bastante a escolha.

Nesse item, o fator mais decisivo é a hierarquia, em ambas as línguas, e a preferência será o tratamento de “SN + 3ª pes. sing.”. Entretanto, hoje em dia, regista-se uma forte tendência, tanto em português como em chinês, para o uso de *ni/tu*, na relação filho-pais, e em chinês, ainda se diferencia o uso de *ni/nin* regionalmente. Como referimos no ponto 2.2. do Capítulo I, o tratamento *nin* é usado no Norte da China, e no Sul é o *ni* que funciona como tratamento entre iguais e indivíduos de hierarquias social e etária diferentes.

Nesse sentido, não podemos dizer que a escolha feita por mais de metade (55%) do grupo de imersão pela 2ª pes. sing. se deva ao conhecimento dessa tendência em Portugal pelo efeito de imersão, porque, por um lado, a tendência é igual na LM e, por outro lado, dois informantes em imersão são do Sul da China e, em princípio, costumam tratar os pais por *ni* (*tu*), devido à inexistência do tratamento *nin*, tratando-se muito provavelmente apenas de uma transferência da LM. Além disso, os aprendentes em imersão não têm contacto frequente com famílias locais, que lhes permita conhecer tal uso.

O item 3. tem um objetivo semelhante ao do item 1. Na situação criada, é necessário fazer um pedido a uma colega de turma de meia-idade, pelo que também neste item se avalia a valorização, pelos informantes, dos fatores envolvidos e decisivos na seleção das FTs (idade e proximidade). Estão propostas quatro opções, das quais se consideram adequadas: “2ª pes.

sing.”, pela proximidade que esse tratamento mostra; “3ª pes. sing.” e “a Np+ 3ª pes. sing.”, porque o fator idade pode ser determinante. No Gráfico 8, são manifestadas todas as opções com a respetiva proporção nos grupos de imersão e de controlo.

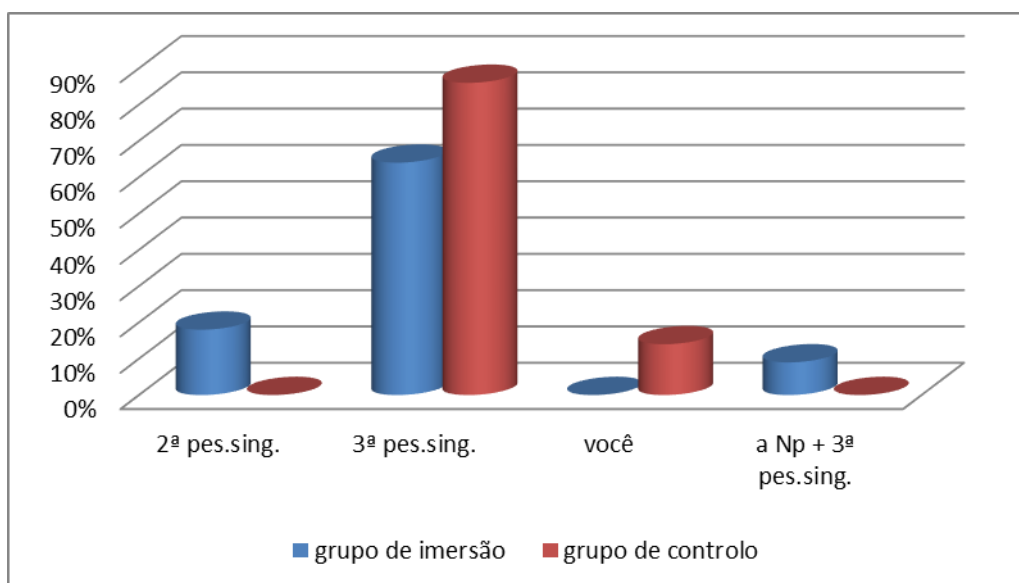


Gráfico 8 – Resultados do item 3. do Inquérito B

Os informantes em imersão registam apenas respostas adequadas (duas “2ª pes. sing.”, sete “3ª pes. sing.” e uma “a + nome + 3ª pes. sing.”), enquanto o grupo de controlo regista seis, todas “3ª pes. sing.”. De acordo com o gráfico, a opção por “3ª pes. sing.” é maioritariamente, tanto no grupo de imersão como no de controlo. Quanto às outras duas respostas adequadas, “2ª pes. sing.” e “a Np + 3ª pes. sing.”, apenas aprendentes em imersão as escolheram. Atribuímos esse número reduzido de escolhas à transferência negativa da LM, que, nesta questão, parece bastante mais significativa do que noutros itens.

A opção “3ª pes. sing.” é a que obtém mais respostas dos informantes. Pode-se inferir que a origem desta escolha dos informantes pode ficar a dever-se à transferência linguística. Na verdade, em chinês, é muitas vezes o fator de idade (+) que determina a utilização das FTs, numa situação como a criada no item, será um tratamento de respeito.

A opção “a Np + 3ª pes. sing.”, assim como a “3ª pes. sing.”, manifestam o respeito devido a alguém que tem uma determinada idade. Como já mencionado, há apenas uma escolha do grupo de imersão por “a Np + 3ª pes. sing.”, o que parece coincidir com uma das dificuldades da aprendizagem das FTs sentidas pelos chineses: dificuldade em aceitar o uso do tratamento *o Np + 3ª pes. sing.*, quando o interlocutor está presente.

A outra FT adequada com escolha minoritária é a “2ª pes. sing.”. Numa situação como esta, com mistura dos fatores de proximidade (+) e idade (+), é difícil aceitar, para aprendentes

chineses, uma FT de grande proximidade e intimidade, que os falantes portugueses, pelo contrário, poderiam utilizar preferencialmente.

Assim, podemos dizer que a maioria dos nossos informantes dos dois grupos, numa situação em que se conjugam proximidade (+) e idade (+), tende a valorizar o fator idade (+), escolhendo assim a forma de tratamento “3ª pes. sing.” para se dirigirem a uma colega de meia-idade.

Na situação do item 3., os interlocutores estão em igualdade na hierarquia social e, conseqüentemente, o fator mais decisivo na escolha das FTs passa a ser a proximidade (+), em português, e a diferença etária (+), em chinês. Esses fatores determinam tratamentos adequados diferentes nas duas línguas: em português será a resposta a., enquanto em chinês será a b. Veja-se o quadro seguinte, em que o fator mais decisivo está a **negrito**.

Fatores decisivos em português	Hierarquia social (=)	Proximidade (+)	Idade (+)
Respostas adequadas		a.	
Proporção da escolha		G. de imersão 18% G. de controlo 0%	
Fatores decisivos em chinês	Hierarquia social (=)	Idade (+)	Proximidade (+)
Respostas possíveis		b.	
Proporção da escolha		G. de imersão 64% G. de controlo 86%	

Quadro 11 – Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 3. do Inquérito B com a proporção das respostas de ambos os grupos

O grupo de imersão regista 18% na resposta a., 64% na resposta b. e 9% na d., enquanto o grupo de controlo não apresenta nenhuma escolha da resposta a., a maior proporção(86%) encontra-se na escolha da resposta b. e o resto (14%) na resposta c. Assim, os resultados mostram-nos que, por um lado, ambos os grupos preferem a resposta b., *SN + 3ª pes. sing.*, o que parece dever-se a transferência da LM, mais forte no grupo de controlo do que no de imersão; por outro lado, o grupo de imersão regista algumas respostas adequadas (18%), assim como a resposta com o tratamento *a Np + 3.ª pess. sing* (9%), enquanto o grupo de controlo não apresenta nenhuma destas duas escolhas.

Como o número dos informantes do nosso trabalho é bastante limitado, não podemos dizer com certeza que é o efeito de imersão que leva tal facto, mas sendo um contexto em que, nas duas línguas, se distinguem de forma clara os fatores decisivos e, conseqüentemente, as

FTs adequadas, consideramos que o facto de o grupo de imersão ter apresentado algumas respostas adequadas pode ser atribuído ao efeito de imersão, mesmo que não seja tão forte como a transferência da LM. Provavelmente os 18% de respostas dos aprendentes em imersão resultam do reconhecimento do fator decisivo em português neste contexto.

No item 4, solicitava-se a ordenação, por grau crescente de formalidade, de três formas. Tendo sido elaborado com a intenção de aferir os conhecimentos sobre o grau de formalidade das FTs apresentadas, no item 4.1. pediu-se também a justificação da resposta.

O resultado de todas as possibilidades de ordenação feitas pelos informantes em relação ao item 4.1. (b-a-c¹², a-b-c, c-b-a) está exposto no Gráfico 9.

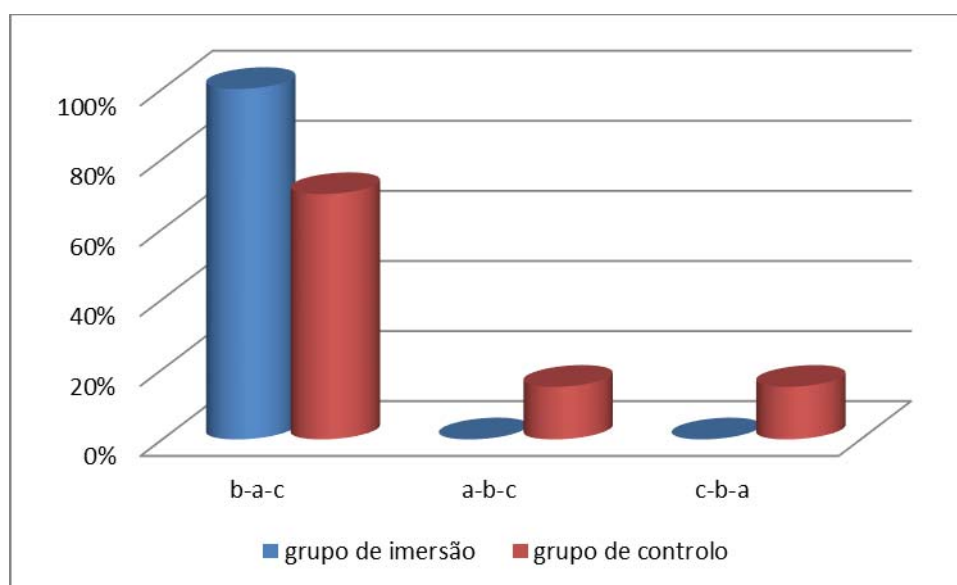


Gráfico 9 – Resultados do item 4.1. do Inquérito B

Das três formas apresentadas no item, a ordenação mais adequada é “b-a-c”. Os aprendentes do grupo de imersão acertam completamente no reconhecimento do grau de formalidade dos três tratamentos apresentados no item 4.1, enquanto as respostas do grupo de controlo variam um pouco. Dentro das duas respostas inadequadas, um aluno achou que a forma mais informal deveria ser “a”, seguida por “b” e a mais formal “c”, sem nenhuma justificação. Outro aluno deu uma ordenação cuja norma e motivação não podemos deduzir: considerou que “o *Np* + 3ª pes. sing.” é a mais informal, seguida por “*NV* + 2ª pes. sing.” e a mais formal “*NV* + 3ª pes. sing.”, dando a justificação de que “usar *você* na frase é mais formal”.

¹² A alínea a. corresponde a *NV* + 3ª pes. sing.; a b. a *NV* + 2ª pes. sing.; a c. corresponde a *o Np* + 3ª pes. sing.

Em relação à justificação da resposta, listam-se as nove respostas dadas pelos informantes em imersão (dois aprendentes do grupo de imersão não indicam nada sobre a sua resposta).

1. *O “vais” é usado entre pessoas fechadas. É mais formal usar um artigo definido.*
2. *A seleção “b” usa “tu” que é mais informal. e a seleção “c” tem artigo “o”, que é mais formal.*
3. *Vais é mais informal do que vai, e o Afonso é mais formal do que Afonso.*
4. *b. tu a. você c. o Afonso vai igual a o senhor vai...*
5. *Alternativa b. usa-se o tratamento “tu” que é menos formal do que “ele/ela”(alternativa a.). Alternativa c. refere ao nome da pessoa, que parece-me mais formal e mostra a respectividade.*
6. *O artigo antes de nome é respectiva. “Você” é mais formal do que “tu”.*
7. *Trata-se com o nome próprio é o mais formal, depois trata-se com tu, usa-se “tu” é o mais informal. Por isso, $c > a > b$*
8. *O artigo e 3ª pessoal de conjugação indicam-se o tratamento mais formal.*
9. *Só se usa “tu” às pessoas familiares.*

Com base nas nove justificações, podemos dizer que os nove informantes em imersão reconhecem as três FTs testadas no item e o seu grau de formalidade. Sete mencionam, em ideia geral, que *vais* (ou *tu*) dirige-se a pessoas “fechadas” e “familiares” e é a forma mais informal das três; *vai* (ou *você/ele/ela*) é mais formal do que *vais*; e “o + nome + 3ª pes. sing.” é a mais formal, devido ao artigo definido e à equivalência a “o senhor + 3ª pes. sing.” como refere um informante.

O grupo de controlo deu cinco respostas adequadas, das quais três possuem justificação.

O item 4.2. pede também uma ordenação das quatro formas dadas, mas neste caso, não se exige a justificação de resposta. O resultado está expresso no gráfico seguinte, com as duas possibilidades apresentadas pelos informantes e a sua proporção.

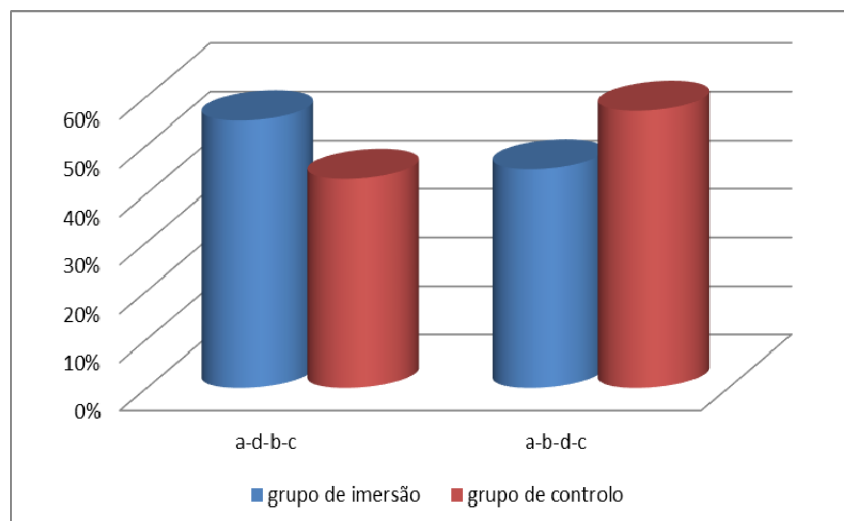


Gráfico 10 – Resultados do item 4.2. do Inquérito B

No que respeita ao item 4.2., os informantes apresentaram essencialmente duas ordenações, com proporção semelhante: “a-d-b-c¹³” e “a-b-d-c”. A diferença entre elas reside na posição relativa das FTs *Dona* e *Senhora*, que indicia uma hesitação relativamente ao seu grau de formalidade. De acordo com Cintra (1972: 41), **a senhora Maria** é uma fórmula que se associa a uma condição social inferior, enquanto **a Senhora D. Maria** se associa a uma condição superior, mesmo que hoje em dia haja tendência para suprimir essa diferença. Com base nisso, julgamos que *dona* apresenta um valor de maior respeito do que *senhora* e é, por isso, mais formal. Como podemos ver no Gráfico 10, o grupo de imersão regista mais respostas adequadas, considerando que atribuiu, em maior número, maior formalidade ao tratamento *Dona* do que a *Senhora*.

Podemos aventar que o grupo de imersão, por ter contactado com o contexto vivo da LA e ter sido exposto a mais *input*, alcança uma taxa de respostas adequadas mais elevada do que o outro grupo, que não foi exposto à mesma quantidade de *input*, nem teve acesso a explicações relativas à diferença entre os dois tratamentos, em contexto educacional.

O item 5. destina-se a aferir o uso das FTs *Np/NpAp* e os títulos que os antecedem (ver Anexos). São FTs cujo uso apresenta grande complexidade, verificando-se que, muito provavelmente, a transferência negativa da LM condiciona a adequação das respostas. De acordo com os dados recolhidos, ambos os grupos registam poucas respostas adequadas e muitas inadequadas, refletindo a dificuldade em torno das FTs em questão e chamando-nos a atenção para a importância do ensino/aprendizagem destas FTs.

O item 5.1. testa o tratamento a uma senhora reformada e o gráfico 11 apresenta o resultado do item 5.1. Estão expostas as respostas com a proporção respetiva.

¹³ A alínea a.: a Elsa; b.: a Dona Elsa; c.: a Senhora Doutora Dona Elsa; e d.: a Senhora Elsa.

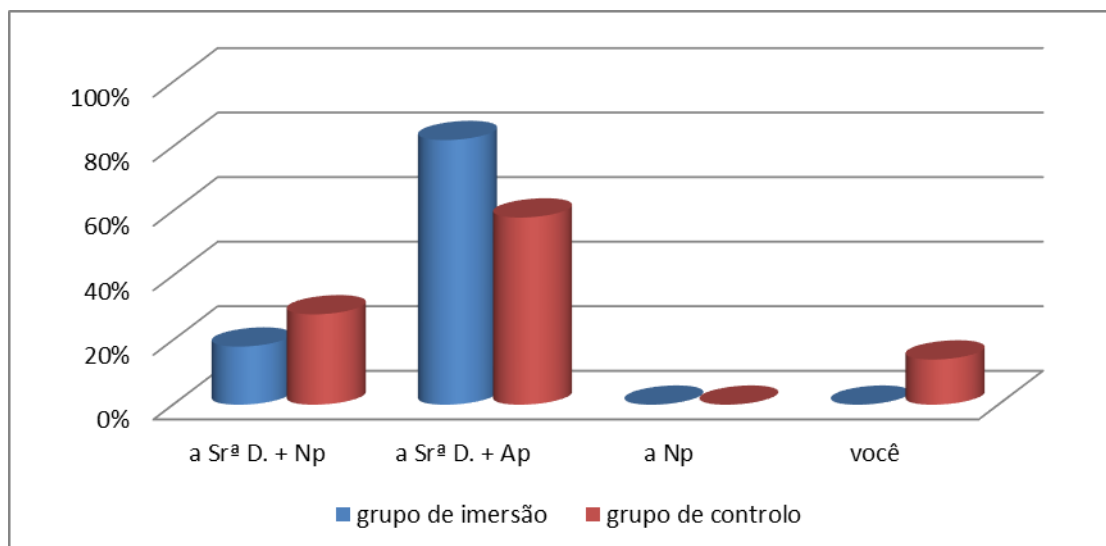


Gráfico 11 – Resultados do item 5.1. do Inquérito B

Numa situação destas, a resposta mais adequada é *a Srª D. + Np*. Apenas dois informantes em imersão e outros dois do grupo de controlo deram respostas adequadas. A resposta preferencial de ambos os grupos é *a Srª D. + Ap*, que regista nove respostas do grupo de imersão e quatro do de controlo. Além disso, um informante do grupo de controlo escolheu *você*. Os baixos números da resposta adequada dizem-nos que, com um período de 10 meses de permanência no país da LA, o grupo de imersão parece não reconhecer bem a norma do uso do *Np* quando nos dirigimos a pessoas do sexo feminino.

Pensamos que, para tal resultado, há dois aspetos que devem ser considerados. O primeiro é a situação desconhecida empiricamente pelos informantes. No item 5. trata-se de um médico a dirigir-se a doentes. Como nenhum dos nossos informantes é médico e nenhum deles conhece provavelmente a situação real, o que eles fazem baseia-se nas situações aprendidas em teoria e o resultado que temos é restrito.

Outro aspeto a considerar é a transferência negativa da LM. Como explicámos no capítulo anterior, a língua chinesa permite o uso do apelido seguido de formas nominais de respeito, além de outras formas como o título académico ou o nome da profissão, não se diferenciando os sexos relativamente ao uso do *Np* ou do *Ap*. Nesse caso, será muito mais fácil transferir a regra da LM para a LA, quando não está bastante fortalecido o uso na LA e a diferença entre as duas línguas.

Em relação aos fatores determinantes, o contexto do item 5.1. continua a manifestar diferentes fatores decisivos na escolha das FTs nas duas línguas, sendo a proximidade (-) em português e a idade (+) em chinês. Veja-se o quadro seguinte:

Fatores decisivos em PE	Hierarquia social (=)	Proximidade (-)	Idade (+)
Respostas adequadas		a.	
Proporção da escolha		G. de imersão 18% G. de controlo 28%	
Fatores decisivos em chinês	Hierarquia social (=)	Idade (+)	Proximidade (-)
Respostas possíveis		b.	
Proporção da escolha		G. de imersão 82% G. de controlo 58%	

Quadro 12 - Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 5.1. do Inquérito B com a proporção das respostas por ambos os grupos

O que distingue mais as duas línguas é a combinação dos elementos dum tratamento nominal, que discutimos no ponto 2.3. do Capítulo I, que consideramos como uma das dificuldades sentidas pelos aprendentes chineses. Em português, usa-se o *Np* para dirigir a indivíduos do sexo feminino, combinando-o com outras FTs nominais, como na resposta a. deste item: a *Sr^a. D. +Np*; o chinês permite tal combinação, mas com o apelido, para ambos os sexos. Nesse sentido, não é difícil perceber a grande proporção (82% do grupo de imersão e 58% do de controlo) da escolha da resposta b. por ambos os grupos.

No que se refere ao item 5.2., ele pretende testar o tratamento usado com o presidente da câmara municipal, não se restringindo apenas ao uso de *Np*/*Ap*, mas também ao título. Apresentam-se os resultados no gráfico seguinte:

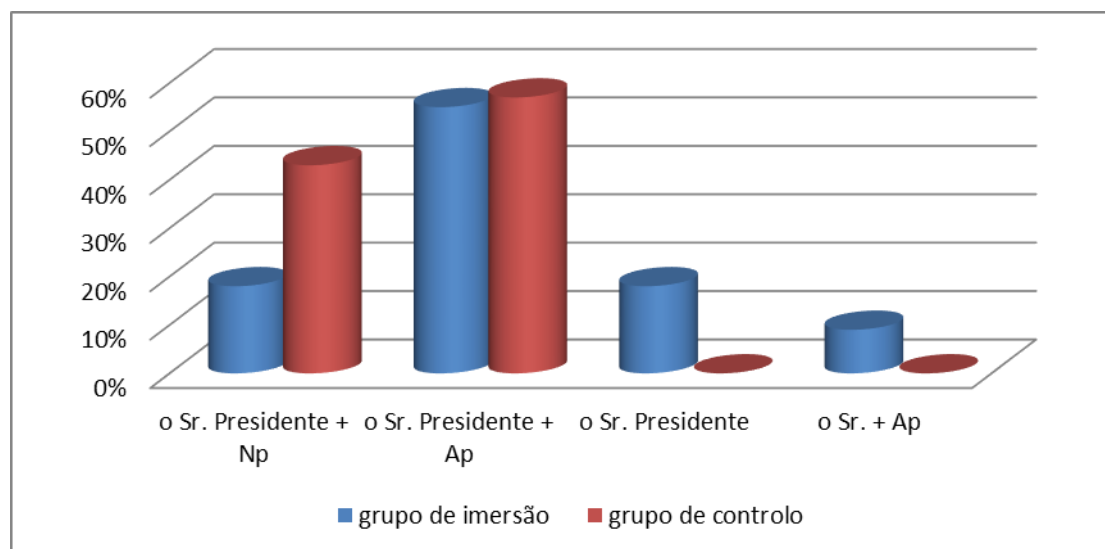


Gráfico 12 – Resultados do item 5.2. do Inquérito B

É considerada adequada a forma *o Sr. Presidente*, que só se regista no grupo de imersão (duas opções), não tendo sido escolhida por ninguém no grupo de controlo, o que mostra mais uma vez o domínio fraco desta área complicada. No nosso entender, isso tem a

ver com o facto de os informantes se depararem com situações pouco comuns em que dificilmente terão estado envolvidos.

Tanto o grupo de imersão como o de controlo preferem o tratamento *o Sr. Presidente + Ap*, registam-se respetivamente seis e quatro respostas, que correspondem a 54% e 57%, respetivamente. A forma *o Sr. Presidente + Np* é a segunda preferência do grupo de controlo; no grupo de imersão, esta forma e a forma adequada obtêm uma taxa idêntica. A nosso ver, esta taxa de acerto deve-se à transferência, neste caso positiva, da LM. Em chinês é comum tratar presidentes de qualquer nível político por *Ap + presidente* (por exemplo, o ex-primeiro-ministro Wen Jiabao é sempre tratado por *Wen zongli*, que se traduz em português por *o primeiro-ministro Wen*). Nesse sentido, é natural que os informantes transfiram diretamente da LM essa forma de tratamento, possivelmente sem conhecer o seu uso preciso na LA. Por outras palavras, os nossos informantes, quando não têm ideias claras sobre certas FTs em português, recorrem ao seu homólogo na sua LM, o que consideramos como reação instintiva, quando não existem outros recursos linguísticos a ajudar.

Quanto aos fatores decisivos, o alocutário possui uma hierarquia social (+) elevada e esse é o fator mais determinante em ambas as línguas. Em português, tal fator exige o tratamento da resposta c. e em chinês, o da resposta b., como estão apresentados no quadro seguinte:

Fatores decisivos em PE	Hierarquia social (+)	Proximidade (-)	Idade
Respostas adequadas	c.		
Proporção da escolha	G. de imersão 18% G. de controlo 0%		
Fatores decisivos em chinês	Hierarquia social (+)	Idade	Proximidade (-)
Respostas possíveis	b.		
Proporção da escolha	G. de imersão 55% G. de controlo 57%		

Quadro 13 – Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 5.2. do Inquérito B com a proporção das respostas por ambos os grupos

Se voltamos ao resultado, descobrimos que o grupo de imersão regista 18% na resposta c. e o grupo de controlo 0%, o que nos permite colocar a hipótese de que se trata de um pequeno efeito de imersão. Não temos tanta certeza, devido ao número de informantes bastante restrito para chegar essa conclusão. Em relação à resposta b., adequada em chinês, observa-se que é a resposta preferida de ambos os grupos, com a proporção de mais de metade.

Assim, pode dizer-se que no contexto do item 5.2., as respostas do grupo de imersão apresentam indícios de que talvez a imersão tenha tido algum efeito, mas, no geral, resultam sobretudo da transferência da LM. Esse facto resulta, provavelmente, do pouco envolvimento em contextos pouco comuns como este, levando os informantes em imersão a recorrer às FTs da LM.

No atinente à situação do item 5.3., que envolve uma criança de 8 anos, ela foi criada inicialmente com o objetivo de diversificar as situações do item, uma vez que os tratamentos de afeto não foram considerados na nossa pesquisa. Nesse sentido, apresentámos quatro possibilidades de escolha, sendo a opção simples quando se conhecem as FTs em PE: *a Np*, *a menina*, *a Ap* e a que considerámos mais adequada, *querida*. Veja-se no Gráfico 13 o resultado deste item.

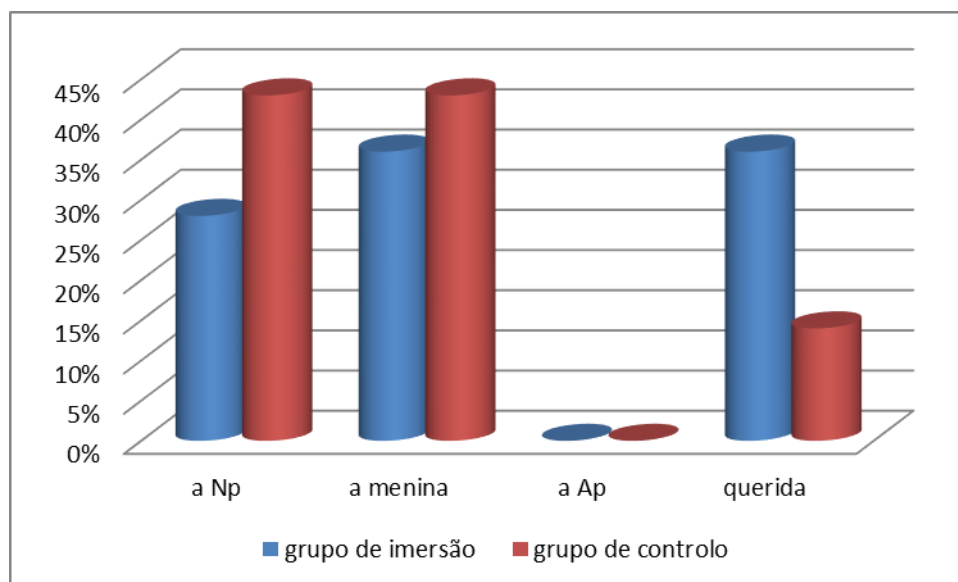


Gráfico 13 – Resultados do item 5.3. do Inquérito B

Como o gráfico mostra, 36% do grupo de imersão e 14% do de controlo acertou. Além disso, a forma *a menina* é a primeira preferência dos informantes de ambos os grupos e *a Np* é a segunda.

Julgamos que a preferência pela forma *a menina* se deve a transferência da LM. A forma homóloga em chinês, *guniang*, pode ser dirigida tanto a jovens do sexo feminino como a miúdas, mas, tratando-se de crianças, preferencialmente acrescenta-se o diminutivo *xiao*. Assim, não é de admirar a alta taxa de opção por *a menina*.

Além disso, a baixa taxa de respostas adequadas também tem relação com o desconhecimento do uso dos nomes de afeto e com a transferência negativa da LM. Por um lado, atribuímo-la ao facto de os chineses normalmente expressarem as emoções através do

tom e do uso de diminutivo, mas raramente através de FTs. Uma criança como a do item 5.3. é tratada da mesma forma que uma jovem, alterando-se apenas o tom. Por outro lado, colocamos o diminutivo *xiao* antes da forma de tratamento, para expressar paixão, amor, mas não existem FTs específicas para indivíduos de certa faixa etária, como *querida* pode ser em português. Portanto, atribuímos a reduzida taxa de acerto dos informantes à transferência linguística, causada aqui pela grande diferença entre a LM e a LA.

Fatores decisivos em PE	Hierarquia social (=)	Idade (-)	Proximidade (-)
Respostas adequadas		d.	
Proporção da escolha		G. de imersão 36% G. de controlo 14%	
Fatores decisivos em chinês	Hierarquia social (=)	Idade (-)	Proximidade (-)
Respostas possíveis		a. / b.	
Proporção da escolha		a. G. de imersão 28% G. de controlo 43% b. G. de imersão 36% G. de controlo 43%	

Quadro 14 - Fatores Decisivos em ambas as línguas no contexto do item 5.3. do Inquérito B com a proporção das respostas por ambos os grupos

No que diz respeito aos fatores determinantes na escolha dos tratamentos, o contexto deste item manifesta uma igualdade no fator mais decisivo nas duas línguas – a hierarquia etária. Tal fator exige a resposta d. em português e as respostas a. e b. poderiam ser as possíveis em chinês.

No quadro acima pode-se verificar a taxa de escolha das respostas exigidas pelo fator decisivo. Descobre-se que tanto o grupo de imersão como o de controlo registam grande proporção na escolha das respostas a. e b. - o que consideramos como a transferência da LM; e que em ambos os grupos há algumas respostas adequadas (a d.), sendo a taxa maior do grupo de imersão do que a do controlo.

A situação criada no item 5.4. envolve um homem de trinta anos. Foram dadas três opções de resposta: *o Np*, *o Sr. + Np* e *o Sr. + Ap*. O Gráfico 14 apresenta todas as opções de resposta e a sua proporção.

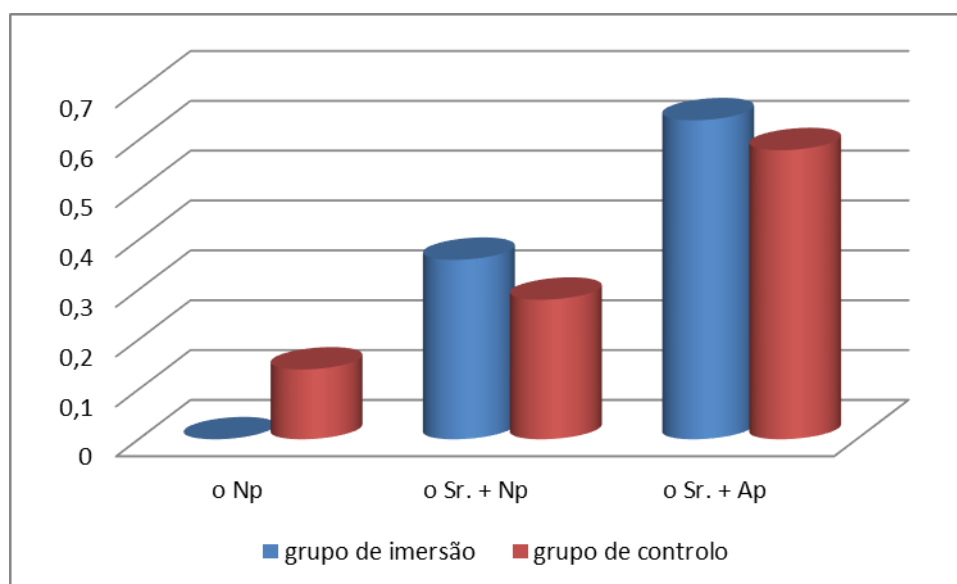


Gráfico 14 – Resultados do item 5.4. do Inquérito B

A forma de tratamento *o Np* parece adequada para nos dirigirmos a conhecidos com os quais temos pouca proximidade; em relação à segunda opção, como considera Rodrigues, não é cortês misturar um tratamento de distância (senhor) com outro de proximidade (*Np*), quando o conhecimento não ocorre bilateralmente, ou quando ocorre bilateralmente, mas com diferenças de estatuto social. Assim, neste caso, *o Sr. + Np* não é apropriado; *o Sr. + Ap* é a resposta que consideramos adequada no contexto proposto.

De acordo com o Gráfico 14, os nossos informantes preferem a forma *o Sr. + Ap*, que, ao mesmo tempo, a resposta adequada. Na FT *o Sr. + Np* registam-se uma taxa menor de respostas; a forma *o +Np* não apresenta nenhum registo no grupo de imersão e ocorre apenas uma resposta no grupo de controlo.

Fatores decisivos em PE	Hierarquia social (=)	Proximidade (-)	Idade (=)
Respostas adequadas		c.	
Proporção da escolha		G. de imersão 64% G. de controlo 58%	
Fatores decisivos em chinês	Hierarquia social (=)	Proximidade (-)	Idade (=)
Respostas possíveis			c.
Proporção da escolha			G. de imersão 64% G. de controlo 58%

Quadro 15 - Fatores decisivos em ambas as línguas no contexto do item 5.4. do Inquérito B com a proporção das respostas por ambos os grupos

Como está expresso no quadro acima, os fatores determinantes deste item são proximidade (-), em português, e hierarquia etária (=), em chinês. Por acaso, há coincidência na forma de tratamento que os diferentes fatores exigem que se utilize.

Conforme os dados recolhidos, a resposta c. é a escolha preferida de ambos os grupos, registando a proporção de 64%, no grupo de imersão, e 58% no de controlo. Tal resultado dificulta-nos a percepção do efeito de imersão, dado que a escolha, pelos informantes em imersão, poderá ser baseada na transferência da LM e que o grupo de controlo regista também uma taxa alta de acerto. Nesse sentido, tendemos a dizer que, no contexto deste item, será maior o efeito da transferência da LM do que o efeito de imersão.

Dos quatro itens do item 5., é este último que regista mais respostas adequadas. Em comparação com as outras, é, de facto, a situação com a qual os informantes poderão ter tido contacto mais frequente durante a imersão. Por outro lado, é verdade que o número de respostas adequadas pode ter relação estreita com o número de possibilidades de escolha proporcionadas: não se apresentaram mais hipóteses que pudessem servir como opções distratores.

Quanto à percentagem de respostas *o Np* no grupo de controlo (14%), julgamos que os informantes não reconhecem que esta forma de tratamento está associada a uma certa proximidade entre os interlocutores, o que não se ensina nem se refere durante o ensino/aprendizagem no país de origem.

No item 6., que faz apelo à competência ativa dos informantes, avalia-se o uso de FTs entre interlocutores que têm relações de grande proximidade, mas em situações com diferentes graus de formalidade. Uma das informações mais relevantes destes dados consiste no facto de, numa situação informal, a grande maioria dos informantes do grupo de imersão preferir verbos na 2ª pes. sing., enquanto o grupo de controlo não apresenta essa preferência na mesma proporção.

No item 6.1., as figuras encontram-se num almoço. É uma situação comum na vida quotidiana e testa-se assim o tratamento entre pessoas com uma relação de relativa intimidade, numa situação de pouca formalidade. Expõe-se o resultado listando todas as respostas dadas pelos informantes do grupo de imersão e do grupo de controlo, e classificando-as em certas categorias, apresentadas no Gráfico 15.

Respostas dos informantes em imersão:

1. *Tens tempo para ver um filme comigo no fim-de-semana?*
2. *Tens tempo livre para ver um filme no fim-de-semana?*
3. *Tens tempo para um filme no fim-de-semana?*
4. *Olha, tens tempo para ver um filme neste fim-de-semana?*
5. *Estás disponível no fim-de-semana para ver um filme comigo?*
6. *Ó António, estás disponível para um filme neste fim-de-semana?*

7. *Luís, tens tempo para ver um filme comigo no fim-de-semana?*
8. *Luís, estás disponível no fim-de-semana para ver um filme?*
9. *Ó Luís, se estás disponível ou não no fim-de-semana para ver um filme?*
10. *Ó Luís, está disponível nesse fim-de-semana para ver o filme comigo?*
11. *Olá, Luís, está disponível neste fim-de-semana? Vamos ver um filme se tiver tempo.*

Classificamos as onze respostas dadas pelos informantes em imersão em três categorias. As respostas 6. a 9. usam a forma “NV¹⁴ + 2ª pes. sing.”, as respostas 1. a 5. usam a forma “SN¹⁵ + 2ª pes. sing.” e nas respostas 10. e 11. encontramos “NV + 3ª pes. sing.”.

Em relação ao grupo de controlo, as respostas são as seguintes:

1. *Luís, tens tempo no fim-de-semana? Como achas ver um filme comigo?*
2. *Luís, tens tempo para ver um filme no fim-de-semana comigo?*
3. *Estás disponível no fim-de-semana para ver um filme comigo?*
4. *Olha, tens tempo para ver um filme no fim-de-semana?*
5. *Tem tempo para ver um filme no fim-de-semana?*
6. *Oi Luís, está disponível no fim-de-semana para ver um filme?*
7. *Está bem.*

Podemos verificar que as primeiras duas respostas usam a forma “NV + 2ª pes. sing.”, as respostas 3. e 4. usam a forma “SN + 2ª pes. sing.”, a 5. usa “SN + 3ª pes. sing.”, a 6. usa “NV + 3ª pes. sing.”, enquanto a última resposta é inválida.

No Gráfico 15 apresentamos uma visão geral das respostas do item 6.1.

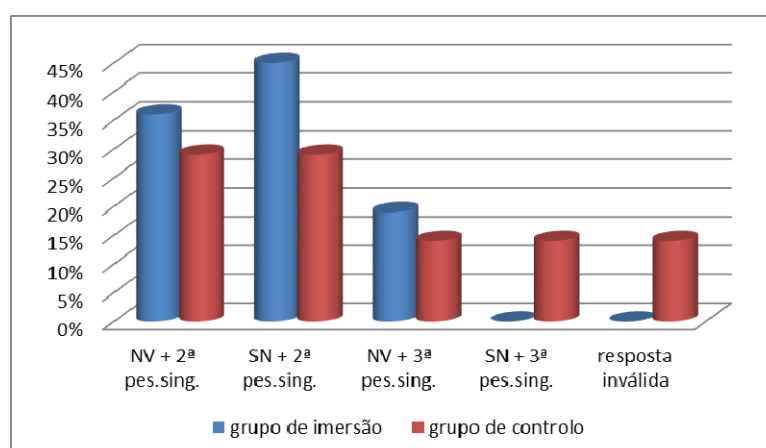


Gráfico 15 – Resultado do item 6.1. do Inquérito B

¹⁴ NV indica “nome vocativo”.

¹⁵ SN indica “sujeito nulo”.

Consideramos as respostas “NV + 2ª pes. sing.” e “SN + 2ª pes. sing.” como adequadas. O grupo de imersão regista, no total, nove respostas adequadas e o grupo de controlo, quatro. Numa situação como esta, de pouca formalidade, a forma mais adequada entre dois amigos é o tratamento “2ª pes. sing.”, com ou sem explicitação da forma pronominal *tu*, que, segundo Rodrigues (2003: 343) e Cunha e Cintra (1984: 293), está relacionada com proximidade e intimidade, sendo usada entre iguais. Ambos os grupos mostram uma taxa alta de acerto e consideramos que isso tem a ver com os conhecimentos que já tinham adquirido. Ao mesmo tempo, a semelhança do uso da FT “2ª pes. sing.” em situação idêntica na LM também ajuda a compreender este resultado.

As respostas menos apropriadas são “NV + 3ª pes. sing.” e “SN + 3ª pes. sing.”, uma vez que o uso de 3ª pes. sing., em português, está geralmente associado a tratamento entre pessoas com relacionamento relativamente distante. Dois informantes em imersão e um do grupo de controlo escolhem a primeira resposta, “NV + 3ª pes. sing.”. Em termos dos fatores determinantes da escolha das FTs no item 6.1., o português e o chinês partilham o mesmo fator decisivo – proximidade (+) e privilegiam a utilização da 2ª pes. sing. É um item que também não nos permite ver com clareza qual o efeito de imersão. Havendo semelhança entre a LM e a LA, os informantes acertaram bastante, especialmente o grupo de imersão, com uma taxa de acerto de 82%, enquanto o grupo de controlo se fica por 57%. As altas taxas de acerto indiciam efeitos positivos de transferência, a diferença entre os resultados dos dois grupos talvez se deva a efeitos da imersão. No entanto, os dados são reduzidos para podermos afirmar isso com algum grau de certeza.

A situação criada no item 6.2., em que participam os mesmos intervenientes, tem tratamento diferente na China e em Portugal, dado que é uma situação absolutamente “formal” na China, apesar da relação entre os interlocutores ser próxima, e tem um grau menor de formalidade em Portugal.

Listamos as respostas recolhidas e classificamo-las, tal como o fizemos para o item 6.1., em determinadas categorias, para tornar o resultado mais nítido e mais visível.

Assim, temos as respostas seguintes do grupo de imersão:

1. *Professor Luís, você tem tempo para levar os alunos visitar a Igreja no fim-de-semana?*
2. *Se estás disponível no fim-de-semana para levar nossos alunos visitar a Igreja?*
3. *Se podes levar os alunos visitar a Igreja no fim de semana?*
4. *Luís, não sei se está disponível para levar os alunos visitar a Igreja neste fim-de-semana?*

5. *Queria saber se o senhor está disponível no fim-de-semana para levar os alunos visitar a Igreja?*
6. *O Luís tem tempo este fim de semana?*
7. *Professor Luís, está disponível para levar os alunos visitar a Igreja no fim de semana?*
8. *O Luís está disponível para levar os alunos visitar a Igreja?*
9. *O Senhor Doutor Luís, se está disponível ou não no fim-de-semana para levar os alunos visitar a Igreja?*
10. *Desculpem de interromper. Olá Doutor Luís, não sei se está disponível no fim-de-semana para levar os alunos visitar a Igreja?*
11. *Luís, queria saber se tiver tempo neste fim-de-semana? porque preferia que, se estiver disponível, leve os alunos visitar a Igreja por favor.*

Classificamos as onze respostas em três categorias, que envolvem: a) o uso das formas “2ª pes. sing.” (as respostas 2. e 3.); b) “3ª pes. sing.” (as respostas 4. a 11.; e c) “você” (a resposta 1.).

O grupo de controlo regista sete respostas, que são:

1. *Luís, se você está disponível ou não no fim-de-semana e como você acha levar os alunos visitar a Igreja?*
2. *O senhor Luís tem tempo para levar os alunos visitar a Igreja no fim-de-semana?*
3. *Luís, você está disponível no fim-de-semana para levar os alunos visitar a Igreja?*
4. *Olá, Luís, tem tempo para levar os alunos visitar a Igreja no fim-de-semana?*
5. *O senhor Luís, está disponível para levar os alunos visitar a Igreja no fim-de-semana?*
6. *Luís, é conveniente levar os alunos visitar a Igreja no fim-de-semana?*
7. *O senhor Luís, você tem tempo no fim-de-semana para levar os alunos visitar a Igreja?*

Das nove respostas do grupo de controlo, três usam a forma “3ª pes. sing.”, outras três utilizam você e uma recorre à oração subordinada completiva (a abreviação “OSC” no gráfico seguinte).

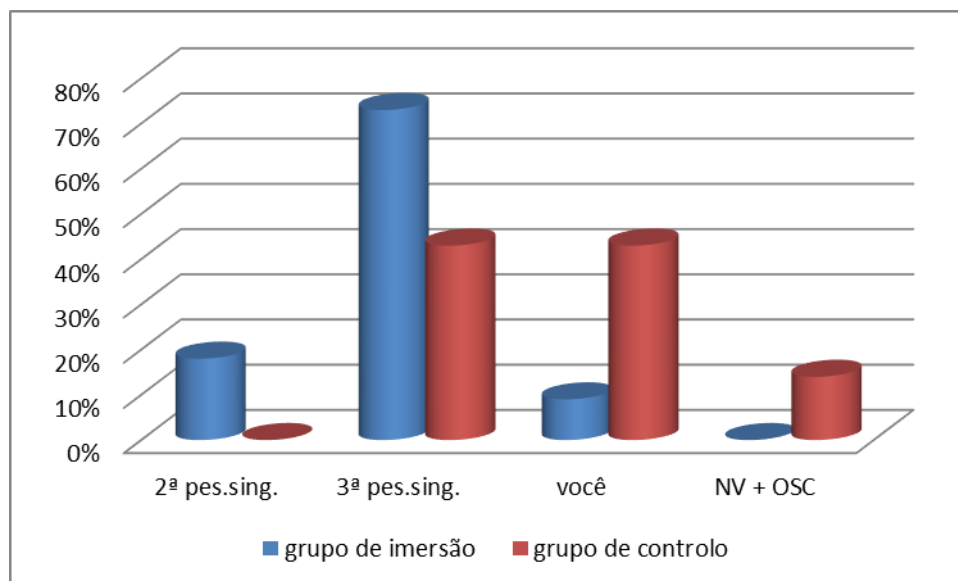


Gráfico 16 – Resultados do item 6.2. do Inquérito B

O Gráfico 16 apresenta o resultado geral do item 6.2. Dentro das possibilidades de resposta, consideram-se adequadas aquelas em que se usam as FTs que envolvem “2ª pes. sing.” e “3ª pes. sing.”. Assim, verifica-se que a grande maioria dos informantes do grupo de imersão escolheu as respostas adequadas e apenas regista uma resposta com a utilização de “você”, que não é preferencialmente aceitável numa situação como esta em PE. As FTs “3ª pes. sing.” e “você” manifestam a mesma percentagem no grupo de controlo, onde, além disso, se regista um caso de utilização de OSC e nenhum uso de “2ª pes. sing.”. A utilização de “NV + OSC” diferencia-se das outras respostas e julgamos que o uso da oração poderá ser uma forma de delicadeza, apesar de “NV” poder quebrar esse efeito. Poderá também ser uma estratégia para evitar uma forma de tratamento concreta.

Também se observa que a forma “3ª pes. sing.” é a escolha preferencial dos informantes e há poucas escolhas de “2ª pes. sing.” – o que nos chama atenção para a diferença do grau de formalidade que a situação exige nas duas culturas. A formalidade de tal situação exige, em chinês, um tratamento de respeito, devido ao facto de os professores estarem perante os seus alunos, devendo evitar assim os tratamentos de grande proximidade, assim como vocativos.

Além disso, é de referir as quatro respostas que envolvem o uso de *você*, uma do grupo de imersão e três do grupo de controlo. O uso desta forma pelo informante do grupo de imersão é estranho, porque o aluno em causa não usou *você* em nenhum outro item, quer de escolha múltipla, quer de produção escrita. Ao mesmo tempo, continuamos a considerar que a utilização de *você* pelo grupo de controlo está relacionada com a influência do português brasileiro com que contactam em contexto educacional.

No contexto criado no item 6.2., os interlocutores constituem um triângulo em termos de relação interpessoal e é necessário dividi-lo em dois sub-contextos para discutir os fatores decisivos na escolha das FTs.

Em termos da relação entre os dois professores, tal como no caso do item 6.1., o português e o chinês registam a igualdade no fator determinante – a proximidade (+), que pediria o uso da 2ª pes. sing. Podemos observar que há 18% de informantes do grupo de imersão que deu resposta adequada usando 2ª pes. sing., enquanto o grupo de controlo não regista nenhuma. No quadro seguinte sintetizam-se os resultados:

Fatores decisivos em PE	Hierarquia social (=)	Proximidade (+)	Idade (=)
Respostas adequadas		2ª pes.sing.	
Proporção da escolha		G. de imersão 18% G. de controlo 0%	
Fatores decisivos em chinês	Hierarquia social (=)	Proximidade (+)	Idade (=)
Respostas possíveis		2ª pes.sing.	
Proporção da escolha		G. de imersão 18% G. de controlo 0%	

Quadro 16 – Fatores decisivos em ambas as línguas no sub-contexto “relação entre os dois professores” do item 6.2. do Inquérito B com a proporção das respostas por ambos os grupos

No que concerne à relação entre os professores na presença dos seus alunos, diferenciam-se os fatores determinantes nas duas línguas: para o português continuará a ser a proximidade (-) e para o chinês, a hierarquia (-). Mesmo que os fatores decisivos não sejam os mesmos, é possível a utilização da mesma FT, 3ª pes. sing.. O quadro seguinte mostra os diferentes fatores e a taxa de escolha da FT 3ª pes. sing. por ambos os grupos.

Fatores decisivos em PE	Hierarquia (-)	Proximidade (-)	Idade (-)
Respostas adequadas		3ª pes.sing.	
Proporção da escolha		G. de imersão 73% G. de controlo 43%	
Fatores decisivos em chinês	Hierarquia (-)	Proximidade (-)	Idade (-)
Respostas possíveis	3ª pes.sing.		
Proporção da escolha	G. de imersão 73% G. de controlo 43%		

Quadro 17 – Fatores decisivos em ambas as línguas no sub-contexto “relação entre os professores e os alunos” do item 6.2. do Inquérito B com a proporção das respostas por ambos os grupos

Numa visão geral, observa-se que os informantes de ambos os grupos utilizam mais a 3ª pes. sing. do que a 2ª pes. sing. – facto que consideramos causado pela diferença no

reconhecimento do grau da formalidade dos contextos, que referimos no ponto 2.3. do Capítulo I em relação às dificuldades sentidas pelos aprendentes chineses. Dentro dos dois sub-contextos, o português valoriza a relação entre os professores e a escolha dos tratamentos concentra-se nessa relação, ou seja, entre os verdadeiros interlocutores da interação verbal; o chinês, por seu lado, valoriza a relação dos professores com os alunos e o tratamento deve ser a 3ª pes. sing. porque os interlocutores estão perante os seus alunos e precisam de manifestar um respeito mútuo entre si.

O item 7. exige dos informantes o recurso à sua competência ativa, não lhes sendo dada nenhuma opção de resposta. Tratando-se de situações que envolvem o uso complexo de FTs, as respostas aos itens do grupo 7. apresentam bastante variedade. Esses itens apresentam uma personagem em situações académicas distintas, que implicam o uso de diferentes FTs: a forma como é tratado pelos colegas numa reunião dos professores da Faculdade e a forma como é apresentado num seminário em que vai fazer uma palestra. Estes itens têm como objetivo e ponto de partida conhecer o domínio, por parte dos informantes, das FTs que envolvem o título académico nas duas situações: a primeira tem em conta o cargo que a personagem desempenha (diretor) e a relação interpessoal (colegas), enquanto a segunda tem em conta o título académico, o “doutor”.

A situação do item 7.1. exige aos informantes uma frase completa, contendo a forma de tratamento e uma frase declarativa ou interrogativa. Por consequência, temos geralmente duas estruturas frásicas onde as FTs podem aparecer: o vocativo e o complemento indireto.

Registamos todas as possibilidades de resposta dos informantes e enumeramo-las, separando o grupo de imersão e o de controlo:

Respostas do grupo de imersão:

1. *Aquí é o plano de trabalho, senhor doutor Ferreira.*
2. *O senhor doutor Ferreira, vou relatar o plano de trabalho.*
3. *O diretor Ferreira, posso relatar o plano de trabalho agora?*
4. *O senhor Doutor Ferreira, podíamos começar?*
5. *o senhor doutor Pedro*
6. *o senhor diretor*
7. *O Senhor Doutor Diretor, nós temos um plano de trabalho para relatar.*
8. *O senhor diretor Ferreira, nós vamos relatar o plano de trabalho.*
9. *O Senhor Diretor Pedro Ferreira, vamos relatar o plano de trabalho ao diretor.*
10. *Olá, Doutor Ferreira, permita-nos relatar o plano de trabalho à V. Ex^a.*
11. *Bom dia/Boa tarde, Dr. Ferreira. queria apresentar o meu plano de trabalho para o senhor agora, ... (conteúdo do plano)... É tudo, muito obrigada pela atenção.*

Respostas do grupo de controlo:

1. *O diretor ferreira, poderia lhe relatar o plano de trabalho agora?*
2. *O senhor diretor Pedro, vamos relatar o plano de trabalho, podia começar?*
3. *Bom, podemos começar.*
4. *O senhor Doutor Ferreira. podemos começar?*
5. *Bom, começamos relatar o plano de trabalho.*
6. *Hoje, vamos apresentar o plano de trabalho ao senhor doutor Pedro Ferreira.*
7. *Permitem-nos relatar o plano de trabalho.*

Nas respostas observa-se que oito informantes do grupo de imersão (as respostas 2. a 9.) e três do grupo de controlo (as respostas 1., 2. e 4.) utilizam o vocativo com o artigo definido “o”, o que é bastante estranho e estruturalmente errado. Tal facto leva-nos a pensar numa possibilidade de representação gráfica indevida, pretendendo os informantes utilizar a interjeição “Ó” (mesmo que seja pragmaticamente inadequada no contexto, que exige certo grau de formalidade). Aliás, como a quantidade das respostas com a utilização desta forma é bastante significativa, tendemos a dizer que os informantes não dominam a estrutura dos vocativos e vamos ignorar, na nossa análise, a utilização dessa forma.

Nesse sentido, se excluirmos o erro do uso de “o”, o grupo de imersão deu nove respostas adequadas no vocativo, enquanto o grupo de controlo deu duas; no que respeita ao complemento indireto, registam-se, respetivamente, duas e uma respostas adequadas – como está exposto nos gráficos 17 e 18, que mostram os resultados relativos às duas estruturas frásicas.

O Gráfico 17 apresenta o resultado do uso das FTs no vocativo, no item 7.1. e o gráfico 18 diz respeito ao resultado do uso das FTs no complemento indireto. No gráfico 17, separam-se as respostas adequadas (*Sr., Dr., Diretor e Ap*) das inadequadas (*Sr., Dr., Diretor e Np.*

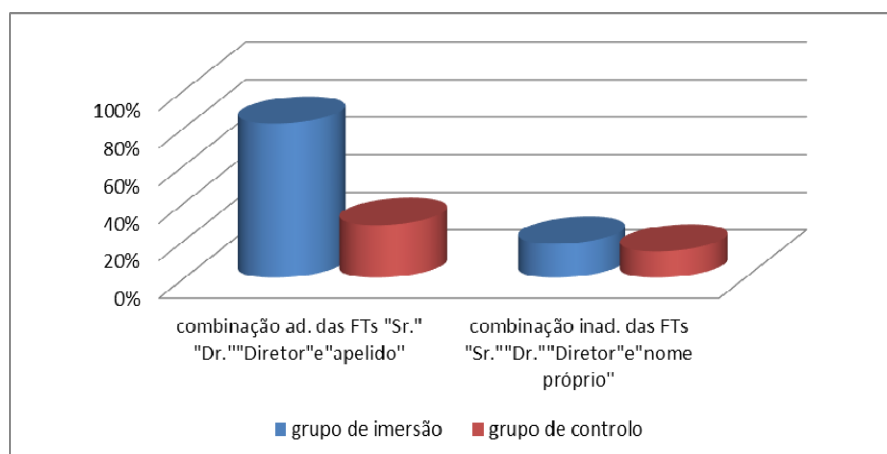


Gráfico 17 – Resultado do item 7.1. do Inquérito B (vocativo)

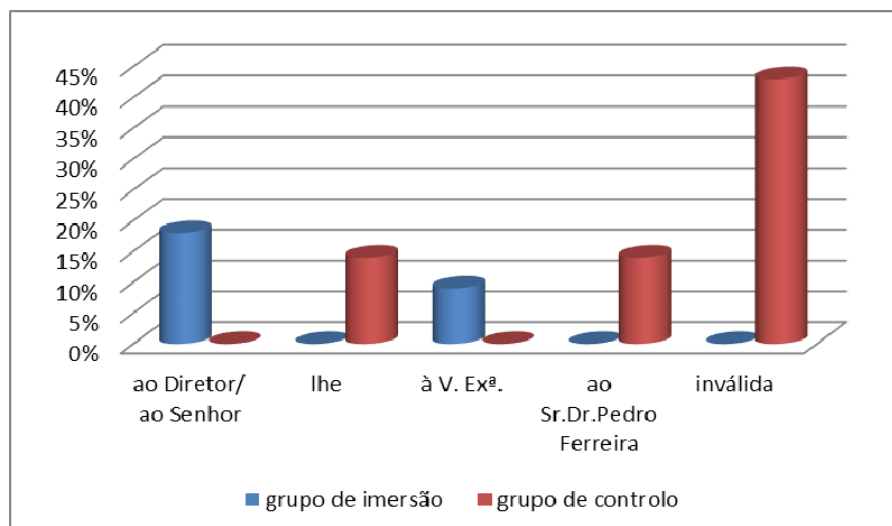


Gráfico 18 – Resultado do item 7.1.do Inquérito B (complemento indireto)

Dentro das respostas do grupo de imersão, em termos do vocativo, considera-se inadequado o uso das FTs das respostas 3. e 7., sendo que estas duas registam uma combinação inadequada. Nas restantes respostas do grupo de imersão, o uso das FTs é apropriado à situação, com combinações variáveis entre as formas *senhor*, *doutor*, *diretor* e o *Ap.*

As últimas três respostas, 9., 10. e 11. incluem estruturas de Complemento Indireto que envolvem as FTs; consideramos inadequada a forma *à V. Exª.*, por esta representar um respeito excessivo. No nosso entender, sendo uma forma cujo uso é, atualmente, reduzido a situações muito específicas, *V. Exª.* não se apropria a uma situação entre colegas de trabalho como esta. Mesmo que seja uma situação com determinada formalidade, a relação hierárquica entre os colegas e o diretor, geralmente, não chega a um nível tão elevado e afastado. Por outro lado, consideramos como ganho de imersão a utilização de *vossa excelência*, mesmo que não esteja bem aplicado aqui, por indicar que sabem qual a sua função básica. Como não se ensinam sistematicamente as FTs pronominais e nominais na China e não há nenhum material didático que contemple esta questão, não é frequente o ensino e a discussão desta forma de tratamento de alto respeito e pouco se refere o seu uso prático, não sendo, por isso, previsível que os alunos o conheçam.

Em relação às respostas do grupo de controlo, nas respostas 3., 5. e 7. não consta uma FT dirigida à personagem referida no item, portanto são consideradas inválidas. Julgamos que estes três informantes recorrem à técnica de evitação quando não têm a certeza das FTs adequadas ao contexto, substituindo a utilização de uma FT por outras fórmulas – o que é uma estratégia bastante utilizada por aprendentes de LE. Nas restantes quatro respostas, julga-se que as FTs *o diretor ferreira* (1.) e *o senhor Doutor Ferreira* (4.), usadas na estrutura do

vocativo, e *lhe* (1.), usada na estrutura do complemento indireto, são adequadas numa situação como esta, enquanto *o senhor diretor Pedro* (2.) e *ao senhor doutor Pedro Ferreira* (6.) são inadequadas, pelas mesmas justificações apresentadas para as respostas do grupo de imersão.

No que concerne aos fatores que determinam a escolha das FTs no contexto deste item, o português e o chinês manifestam uma coincidência: em ambas as línguas é a hierarquia social e profissional que determina a utilização das FTs. No entanto, as duas línguas não registam coincidência nas FTs adequadas exigidas: em português é *senhor doutor (+ Ap)* ou *senhor diretor (+ Ap)* e em chinês é *(Ap +) diretor*. Percorrendo todas as respostas dos informantes acima enumeradas, verificamos que o grupo de imersão regista uma alta taxa de adequação e o grupo de controlo não deu tantas respostas adequadas e que, em ambos os grupos se regista uma resposta utilizando a FT adequada na LM. Esse resultado parece mostrar que no grupo de imersão se pode ver algum efeito de imersão e no grupo de controlo um reflexo da técnica de evitação.

No item 7.2., solicita-se apenas a forma de tratamento a incluir na apresentação do palestrante. Numa situação deste tipo, espera-se que a apresentação inclua o nome completo (*NpAp*), título académico e/ou de profissão.

Tendo em conta a diversidade das respostas dos informantes, põem-se todas as possibilidades numa lista, separando as do grupo de imersão das do grupo de controlo.

Respostas do grupo de imersão:

1. *a vossa excelência*
2. *o senhor doutor diretor*
3. *o senho doutor Pedro Frreira*
4. *o diretor da Faculdade, o senhor doutor Pedro Ferreira*
5. *o senhor doutor diretor Pedro*
6. *o senhor Pedro Ferreira, o diretor da Faculdade, professor de Literatura portuguesa e doutorado em Língua e Literatura Portuguesas*
7. *Sr. Dr. Ferreira*
8. *o Pedro*
9. *o professor e doutorado Pedro Ferreira*
10. *o digníssimo Doutor Pedro*
11. *o Senhor Doutor Pedro Ferreira*

Respostas do grupo de controlo:

1. *o senhor diretor doutor Ferreira*

2. *o senhor doutor Ferreira*
3. *o senhor doutor Ferreira*
4. *o senhor Pedro, o diretor da Faculdade, professor de Literatura portuguesa e doutorado em Língua e Literatura Portuguesas*
5. *o senhor diretor Ferreira*
6. *o senhor doutor Pedro Ferreira*
7. *o Senhor Doutor Ferreira*

O Gráfico 19 mostra os resultados deste item, em ambos os grupos de informantes. Estão classificadas as possibilidades de resposta em quatro categorias, em que a primeira, *o (Sr.) (Dr./Diretor) + nome completo* é considerada adequada e a fórmula indica combinações variáveis entre as formas *senhor* e *doutor/diretor*; a categoria “falta de nome completo” diz respeito a todas as respostas que não mencionem o *Np* nem o *Ap*, sendo usado apenas *senhor doutor, diretor* ou *Vossa Ex^a*; a categoria “referência apenas do *Np*” compõe-se das respostas onde se utiliza apenas o *Np*, com ou sem outros tratamentos de respeito; e a categoria “referência apenas do *Ap*” designa aquelas respostas em que se usa apenas o apelido, com ou sem outros tratamentos de respeito.

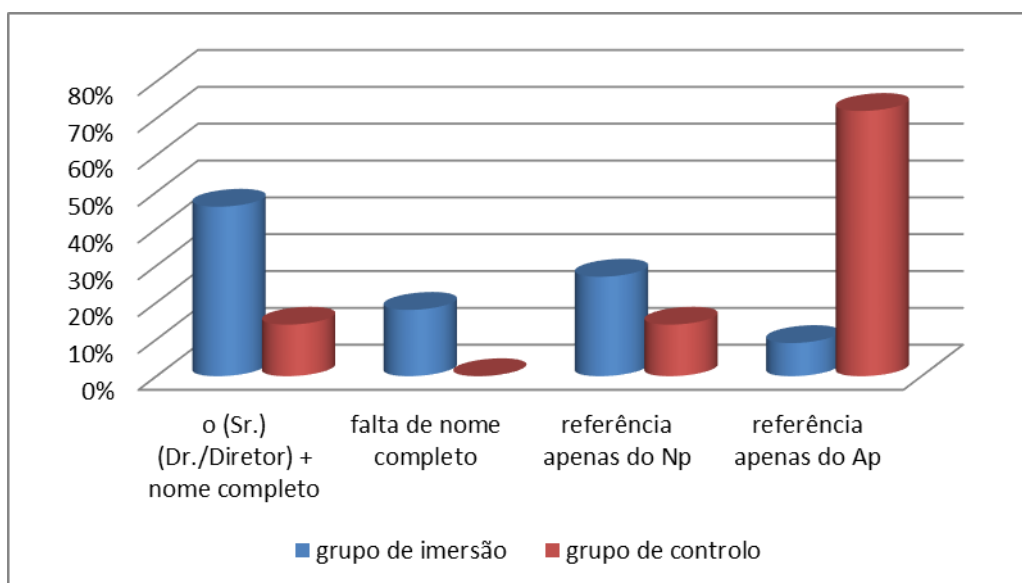


Gráfico 19 – Resultado do item 7.2. do Inquérito B

Numa situação destas, na qual convergem vários fatores de que depende a escolha das FTs, adequam-se respostas que contenham o nome completo, acompanhado por outros elementos, como por exemplo o título académico. Nesse sentido, são consideradas respostas adequadas as respostas 3., 4., 6., 9. e 11. do grupo de imersão (mesmo que 3. e 9. registem erros na escrita) e a resposta 6. do grupo de controlo. A taxa de adequação é 46% para o grupo

de imersão e 14% para o grupo de controlo. Esse resultado coincide, até certo ponto, com o que se esperava, porque os informantes em imersão poderiam ter tido oportunidades de assistir a seminários desta natureza durante a formação escolar no país de LA, enquanto o grupo de controlo nunca participou em palestras de língua portuguesa, até mesmo em poucas palestras na LM.

Consideramos todas as outras respostas inadequadas devido:

- À falta de nome completo (respostas 1. e 2. do grupo de imersão, onde, além disso, encontramos outras inadequações, como o respeito excessivo que ocorre na resposta 1, com a utilização de *Excelência*; e, na resposta 2, a pouca consideração que a falta do nome completo reflete, mesmo que se usem as formas de respeito não combináveis *senhor doutor diretor*);

- Ao uso apenas de *Np* (respostas 5., 8. e 10. do grupo de imersão e 4. do grupo de controlo; a resposta 8. do grupo de imersão regista apenas o tratamento *o Pedro*, que nesta situação exprime desconsideração e que não se apropria ao grau de formalidade que a situação exige; na resposta 10. encontramos uma combinação de formas que manifestam diferentes graus de formalidade, nomeadamente *digníssimo* com o *Np*);

- À referência apenas de apelido (resposta 7. do grupo de imersão e 1., 2., 3., 5. e 7. do grupo de controlo; tal como o uso apenas de *Np*, o uso do *Ap* não manifesta suficientemente a formalidade de uma situação deste tipo).

A baixa taxa de adequação leva-nos a pensar no facto de que o grupo de controlo não participou em nenhuma palestra em português durante o estudo de três anos, não tendo, portanto, contactado com situações deste tipo, o que permite compreender que não estejam familiarizados com a forma como se trata um palestrante.

Considerando os fatores decisivos, encontramos coincidência entre as duas línguas, sendo a hierarquia social e profissional que determina a escolha de FTs. Em termos das FTs adequadas, o português e o chinês apresentam uma semelhança, sendo em português a FT *o senhor doutor + nome completo* e em chinês a FT *nome completo + doutor*. Apesar disso, a taxa de adequação (46% do grupo de imersão e 14% do grupo de controlo) parece indicar-nos que essa coincidência não é usada para a escolha das FTs no contexto apresentado, ou seja, a transferência positiva não tem efetivamente a sua função.

2.2 Possíveis efeitos de imersão

A partir dos resultados acima apresentados relativamente a cada item elaborado no Inquérito B, tentemos verificar e discutir o efeito da imersão na aprendizagem das FTs em PE.

Tendo em conta o cruzamento da coincidência ou não-coincidência dos fatores que determinam a escolha das FTs (fatores decisivos) em cada uma das línguas, com a coincidência

ou não-coincidência das próprias FTs adequadas exigidas pelo português e pelo chinês, podemos encontrar quatro possibilidades:

- a. há coincidência dos fatores decisivos e das FTs exigidas;
- b. não há coincidência dos fatores decisivos nem das FTs exigidas;
- c. há coincidência dos fatores decisivos mas não-coincidência das FTs exigidas;
- d. não há coincidência dos fatores decisivos, mas há coincidência das FTs exigidas.

São estas quatro categorias que o quadro seguinte apresenta, com a respetiva taxa de adequação das respostas dos informantes de ambos os grupos, que nos poderão ajudar a verificar e discutir algum efeito de imersão e da transferência da LM.

(Não-) Coincidência dos fatores decisivos e das FTs exigidas	Taxa de adequação do G. de imersão	Taxa de adequação do G. de controlo
a. Coincidência dos fatores decisivos e das FTs exigidas	91%	79%
b. Não-coincidência dos fatores decisivos nem das FTs exigidas	18%	14%
c. Coincidência dos fatores decisivos e não-coincidência das FTs exigidas	62%	26%
d. Não-coincidência dos fatores decisivos e coincidência das FTs exigidas	64%	58%

Quadro 18 – Taxa de adequação das respostas em ambos os grupos em contextos distintos de fatores decisivos e FTs exigidas

A categoria a. reflete, a nosso ver, o papel significativo da transferência positiva da LM. A coincidência entre as duas línguas nos fatores decisivos e na escolha das FTs adequadas ajuda e facilita bastante a aprendizagem numa LE. Observa-se que, nos itens desta categoria, tanto o grupo de imersão como o de controlo registam uma taxa bastante alta de adequação, sendo um pouco mais alta a taxa do grupo de imersão.

A categoria b. diz respeito à situação contrária – o possível efeito de transferência negativa. Quando não se manifesta nenhuma coincidência nos fatores decisivos nem nas FTs exigidas, a taxa de acerto é muito baixa e a diferença de resultados entre os grupos de imersão e de controlo é menor.

Na categoria c. é o fator linguístico que está em foco e é neste caso que o grupo de imersão supera o grupo de controlo com a maior diferença na taxa de adequação. É essa

superação que nos leva a considerar que é a nível linguístico que se manifesta prioritariamente o efeito de imersão, ou seja, os alunos em imersão mostram conhecer melhor as formas linguísticas adequadas à situações, quando elas não coincidem com as da sua LM.

A categoria d. tem o fator cultural em foco (diferença nos fatores que determinam as escolhas da FT). Note-se que ambos os grupos apresentam uma taxa de adequação relativamente alta e a diferença entre eles é, mais uma vez, muito pequena. Parece-nos um resultado um pouco estranho, porque era de esperar que a imersão tivesse um efeito mais notório a nível cultural, devendo a diferença de resultados entre os grupos ser maior. Tal não se verifica, no entanto.

A comparação dos resultados nestas quatro categorias permite-nos concluir que, neste grupo de informantes e no que respeita à aprendizagem das FTs, o efeito da imersão se faz sentir sobretudo no aspeto linguístico, uma vez que, por um lado, a coincidência ou não dos fatores que determinam a escolha das FTs nas duas línguas (aspeto cultural) não conduz a diferenças significativas nas respostas dos dois grupos; por outro lado, é quando, apesar de os fatores decisivos serem idênticos, as FTs são diferentes que se manifestam diferenças significativas entre os dois grupos. Esse facto permite-nos colocar a hipótese de que o principal ganho da imersão é de natureza linguística.

2.3 Reflexão sobre as dificuldades sentidas por aprendentes chineses na aprendizagem das FTs em português europeu

No ponto 2.3., apresentamos as dificuldades sentidas por aprendentes chineses na aprendizagem das FTs em PE, de acordo com estudos realizados no âmbito da linguística por autores chineses. São concretamente as seguintes dificuldades que se refletem nos resultados que obtivemos com o nosso estudo:

a. “Reconhecimento do uso de «SN + 3^a. pes. sing.» como FT de respeito”, fórmula em que, geralmente, o sujeito nulo é substituído pelo pronome *você*. Não se encontram, no nosso inquérito, contextos em que se teste unicamente a FT em questão, sendo esta uma resposta possível apenas no item 1. Nesse sentido, os dados não nos permitem verificar se esta dificuldade existe.

b. “Uso da fórmula *o Np+ 3^a. pes. sing.* como fórmula de distanciamento”. Esta FT surge no item 3. (de escolha múltipla) e no item 4.1. (de ordenação). No entanto, a alternativa d. do item 3. não é considerada resposta adequada e apenas um informante do grupo de imersão a escolheu, tendo sido considerada como efeito de transferência positiva a não-escolha desta FT. Já a alternativa c. do item 4.1. é a FT mais formal das três FTs apresentadas e pode-se verificar através das justificações que o grupo de imersão tem conhecimento desta FT e justifica a sua

formalidade pelo “artigo definido” e pela equivalência à FT *o senhor + 3ª pes. sing.*. O grupo de controlo, por seu lado, não apresenta explicações claras, mostrando apenas, nas justificações, o reconhecimento das FTs testadas e não mencionando o seu valor pragmático. A falta de dados em itens de produção, aqueles que de forma mais eficaz nos poderiam dar conta da verdadeira competência dos informantes, não nos permite confirmar efetivamente esta dificuldade. Podemos dizer apenas que nos parece que a imersão tem o seu papel no uso desta FT, dado o reconhecimento, por parte de informantes em imersão, de um valor equivalente entre a FT *o Np* e a FT *o senhor*. Tendo em conta a inexistência desta FT na LM, este reconhecimento pode ser atribuído à imersão, seja por contacto em contexto informal, seja por ter sido aprendido em contexto educacional no país de LA.

c. “Diferença de tratamentos para mulheres (uso de *a senhora/dona/senhora dona + Np*) e para homens (uso de *o senhor + Ap*), assim como a sua combinação com títulos, quer nas mulheres, quer nos homens)”. Esta é uma dificuldade que se manifesta em duas sub-categorias: a diferença do uso de *Np* e *Ap* entre sexos e a combinação e ordenação das FTs *senhor/senhora/dona* com título profissional e académico. Foram elaborados especificamente os itens 5.1., 5.2. e 5.4. para testar a primeira sub-categoria (a diferença entre sexos) e os itens 7.1. e 7.2. para testar a segunda (combinação e ordenação de vários títulos).

Os resultados dos itens 5.1., 5.2. e 5.4. permitem-nos observar que os informantes de ambos os grupos têm mesmo essa dificuldade de utilização de *Np* quando se dirigem a senhoras e *Ap* quando se dirigem a senhores, sendo a taxa de adequação registada de 33% no grupo de imersão e 28% no grupo de controlo. A FT preferencial foi aquela que se adequa na LM – utilização de «apelido» para ambos os sexos, com a taxa de opção de 67% do grupo de imersão e 57% do grupo de controlo.

Em relação à segunda sub-categoria, os dados dos itens 7.1. e 7.2. indicam que, entre os títulos indicados nos itens (doutor e diretor), os informantes de ambos os grupos registam bastante variedade na combinação das FTs «Senhor», «Doutor» e «Diretor». Além disso, a resposta preferencial de ambos os grupos foi a FT «Senhor Doutor» nos contextos dos itens 7.1. e 7.2. Não se calcula a taxa de adequação, porque tais contextos pedem ainda a utilização de «nome completo» ou «apelido» e não se pode considerar a sua adequação apenas com a combinação dos títulos. Os resultados apenas permitem verificar a possibilidade da existência dessa dificuldade.

O que acima foi referido permite-nos dizer que a maioria dos informantes manifesta dificuldade no “Uso de *a senhora/dona/senhora dona + Np* e uso de *o senhor + Ap* (assim como a sua combinação com títulos)”, devido muito provavelmente à transferência da LM, onde não existe a FT constituída por vários títulos. Nesse sentido, parece que a imersão não

teve tanto efeito como poderia ser previsível. Dentro das duas sub-categorias, regista-se mais dificuldade na primeira – diferença no uso de *Np* e *Ap* entre sexos.

d. “Uso de «senhor/senhora» quando se desconhece o interlocutor”. Não se pode verificar esta dificuldade, dado que, na maioria dos contextos propostos no inquérito, se dá a informação sobre o interlocutor, e naqueles em que o interlocutor é desconhecido, há um fator determinante a considerar – a idade - que impede a utilização da FT *senhor/senhora*.

Conclusões

É reconhecido por muitos autores que a imersão desempenha um papel significativo na aprendizagem de uma LE, pela quantidade e qualidade de *input* a que o aprendente é exposto.

Neste estudo, pretendemos verificar o efeito da imersão na aprendizagem das FTs do português europeu por parte de um grupo de aprendentes chineses. Para isso, elaborámos um estudo empírico em que se aplicou um inquérito a dezanove alunos da mesma turma da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an, que estudam o português há dois anos, divididos em dois grupos – o grupo de imersão (alunos que estiveram a estudar em Portugal) e o grupo de controlo (alunos que nunca estudaram português em contexto de imersão). Este estudo foi realizado com a intenção de verificar o efeito da imersão através da comparação dos resultados destes dois grupos. Ao grupo de imersão foram aplicados dois inquéritos: um que tentava conhecer o motivo pelo qual estes alunos decidiram frequentar o curso de imersão e a sua perceção sobre os ganhos linguísticos e culturais na aprendizagem da LA; outro, a que também foi sujeito o grupo de controlo, que tinha como objetivo avaliar o domínio das FTs em PE por parte destes informantes e, conseqüentemente identificar possíveis ganhos trazidos pela imersão a que estes aprendentes se encontram sujeitos durante dez meses.

Partimos de um conjunto de hipóteses, que pretendíamos a confirmar ou infirmar, através da nossa pesquisa:

- a) a imersão desempenha um papel importante na aquisição/aprendizagem das FTs em PE, desde logo porque este aspeto da língua é determinado por muitos fatores, sobretudo de natureza cultural, que apenas podem ser cabalmente apreendidos na interação social diária, isto é, em situações reais de comunicação;
- b) o efeito de imersão varia de acordo com o nível de proficiência que um determinado falante tem da LA;
- c) os aprendentes chineses de PE, na aprendizagem das FTs, tendem a fazer transferência negativa na construção do sistema interlinguístico, dado que a sua LM e a LA são línguas distantes.

Partindo destas hipóteses, foram realizados os inquéritos, recolhidos os dados dos informantes de ambos os grupos e tratados os dados através da elaboração de quadros e gráficos. As principais conclusões que podemos extrair desses resultados são as seguintes:

1. Dificuldades sentidas pelos alunos chineses

A maioria dos informantes manifesta dificuldade no “Uso de a senhora/dona/senhora dona + *Np* e uso de o senhor + *Ap* (assim como a sua combinação com títulos)”, devido muito provavelmente à transferência da LM, onde não há diferença no uso dos tratamentos entre sexos, nem existe a FT constituída por vários títulos. De acordo com os dados, regista-se mais dificuldade na diferença no uso de *Np* e *Ap* entre sexos e parece que a imersão não teve tanto efeito como poderia ser previsível. Em relação a outras três dificuldades mencionadas no ponto 2.3. do Capítulo I, os resultados não nos permitem verificá-las, devido à falta de dados, especialmente de dados nos itens de produção.

Verificam-se também diferenças, entre ambos os grupos, no domínio das seguintes FTs: você, o/a *Np* (quando o locutor se dirige directamente ao alocutário), a menina (quando alguém se dirige a uma jovem desconhecida) e tu (quando alguém se dirige a uma pessoa com mais idade, com quem tenha mais proximidade). Essas diferenças fazem-nos lembrar da necessidade de dar a conhecer o uso atual destas FTs em Portugal e considerar a diferença linguística e cultural entre o português e o chinês durante o nosso ensino.

2. Papel da imersão

A imersão desempenha um papel na aquisição/aprendizagem das FTs em PE e o principal ganho de imersão é de natureza linguística, o que se pode verificar pelo facto de se registar maior diferença entre os dois grupos nos resultados dos itens onde a LM e a LA manifestam coincidência nos fatores que determinam a escolha das FTs (aspeto cultural) e não-coincidência nas FTs exigidas pelas duas línguas (aspeto linguístico). É essa superação que nos leva a considerar que é a nível linguístico que se manifesta prioritariamente o efeito de imersão, ou seja, os alunos em imersão mostram conhecer melhor as formas linguísticas adequadas à situações, quando elas não coincidem com as da sua LM.

Ambos os grupos fazem, aliás, a transferência negativa da LM quando não conhecem ou não têm certeza da utilização das FTs em determinados contextos.

3. Efeito de imersão e nível de proficiência linguística

Devido ao nível de proficiência linguística diferente, o efeito de imersão varia de indivíduo para indivíduo. Em ambos os grupos, reparamos que quanto mais alto é o nível linguístico, maior a taxa de acerto. Portanto, não se pode dizer que qualquer aluno em imersão domina melhor as FTs do que os que não se encontraram em imersão.

O presente trabalho regista algumas limitações. A amostra é bastante limitada, sendo constituída apenas por onze alunos que estiveram em imersão e sete alunos do grupo de

controle. Nesse sentido, os resultados não nos permitem analisar e verificar bem o papel que a imersão desempenha. Além disso, devido aos conhecimentos restritos da pesquisadora, a elaboração dos inquéritos, nomeadamente do inquérito B, não foi a mais adequada, pois faltam situações para aferir o domínio de algumas FTs pelos informantes, o que leva à ausência de resultados para algumas FTs e à dificuldade em tirar conclusões relativamente às razões que levam a certos resultados.

Este estudo, apesar das suas limitações, mostra-nos alguns caminhos a seguir no âmbito do plano de estudo do Curso de Português da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an. Temos agora mais certeza das vantagens da imersão para a aprendizagem da língua portuguesa e havemos de continuar a promovê-la. Pensamos também que será útil aperfeiçoar a preparação dos alunos a nível linguístico e cultural, antes da sua estadia no país da LA, para tentar evitar os efeitos da transferência negativa da LM, ajudando-os a ganhar consciência dessa transferência, e tentando facilitar, assim, a sua aprendizagem do português.

Referências Bibliográficas

- BARRON, Anne (2003). *Acquisition in Interlanguage Pragmatics. Learning how to do things with words in a study abroad context*. John Benjamins.
- CAOWEI (2005). “As Formas de Tratamento no Chinês Contemporâneo¹⁶”. In: *Jornal acadêmico da Universidade de Jiangsu* (Secção de Ciências-Sociais), 7 (2), p. 62 – 69.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo (1995). *Modalisation Linguistique en Situation d’Interlocution. Proxémique Verbale et Modalities en Portugais* (Thèse de Doctorat d’État en Linguistique), Paris: Université de Paris IV – Sorbonne.
- CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha (2009). “Uma Perspectiva Autodeterminada da Motivação para Aprender Língua Estrangeira no Contexto Escolar”. In: *Ciências & Cognição*, Vol 14 (2), p. 248-261.
- CRANE, Cybelle Croce Rocha (2011). “Língua Materna, Língua Estrangeira, Segunda Língua”. In: *Revista Paidéi@*, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, número 4, Julho. Disponível online em [http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=issue&op=view&path\[\]=43](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=issue&op=view&path[]=43) (Consultado em 9 de janeiro de 2013).
- CINTRA, Luís F. L. (1972). *Sobre «Formas de Tratamento» na Língua Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.
- CUNHA, C & CINTRA, L. F. L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*, Lisboa: Edições Asa.
- CORDER, S. P. (1993). “A Role for the mother tongue”. In: S. Gass. & L. Selinker, *Language Transfer in Language Learning*, Philadelphia: John Benjamins Publishing, p. 18-30.
- CUMMINS, J. (1988). “Second language acquisition within bilingual education programs”. In: L. Beebe (Ed.), *Issues in Second Language Acquisition*, Boston: Heinle & Heinle Publishers, p. 145-166.
- Dicionário de Chinês Contemporâneo* (revisito), Pequim: The Commercial Press, 1996.

¹⁶ Tradução portuguesa do título chinês.

- Duarte I. M. (2010). “Formas de Tratamento: item Gramatical no Ensino do Português Língua Materna”. In: Ana Maria Brito (org.), *Gramática: História, Teorias, Aplicações*, Porto: Universidade do Porto, p. 133 –146.
- ELLIS, R. (2000). *The Study of Second Language Acquisition*, 7ª edição, Oxford: Oxford University Press.
- ELLIS, R. (2003). *Task-based Language Learning and Teaching*, Oxford: Oxford University Press.
- ELLIS, R. (2005). “Principles of Instructed Language Learning”. In: *System*, Volume 33, Issue 2, June 2005, p. 209–224.
- GASS, S. (1979). “Language Transfer and Universal Grammatical relations”. In: *Language Learning*, 29, p. 327-344.
- GOUVEIA, Carlos A. M. (2008). “As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu”. In: Fátima Oliveira (org.), *O Fascínio da Linguagem*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 91-99.
- GYULAI, Éva Viktória (2011). *Abordagem das Formas de Tratamento nas Aulas de Português Língua Segunda/Língua Estrangeira*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras do Porto no âmbito do Mestrado em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- KRASHEN, S. (1985). *The Input Hypothesis: Issues and Implications*, London: Longman.
- LEIRIA, Isabel (2004). *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira: Investigação e Ensino*. In: *Idiomático. Revista Digital de Didáctica de PLNM*, nº 3. Centro Virtual Camões.
- LITIAN (2012). *A diferença das Formas de Tratamento e os Fatores*¹⁷. Tese submetida à Universidade de Zhengzhou para obtenção de grau de Mestre, disponível em <http://www.doc88.com/p-181634139328.html> (Consultado em 9 de fevereiro de 2013).
- LIYING (2011). *Análise do Uso das FTs em Chinês por Aprendentes de Língua Estrangeira e Sugestões para o Ensino*¹⁸. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Ciência e Tecnologia de Huazhong. Disponível em <http://www.doc88.com/p-637728770089.html> (Consultado em 9 de fevereiro de 2013).

¹⁷ Tradução portuguesa do título chinês.

¹⁸ Tradução portuguesa do título chinês.

- KLEIN (1986). *Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARQUES, Maria Emília Ricardo (1995). *Sociolinguística*, Lisboa: Universidade Aberta.
- MATEUS, Maria Helena Mira (2002). *Uma Política de Língua para o Português*. Texto disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2002-mhmateus-politicapt.pdf>. (Consultado em 9 de janeiro de 2013)
- MATEUS, Maria Helena Mira e VILLALVA, Alina (2006), "Glossário". In: Maria Helena Mira Mateus e Alina Villalva, *O Essencial sobre Linguística*, Lisboa: Caminho, p. 93-100.
- MATOS, Deise Moisés e FRUTUOSO, Maria Cristina Keller (2011). "Imersão em Línguas Estrangeira: a Interface para a Qualificação Profissional de Secretariado Executivo". In: *Revista do Secretariado Executivo*, nº 7. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo, p. 164-172.
- MEDEIROS, Sandi Michel de Oliveira (1985). *A Model of Address Form Negotiation: a Sociolinguistic Study of Continental Portuguese* (Dissertation), Austin, Texas: University of Texas.
- NUNES, Elisa Akiko Maruyama (2008). *As Formas de Tratamento em Japonês e Português na Perspectiva da Teoria Pragmática da Polidez* (Monografia), Curitiba: Secção de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.
- ODLIN, T. (1989). *Language Transfer*, Cambridge: Cambridge University Press.
- REVUZ, C. (1998). "A Língua Estrangeira entre o Desejo de um outro lugar e o Risco do Exílio". In: SIGNORINI, I. (Org.), *Língua(gem) e Identidade: elementos de uma Discussão no Campo Aplicado*. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: Fapesp, p. 213-230.
- RODRIGUES, D. F. (2003). *Cortesia Linguística* (Tese de doutoramento), Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- SCHMIDT, R. (2001). "Attention". In: ROBINSON, P. (Ed.). *Cognition and Second Language Instruction*, Cambridge: Cambridge University Press, p. 3-32.
- SEARLE, J.R. (1981). *Os Actos de Fala – Um Ensaio de Filosofia da Linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- SELINKER, L. (1972). "Interlanguage". In: *IRAL. International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, vol. 10, p. 209-231.

- SILVA, Maria Cristina Vieira da (2005). "A Aquisição de uma Língua Segunda: muitas Questões e algumas Respostas". In: *Saber (e) Educar*, 10, p. 97-110.
- SKEHAN, P. (1998). *A cognitive Approach to Language Learning*. Oxford: Oxford University Press.
- SONGZHIPING & ZHANGSHUWU (1997). "Breve Estudo na Comparação do Sistema das Formas de Tratamento em chinês e em inglês¹⁹". In: *Estudos Linguísticos de Língua Estrangeira*, 1997-3: 19-23, China Academic Journal Electronic Publishing House. Disponível em <http://wenku.baidu.com/view/b0e2e56aa45177232f60a2c8.html> (Consultado em 9 de fevereiro de 2013).
- SWAIN, M. (1995). "Three Functions of Output in Second Language Learning". In G. Cook & B. Seidhofer (eds.), *Principle and Practice in the Study of Language. Studies in honour of H. G. Widdowson*, Oxford: Oxford University Press.
- TROSBORG, Anna (1995). *Interlanguage Pragmatics. Requests, Complaints and Apologies*. Mouton de Gruyter. Florian Coulmas, Jacob L. Mey.
- WEINREICH, U. (1953). *Language in Contact*. The Hague: Mouton Publishers.
- ZHENGJINGLAN (2009). *Análise das Formas de Tratamento de Uso Comum em Chinês*²⁰. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Shandong. Disponível em <http://www.doc88.com/p-137711649416.html> (Consultado em 9 de fevereiro de 2013).
- ZUOYINGJUAN (2007). *Análise dos Motivos na Escolha das Formas de Tratamento através do caso em Chinês*²¹. Tese de mestrado apresentada à Universidade Jiaotong de Pequim. Disponível em <http://www.doc88.com/p-407987802326.html> (Consultado em 9 de fevereiro de 2013).

¹⁹ Tradução portuguesa do título chinês.

²⁰ Tradução portuguesa do título chinês.

²¹ Tradução portuguesa do título chinês.

ANEXOS

Inquérito A

Motivo e Efeito da Imersão em Portugal por Aprendentes Chineses

O presente inquérito tem como objetivo conhecer o motivo e o efeito da imersão em Portugal por aprendentes chineses. Não se colocam os nomes dos participantes. Faça o favor de responder consoante a experiência própria e real. Recolhemos e analisamos os dados para enriquecer a tese final do mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda. Obrigada.

NB: Estão marcadas as perguntas de resposta única. Para o resto, pode ser de escolha múltipla.

I. Motivo e Visão Geral da Imersão

1. Porque é que pretende estudar no estrangeiro?

- a. é muito popular entre os colegas
- b. seguir a opinião dos pais
- c. quer alargar conhecimentos da cultura do país de imersão
- d. ajuda a procura do emprego
- e. outros _____ (indique, por favor.)

2. Qual o(s) fator(es) que lhe apetece escolher o país destinatário?

- a. bom ambiente social e boas condições de vida
- b. propina baixa
- c. ensino qualificado
- d. facilidade de viajar
- e. outros _____ (indique, por favor.)

3. Porquê a Universidade escolhida?

- a. tem grande fama
- b. possui um plano de estudo bem organizado
- c. propina baixa
- d. muitos colegas vão e quero ser acompanhado

4. Como se candidata ao curso? (resposta única)

- a. solicitação particular
- b. do programa de intercâmbio

5. Indique a razão pela qual solicitou particularmente:

- a. a minha faculdade não estabelece intercâmbios com a universidade destinatária
- b. o período dos programas de intercâmbio não me apropria
- c. não me cai nenhuma vaga de intercâmbio
- d. outros

6. Qual é o período de imersão?

- a. 1º ano
- b. 2º ano
- c. 3º ano
- d. 4º ano

7. Porquê neste período?

8. Com quem mora no país destinatário?

- a. os inquilinos são todos nativos
- b. os inquilinos são todos chineses
- c. os inquilinos são só nativos e chineses
- d. os inquilinos são chineses e estrangeiros, nenhum nativo
- e. moro em famílias locais

9. Durante o período de imersão:(resposta única em cada branco)

1) nas aulas: fala-se a Língua Materna ____; o português ____; e o inglês ____;

2) fora das aulas: fala-se a Língua Materna ____; o português ____; e o inglês ____.

- a. quase não se fala
- b. poucas vezes

- c. às vezes
- d. muitas vezes
- e. sempre

II. Efeito da Imersão

10. A imersão tem resultados desejados? (resposta única)

- a. Sim, tenho ganhos em vários aspetos. (passe para a pergunta nº. 11)
- b. Mais ou menos, tenho mais ganhos em certas áreas e menos noutras. (passe para as perguntas nº. 11 e 12)
- c. Quase não. Não é como tinha pensado. (passe para a pergunta nº. 13)

11. Em que aspeto ganha mais? (resposta única)

- a. aprendizagem da língua
- b. cultura e costume
- c. paisagens naturais e culturais
- d. capacidade de lidar com os outros
- e. outros _____ (indique, por favor.)

12. Em que aspeto(s) ganha menos?

- a. aprendizagem da língua
- b. cultura e costume
- c. paisagens naturais e culturais
- d. capacidade de lidar com os outros
- e. outros _____ (indique, por favor.)

13. Quais os aspetos que não são como tinha pensado? Qual é, na sua opinião, a causa disso?

14. Durante a aprendizagem da língua, quanto ganha nas seguintes áreas? Ordene por grau de ganhos, de maior a menor: _____

- a. gramática
- b. audição

- c. composição
- d. oralidade
- e. história/cultura
- f. fonética (fonologia)
- g. dicas do uso da língua (pragmática)

15. Das disciplinas, quais são as mais úteis e quais as menos interessantes? Que outros conhecimentos pretende ter? Indique brevemente.

16. Deu atenção às formas de tratamento (ex.: *tu, o senhor, a menina*, entre outras) durante a imersão?

- a. nunca
- b. ensinam-se nas aulas
- c. dou muita atenção

17. O que acha das formas de tratamento na comunicação social?

- a. muito importante
- b. assim assim
- c. não importante

Acha assim porque _____

Inquérito B

Uso das Formas de Tratamento de PLE por Aprendentes Chineses

Alguns itens abaixo não têm uma resposta única. Faça o favor de escolher a mais adequada.

1. Pretende ir à Praça da República, mas não sabe o caminho. Pede ajuda a uma jovem desconhecida que encontra na rua. Qual lhe parece o modo mais adequado de o fazer?

- a. Bom dia. Importa-se de me dizer onde fica a Praça da República?
- b. Bom dia. A menina importa-se de me dizer onde fica a Praça da República?
- c. Bom dia. Você importa-se de me dizer onde fica a Praça da República?
- d. Bom dia. Importas-te de me dizer onde fica a Praça da República?

2. O filho quer diverdir-se com o pai e pergunta:

- a. Pai, tens tempo?
- b. Pai, você tem tempo?
- c. Pai, tem tempo?

3. Tem uma colega de meia-idade na turma, a Teresa. Dirija-se a ela para pedir uma caneta. O que vai dizer?

- a. Teresa, tens uma caneta para me emprestar?
- b. Teresa, pode emprestar-me uma caneta?
- c. Teresa, você pode emprestar-me uma caneta?
- d. A Teresa tem uma caneta para me emprestar?

4. Ordene por grau de formalidade, do mais informal ao mais formal.

4.1

- a. Afonso, vai ao centro da cidade à tarde?
- b. Afonso, vais ao centro da cidade à tarde?
- c. O Afonso vai ao centro da cidade à tarde?

_____ b-a-c

Agora, justifique a sua resposta.

4.2

- a. a Elsa
- b. a Dona Elsa
- c. a Senhora Doutora Dona Elsa
- d. a Senhora Elsa

a-d-b-c

5. Imagine que trabalha como médico e vai atender vários doentes, todos desconhecidos. Como vai tratar as seguintes pessoas:

5.1 Andreia Silva, 65 anos, reformada

- a. a senhora dona Andreia
- b. a senhora dona Silva
- c. a Andreia
- d. você

5.2 Ricardo Pereira, 40 anos, presidente da câmara municipal

- a. o senhor presidente Ricardo
- b. o senhor presidente Pereira
- c. o senhor presidente
- d. o senhor Pereira

5.3 Inês Gomes, 8 anos, estudante

- a. a Inês
- b. a menina
- c. a Gomes
- d. querida

5.4 Fernando Castro, 30 anos, empregado

- a. o Fernando
- b. o senhor Fernando
- c. o senhor Castro

6. O António e o Luís são professores da Faculdade, e também bons amigos.

- a. Um dia, os dois almoçam juntos. O António pergunta ao Luís se ele está disponível no fim de semana para ver um filme? O António pergunta assim:
-

Outro dia, numa aula, o António pergunta ao Luís, perante os alunos, se está disponível no fim de semana para levar os alunos visitar a igreja. O que o António diria?

7. Pedro Ferreira é o diretor da Faculdade e ao mesmo tempo professor de literatura portuguesa e doutorado em Língua e Literatura Portuguesas.

7.1 Numa reunião, os professores da Faculdade vão relatar o plano de trabalho ao diretor. O que é que eles dizem?

7.2 Num seminário de Literatura Portuguesa Medieval, convida-se o Pedro para dar uma palestra. O MC (mestre de cerimónias/anfitrião) apresenta o Pedro da seguinte forma:

A seguir, temos o prazer de apresentar _____ que dará uma palestra sobre Literatura Portuguesa Medieval.